



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO CENTRAL DE CIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**PRETOS, PERIURBANOS E CRENTES NA LUTA PELA TERRA – O MST DFE**

**RAFAEL BASTOS**

Brasília – DF, agosto de 2018.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO CENTRAL DE CIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**PRETOS, PERIURBANOS E CRENTES NA LUTA PELA TERRA – O MST DFE**

**RAFAEL BASTOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do título de mestre em Antropologia. Orientação: Christine de Alencar Chaves

Brasília – DF, agosto de 2018.

RAFAEL BASTOS

**PRETOS, PERIURBANOS E CRENTES NA LUTA PELA TERRA – O MST DFE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília.

Avaliação em 31 de agosto de 2018.

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Doutora Christine de Alencar Chaves - Presidente da Banca  
Universidade de Brasília

---

Doutor Marco Antônio Baratto Ribeiro da Silva - Membro Externo ao  
Programa

---

Professor Doutor Carlos Alexandre B. Plínio dos Santos- Membro Efetivo  
Universidade de Brasília

---

Professor Doutor Guilherme José da Silva e Sá - Membro Efetivo Universidade de  
Brasília (suplente)



## AGRADECIMENTOS

Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e às famílias assentadas e acampadas pela Reforma Agrária do DF e Entorno, por me fazerem acreditar dia após dia na transformação social implantada no ser.

À minha família, por toda a dedicação e compreensão pelas minhas escolhas, dividimos a trincheira e seguimos na luta. Especialmente minha companheira Beatriz Gomes, pelo amor e companheirismo, te amo. Aos meus filhos Iracema e Omar, por me darem forças para seguir na dor e sorrir, pelo amor de vocês. Ana e José, por sempre estarem a meu lado em todos os caminhos e minhas irmãs Paula e Fernanda, xs levo até a raiz. .

A minha orientadora professora Christine de Chaves, pela contribuição e compromisso na construção de uma pesquisa que esteja a serviço das reais necessidades do povo, a luta.

Ao companheirismo e solidariedade de tantas companheiros que de alguma forma contribuíram com a elaboração dessa dissertação, período de lutas e todas as dificuldades inerentes a vida nesses últimos tempos, nosso sorriso nomeia você aqui<sup>1</sup>, nossos olhares, obrigado, seguimos na luta para semear idéia a partir da prática.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

---

<sup>1</sup> Como prometido em março de 2014, obrigado Loryane Naciff-Terranova.

Cada generación, dentro de una relativa opacidad,  
tiene que descubrir su misión, cumplirla o  
traicionarla."Los condenados de la tierra" (1961)

## RESUMO

O presente trabalho reflete a teia de relações e marcadores na constituição do campesinato organizado na luta pela terra pelas famílias do MST-DFE. Desde 2012 tenho vínculo junto a minha família com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra do Distrito Federal e Entorno (MST-DFE). A pesquisa foi realizada na região de Brazlândia e Ceilândia, no Distrito Federal. Inspirado pelas discussões da antropologia e minha condição de 'nativo', a pesquisa busca uma perspectiva da constituição do campesinato na luta pela terra na capital federal. Refleti ações dos mais diferentes tipos juntos as famílias, nas ocupações de terra, ações políticas do Movimento e em seus cotidianos. No "campo", pude lidar notar que as pessoas eram concebidas a partir de ontologias distintas em relação ao imaginário camponês. Tal convivência redirecionou as reflexões da pesquisa, para uma investigação de sua estrutura familiar, alimentação, raça e religião, na relação geopolítica entre o campo e a cidade. Caminhei entre as áreas e as discussões passaram pelos caminhos do ser negro e nativo no desenvolvimento da pesquisa a partir de pequenos eventos, suportes para as reflexões. O trabalho foi dividido em três capítulos: o primeiro capítulo relata a entrada no Movimento de minha família, a construção das famílias entre campo e cidades na luta no acampamento Oscar Niemeyer. O segundo apresenta resgata um caminho da luta pela terra refletida na história como é compartilhada com os militantes e ao processo de nomeação do assentamento El Shaday, fruto de disputa política entre evangélicas e regras do Movimento. O terceiro capítulo busca compreender quais os reflexos da conformação do campo e da cidade na produção e consumo dos alimentos, no trabalho e na família, questões que são iniciadas no começo da pesquisa e chegam até Assentamento Canaã e o Acampamento Nova Jerusalém

**Palavras-chave:** pretos; periurbanos; crente; cidade; alimentos; terra; campo

## ABSTRACT

The present work reflects the web of relations and markers in the constitution of the organized peasantry in the struggle for land by the MST-DFE families. Since 2012 I have bonded with my family with the Movement of the Landless Workers of the Federal District and Environment (MST-DFE). The research was carried out in the region of Brazlândia and Ceilândia, in the Federal District. Inspired by the discussions of anthropology and my status as 'native', the research seeks a perspective on the constitution of the peasantry in the struggle for land in the federal capital. I reflected actions of the most different kinds together the families, in the land occupations, political actions of the Movement and in their daily lives. In the "field", I could handle noting that people were conceived from distinct ontologies relative to the peasant imaginary. Such coexistence redirected the reflections of the research, for an investigation of its family structure, food, race and religion, in the geopolitical relation between the countryside and the city. I walked among the areas and the discussions went through the paths of being black and native in the development of research from small events, supports for reflections. The work was divided into three chapters: the first chapter relates the entry into the Movement of my family, the construction of families between camp and cities in the fight at the Oscar Niemeyer camp. The second presents rescues a path of struggle for land reflected in history as it is shared with the militants and the process of naming the settlement El Shaday, fruit of a political dispute between evangelicals and rules of the Movement. The third chapter seeks to understand the reflexes of the conformation of the countryside and the city in the production and consumption of food, work, and the family, issues that begin at the beginning of the research and reach Canaan settlement and New Jerusalem Camp. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

**Keywords:** blacks; peri-urban; followers, city, food, earth; field

## **LISTA DE FIGURAS**





## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CEASA**- Centrais de Abastecimento do Distrito Federal - Governo do Distrito Federal

**CSA** - Comunidade Sustenta Agricultor

**CPT** - Comissão Pastoral da Terra

**FACINCRA** - Fundação Assistencial dos Servidores do INCRA

**ENFF** - Escola Nacional Florestan Fernandes

**INCRA** – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

**MDA** – Ministério desenvolvimento Agrário

**MST** – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

**PDA** – Plano de Desenvolvimento do Assentamento

**PAA** – Programa de Aquisição de Alimentos

**PNE** – Plano Nacional de Educação

**PCC** – Primeiro Comando da Capital

**PUC-SP** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**RA** – Região Administrativa

**RIDE** – Região Integrada de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal e Entorno

**TCC** -Trabalho de Conclusão de Curso

**UFG** - Universidade Federal do Goiás

## SUMÁRIO

NO CAMINHO				12
<b>NO CAMINHO DA ROÇA</b> <sup>25A</sup>	FAMÍLIA	ENTRE	DOIS	MUNDOS
				26
ENTRANDO NA LUTA				42
FAMÍLIA DE LUTA				47
NA ROÇA, O OSCAR				54
<b>NO CAMINHO DA TERRA</b> <sup>56UMA</sup>	HISTÓRIA		DE	LUTA
				58
A CAPITAL				61
NO DF				64
TERRITÓRIO DE LUTA				65
NA ROÇA, NA TERRA				68
NA PLENÁRIA				75
EL SHADAY				79
NOME ABENÇOADO				89
O CAMINHO ATÉ CHEGAR NA TERRA				95
NÃO REPARA A BAGUNÇA				97
<b>TERRA DA SALVAÇÃO, NOVA JERUSALÉM</b>				98AMÉM?
				104
NA BÊRA DA PISTA				111
DEMÔNIO ENGARRAFADO				115
CANAÃ				117
“DA TERRA E DO MERCADO”				121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> <sup>126</sup>	<b>REFERÊNCIAS</b>		<b>BIBLIOGRÁFICAS</b>	
				129

## INTRODUÇÃO

## NO CAMINHO

Olho para o caminho e os quilômetros que ainda terei que andar até o acampamento Oscar Niemeyer no sol. É começo da tarde em meio a seca de agosto. Olho para o horizonte da estrada trêmula, o calor típico do cerrado. Na sombra do abacateiro ao lado da estrada, vejo mais um carro passar e não reagir ao sinal de carona, são quase seis quilômetros de caminhada. A maioria das pessoas olha e não reage, carros vazios na maioria das vezes. Quando os carros passam e não diminuem a velocidade, o que ocorre na maioria das vezes enquanto caminho, fazem a poeira subir. Quando o veículo passa, dá para sentir gosto de terra, é inverno, frio à noite, ar seco e dias quentes. Depois de alguns carros, nada de carona, não havia mais sinal deles, volto à estrada, homem negro e com boné do MST, mochila nas costas sem óculos escuros, detalhes importantes na região. Sigo na estrada, ainda iria caminhar por cinquenta minutos aproximadamente depois de pegar dois ônibus e horas de transporte coletivo na maioria do tempo em pé. Um pouco desse processo sempre resulta em muito tempo para pensar, no caminho passo por muitas reflexões, uma em especial diretamente ligada à produção do trabalho, o quê pesquisar, do que falar sobre o Movimento?

Nesses últimos 5 anos, lutei, ocupei latifúndios, uma dezena deles, prédios públicos, inclusive na universidade, vivi a luta intensamente. Me guardei em diários, anotações para descrever esse universo que componho e o que seria importante discutir e a todo momento novos fatos traziam outras reflexões. Nos últimos tempos perdi meu pai presente nessa pesquisa, nasceram Iracema e Omar, me casei com Beatriz, mulher incrível que tenho a oportunidade de dividir a luta, e fui diagnosticado com esclerose múltipla, presente nas últimas caminhadas desse trabalho.

Enquanto caminho, fumo, fruto da terra trabalhada e penso como descrever a luta pela terra, o que evidenciar e refletir. Há pretensão de me aproximar da reflexão do “Antropólogo Inocente” Nigel Barley (1989), de tal maneira que haja sentido e razão em fazer antropologia, ciência concreta, como um nativo, orgânico “da base”<sup>2</sup>.

Nesse caminho, o meio de transporte são minhas pernas e o Passe Livre<sup>3</sup>, direito conquistado pela luta dos estudantes. Nesse caminho da pesquisa, poucas foram as pessoas que tive de dizer, “estou fazendo uma pesquisa” no Movimento e

---

<sup>2</sup> Base é moradia, famílias de uma determinada área, de acampamento ou assentamento, as vezes referência quem não é da direção.

<sup>3</sup> Cartão para transporte em ônibus do DF, que concede gratuidade a estudantes.

havia muito o que refletir, pois percebia nas poucas pessoas que comuniquei a informação, mudanças nas práticas em relação a nosso convívio anterior. Sim, busquei estratégias para explicar de forma escura, essa tarefa de desenvolver a pesquisa.

Não foi algo novo minha presença nas áreas e outros espaços, dormir na casa das pessoas, trabalhar em coletivo, estar juntos nas atividades e nas mais diferentes tarefas na militância. Sim, tive receio muitas vezes de explicar que estava fazendo um trabalho, uma pesquisa de universidade para meus amigos no intuito de não gerar outras posturas em uma relação antiga. Não deixei de explicar muitas vezes a pesquisa, prestei a atenção para tentar perceber mudanças nas rotinas após a notícia. Não vi problemática científica em pouco lidar com a questão do estar pesquisando meu mundo, sou um militante, como as pessoas que descrevo. Nessa direção, minha postura de pesquisador foi construída no sentido de manter minha condição primordial, o ser nativo. Uma perspectiva analítica que exige um Movimento importante de afastamento, dicotomia presente, uma vantagem em especial. Ajuda a superar a necessidade de um trabalho etnográfico de longa duração, para que os interlocutores se sintam confortáveis em minha presença. É sábio do povo não ficar à vontade para falar de suas questões cotidianas, incluindo aí os conflitos e dificuldades inerentes às relações familiares.

O caminho vai trazer exemplos e as situações ajudaram a pensar em seus desdobramentos, ser nativo Sem Terra, ter a luta como profissão de fé, ser negro, ser pesquisador são questões que sempre estão em simbiose no desenvolvimento do trabalho, a seguir um exemplo da discussão com a base. Onde surgem os motivos para discutir a religião com forma de associação política dentro do movimento.

Maria Moura, mulher negra, crente e assentada no El Shaday, militante da educação, excedente<sup>4</sup> do Canaã, cantora e educadora, me disse em certa vez, ela foi uma das primeiras pessoas que comuniquei que iria pesquisar o Movimento:

Rafael: Mary, vou escrever uma pesquisa da universidade sobre a luta e vou falar do El Shaday e de vocês.

Maria: Rafa, o que tu vai fazer? Monografia? tipo os meninos do EIV<sup>5</sup>?

---

<sup>4</sup> Excedente é a denominação nativa para família que está na luta e esteve em outra área e não foi avaliada para ser assentada e continua na luta, será sempre excedente de sua origem, o que marca um pouco de sua trajetória de lutas para as demais pessoas.

<sup>5</sup> Estágio interdisciplinar de vivência, promovida pela UNB com alunos nas férias para trabalhos e vivências em áreas rurais de acampamentos, assentamentos, quilombos e terra indígenas

Rafael: Vou apenas anotar, vou ficar mais atento, não fazia isso, vivia né. Vou buscar na memória algumas coisas e visitar vocês mais.

Maria: O que tu vai escrever?

Rafael: Te entrego depois o que eu escrever?

Maria: Vou ver hein.

Isso é ilustrativo do tom da produção, qual será o fruto do trabalho? Há sempre uma pressão, vou trazer o Movimento por meus olhos pelas ferramentas antropológicas que disponho. Não acredito que depois de lido, não será criticado, também espero que com isso o povo traga novos elementos para discutir. Neste caminho de pesquisa ou apenas a caminho da roça, logo pensei o motivo de fazer antropologia, descrever uma ponta desse vasto universo da luta pela terra na capital federal.

A conversação com o povo é fácil, pequenas falas, gestos, não são cultura ornamental, são temas de conversas, o problema das experiências mais comuns, partilháveis e que permitem um nível de interação específico. Falar a mesma língua e significar as variações e práticas nas interações, vocabulários da comunicação verbal que não esgota o potencial simbólico, o aumenta.

Uma das características centrais importantes do trabalho é minha condição de militante, tenho por profissão de fé a luta pela terra, sendo as outras ocupações profissionais secundárias. Entendo como profissão de fé, trabalho sem remuneração ou retorno direto, sigo por esse sentido, pela fé na transformação social, verdade na sua prática. Nessa caminhada, olho como pesquisador/militante orgânico comprometido com o processo de luta e com as metas estabelecidas pelo MST. A presente pesquisa busca definir desde o início princípios, critérios e objetivos coerentes com as diretrizes deste Movimento social, a fim de produzir análises que possam contribuir para luta pela reforma agrária e com o avanço da organização política e produtiva dos acampamentos e assentamentos do MST.

Na estrutura deste texto, sofro influência direta ou indireta de uma ética<sup>6</sup> de convicção anti-racista, associada e em interação com o conhecimento acadêmico-científico adquirido. Parto na necessidade de produzir sem reproduzir um

---

da região, frequentado por jovens de classe média alta em sua maioria, o que destoa do povo visitado.

<sup>6</sup>Segundo o *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*, ética “é em geral usada alternadamente com moralidade para se referir às obrigações e deveres que governam a ação individual” (Outhwaite e Bottomore, 1996: 278).

ethosacadêmico branco, direção ativa que orienta ou compõe a pesquisa, estudos e ações da constituição desta. Apoio a reflexão em Fanon (2001), o autor frisa que os ativistas negros sempre combaterão o racismo independentemente das articulações ou conformações políticas, simbolicamente, mas apenas na ação anti-racista. Assim sendo, aqui, ética da convicção antirracismo é o preceito e/ou valor moral de não se resignar com o preconceito e a discriminação raciais, bem como as consequências destes, tais como as desigualdades raciais epistemológicas. Ou seja, em última instância, na pesquisa a ética da convicção ligada ao antirracismo é o preceito de lutar contra o racismo em qualquer esfera da vida social. Seja na rua ou no trabalho, na escola ou na universidade, na vida pública ou privada, entre outros espaços, visando desconstruir o mito da democracia racial e, conseqüentemente, construir uma sociedade igualitária de direito e de fato. Vale destacar o chão dessas palavras juntos às experiências de vida, conforme a definição do sociólogo Carlos A. Hasenbalg:

“a noção de mito para qualificar a ‘democracia racial’ é aqui usada no sentido de ilusão ou engano e destina-se a apontar para a distância entre representação e realidade, a existência de preconceito, discriminação e desigualdades raciais e sua negação no plano discursivo” (Hasenbalg, 1995: 369).

No caminho para roça venho da cidade, nas atividades que desenvolvo no Movimento e também na pesquisa há esse roteiro e na tentativa de desnaturalizar as práticas nas áreas que estive. Piso e olho para minhas experiências no Movimento em outros estados e nas leituras, com arsenal antropológico a construção da teoria vivida (Peirano, 2000).

Proponho nos enveredar em um enredo sobre o processo de luta, interessado em algo, mas aberto ao novo, por isso é importante entender que a pesquisa é feita de diferentes situações concretas para discussão. Sou também sujeito da pesquisa, tendo minha história de vida, presente na investigação, uma tarefa. Na escrita por isso sou confrontado com a necessidade de expor questões problemáticas, contradições da luta pela terra no Movimento para resolvermos. Na escrita não vou florear ou construir uma imagem de perfeição da luta, ela faz sorrir, sofrer, tem vida e mortes, muitos problemas e um processo constante de procura de soluções para fazer avançar.

As análises sociais nunca são idênticas, pois o interior do ser humano, o social, não é mensurável, não é exato, não é passível de análises positivistas. A pesquisa pretende recortar histórias das pessoas, dar voz às experiências de vida não registradas, mas que são importantes para a constituição do campesinato na atualidade.

Ouvir e apreender as visões das pessoas comuns, dos idosos, das crianças, dos enfermos, das vítimas, dos trabalhadores rurais e urbanos e das elites é fundamental para a construção das ciências sociais. Nosso tempo não é constituído somente por uma conjuntura política e econômica, que está narrada em vários tipos de registros escritos, mas que também é vivenciada de formas diversas pelos sujeitos. No caso da pesquisa, a experiência da maioria negra, *crente* na luta pela terra no centro e arredores da capital federal.

A luta pela terra no MST-DFE é construída por uma diversidade de elementos não aparentes quando pensamos no MST e olhamos a bandeira colorida. A análise proposta como recorte na pesquisa acontece nas áreas no período entre 2016 e 2017, mas dialoga necessariamente com toda experiência dos anos anteriores que tive e ainda tenho no Movimento.

Os objetivos de análise de situações são passos no caminho de refletir o campesinato na luta pela terra no DF, seu ser social em algumas situações especiais para conduzir os olhares nesse caminho. Passo necessariamente pelas conquistas de assentamentos no território que compõe o Distrito Federal e sua região integrada (RIDE) economicamente, conhecida como o Entorno do Distrito Federal, composta por municípios do noroeste do estado de Minas Gerais e nordeste do estado do Goiás.





Essa demarcação orienta o caminho das reflexões de atuação do Movimento em relação direta com a área de influência de Brasília. O RIDE do DF e Entorno<sup>7</sup> demarca o processo de formação da área de influência de Brasília na questão agrária, social e política. A Região Integrada de Desenvolvimento (Ride) do Distrito Federal e Entorno foi instituída pela Lei Complementar nº 94/1998. A definição de sua área de abrangência, compreendendo o Distrito Federal, 19 municípios do Estado de Goiás e três municípios do Estado de Minas Gerais, não foi, contudo, suficientemente debatida. Dessa forma, terminou por englobar em uma mesma região de planejamento, municípios que mantêm com o Distrito Federal relações de natureza nitidamente metropolitanas com outros que estabelecem relações de natureza regional.

---

<sup>7</sup>Distrito Federal ,Alto Paraíso de Goiás (GO),Alvorada do Norte (GO), Barro Alto (GO), Cavalcante (GO), Flores de Goiás (GO), Goianésia (GO),Niquelândia (GO), São João d'Aliança (GO), Simolândia (GO), Vila Propício (GO),Arinos (MG),Cabeceira Grande (MG),Abadiânia (GO), Água Fria de Goiás (GO), Águas Lindas (GO), Alexânia (GO), Cabeceiras (GO), Cidade Ocidental (GO), Cocalzinho de Goiás (GO), Corumbá de Goiás (GO), Cristalina (GO), Formosa (GO), Luziânia (GO), Mimoso de Goiás (GO), Novo Gama (GO), Padre Bernardo (GO), Pirenópolis (GO), Planaltina (GO), Santo Antônio do Descoberto (GO), Valparaíso (GO), Vila Boa (GO), Buritis (MG), Unaí (MG)

Para seguir nessa direção, a região de Brazlândia é parte principal mas em seu retrato com as ferramentas propostas por Archie Mafeje (2001) sobre a possibilidade de produzir etnografias a partir de uma proposta afastada dos conceitos de alteridade e desvelamento de um outro enquadrável. A dinâmica da vida das pessoas não permite qualquer conceito analítico que as estabilize em classificações com fins de tornar o que parcialmente cogitamos em retrato fidedigno da vida de várias famílias. Para sintetizar a proposta a partir da obra de Mafeje:

“A dinâmica da vida inviabiliza, no caráter perene de categorias analíticas produzidas por investigadores, uma vez que todas as pessoas produzem etnografias. Ao invés de apostar na noção de cultura como algo marcante e englobante de determinada formação social, Mafeje sustenta que existem produções constantes de etnografias, que dialogam entre si, se somam, se anulam, se alternam, se transformam, se englobam e assim sucessivamente. Tais etnografias produzidas pelas pessoas não são separadas em áreas específicas, o que leva Mafeje a defender a produção de pesquisas "não disciplinares", não disciplinadas, mais do que "interdisciplinares" (Mafeje, 2001: 42).

A roça é um caminho, parto de um lugar, a cidade. Fui criado lá, na área administrativa de Taguatinga no DF na Tailândia<sup>8</sup>. Cedo vou para a capital Paulista, capital mundial, a Babilônia<sup>9</sup>. O caminho da roça é um retorno de trajetórias, sou herdeiro de uma história de lutas ou dos condenados da terra de Fanon (2001), na roça da cidade.

A luta que a pesquisa traz é fruto de uma história que aqui na capital começou há mais de 23 anos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, no território do Distrito Federal e Entorno: luta pelo acesso à terra e a construção das condições objetivas para a Reforma Agrária a caminho da transformação social, o Socialismo.

A pesquisa situa as dimensões da história de luta e memória do MST-DFE na em sua regional DF, como forma de contribuir para a atualização de seu legado, no contexto histórico e instrumentalizar a análise na luta social. Romper a cerca do

---

<sup>8</sup> Divisa entre as áreas administrativas de Ceilândia e Taguatinga;

<sup>9</sup> Apelido da cidade para moradores das periferias da região e nas áreas metropolitanas.

latifúndio, construir o acampamento foi e continua a ser a forma de ocupar um território sob domínio do capital, que se apropria indevidamente e também não cumpre nenhuma função social, por isso passível de aplicação da lei de Reforma Agrária, metodologia do povo. A ocupação e a construção do acampamento constituem uma ação de resistência, resistir e não sair da terra, reivindicar o que é de direito, negado por centenas de anos aos filhos da terra. Acesso ao alimento fruto do trabalho, uma “benção” da terra, algo sempre presente na alimentação, logo algo que é importante para entender a dinâmica da vida na luta.

A história da luta pela terra em nossa nação é o carro chefe do despertar de sua legitimidade e ela vem tocar as famílias que estão na luta de diferentes maneiras. Muitas pessoas são frutos, filhas da luta pela terra, muitas entraram pela necessidade de teto “fugindo das favelas, fome e desemprego<sup>10</sup>”, depois a busca do direito de ser uma família camponesa. Poucos nasceram aqui, muitos vieram com os mais diferentes sonhos para a capital, falava Edineide, mulher negra, coordenadora política, agricultora e contadora, mãe de quatro mulheres negras, avó e ex-moradora da Estrutural, acampada no 8 de Março<sup>11</sup>.

Aqui tem de tudo, jovem, velho, nascido por aqui e chegado há décadas, anos, meses e até dias no DF e vindo direto para um acampamento. Eu sou filha de uma lutadora pela terra, que ganhou essa batalha e hoje produz, criou toda uma família na terra, eu fui viver na cidade por exemplo e depois de muitos anos, volto à luta com minha família, crianças e tudo. Muita gente no tempo da estrutural não conseguiu barraco, veio para o acampamento e hoje luta pela terra, nem sabia plantar uma cebolinha. O povo da igreja veio todo para a luta, doido é que nem mato né, mas é nosso povo. Povo de luta, muita gente sofrida que mudou de vida com o Movimento, estuda e tem perspectiva sabe, fico até perdida nas palavras. Muita gente que luta já foi assentada e nunca deixou de militar para ajudar o povo, tem interesseiros como em todo lugar, mas o tempo separar o joio do trigo é tarefa né.

A luta, pela terra terá vários sentidos e por isso a história é múltipla, contada de diferentes maneiras para o povo, a história para as crianças, no estudo nos

---

<sup>10</sup>trecho da canção Assim já ninguém chora mais - Zé Geraldo, comum nas áreas do Movimento.

<sup>11</sup> Área administrativa do DF, fruto da cidadania insurgente que juntos a grilagem e especulação edificaram a maioria das cidades a começar pela primeira e maior Ceilândia.

acampamentos entre os núcleos principalmente, nos cursos de formação e em outros diferentes espaços de discussão desse tema. Conto como isso me foi apresentado algumas vezes e apresentei também ao discutir a luta pela terra, essa é uma de nossas narrativas básicas. Por isso o tema vem como ele é mais contato e no sentido mais concreto nas discussões nos lugares da pesquisa.

Como tudo começamos da criação, gênese, Deus cria a terra para todos, a gente está aqui de passagem, nosso corpo será matéria orgânica, dizia Bruno, negro, educador do campo, assentado no assentamento Roseli Nunes na RA<sup>12</sup> de Planaltina.

Passa milhares de anos, nós filhos de uma história de luta, o primeiros nas terras das Américas, somos invadidos pelos burgueses colonizadores que queriam explorar a todo custo tudo, a partir de um direito divino pela igreja da época<sup>13</sup>, escravidão, mortes, estupros, nascemos da violência, na invasão portuguesa e espanhola não havia mulheres, não foi por amor a miscigenação. Nós somos ainda um país escravista, o racismo não acabou, olha o extermínio da juventude negra no país é fato companheiros. Eles nos sugam como vampiros, sacos sem fundo, não vão parar até a gente acordar e estancar tudo. Resistimos através do tempo nos quilombos, na camunas com Canudos, pau de colher e muitos outros e por fim na favelas.

Nesse caminho na história passamos por algumas linhas presentes em cartilhas “materiais de formação” do Movimento sobre como discutir essa narrativa com o povo<sup>14</sup>. Nosso preferido é o Caderno 28<sup>o</sup> de formação de 1998<sup>15</sup>, que conta a história através das travessias, pequenas histórias para entender a história da economia Brasileira.. Nesse momento são refletidas de curso histórico, por exemplo, obras como “As Veias Abertas da América Latina”, de Galeano (1971) no sentido a provocar a reflexão histórica que o povo não tem na escola.

De 1500 a 1930, o Brasil é considerado como uma grande empresa extrativa, integrada na engrenagem do sistema mercantilista, explorada em função da metrópole e destinada a fornecer produtos primários para abastecer os centros econômicos da Europa, desconsiderando o mercado interno.(SILVEIRA,2003,p 19)

---

<sup>12</sup> Região Administrativa do Distrito Federal, esse não possui prefeitura, não é município, no decorrer do texto deixei de usar essas definições para deixar mais leve a leitura

<sup>13</sup> O questionamento da autorização da igreja católica Romana a empresa colonial é dita entre aspas em um conjunto de crítica a essa instituição, algo comum em meio a luta na regional DF.

<sup>14</sup> Material presente em todos os cursos de formação básica do Movimento.

<sup>15</sup> Depositório, [www.reformaagrariaemdadas.org.br](http://www.reformaagrariaemdadas.org.br)

Uma das frases épicas desse processo passa pela pergunta, “Deus deu escritura do para alguém que podia deixar seus iguais sem terra para viver? Quem ama o dinheiro e não seu próximo nunca sairá da escravidão. Primeiro mandamento da lei de Deus, Amar a Deus sobre todas as coisas e próximo como a ti mesmo”<sup>16</sup>.

A tarefa mais importante é apontar caminho e encontrar raízes, somos fruto de uma história de muitas lutas contra a opressão do trabalho pelo capital.

Até pouco tempo atrás relata Mitsue Morissawa, “Até pelo menos o século XVIII não podiam receber sesmaria os que não fossem brancos, puros de sangue e católicos. Assim, os hereges, os índios, os negros, os mouros e os judeus não podiam ter terra no Brasil”. (MORISSAWA,2001 p.58). Essa referências históricas não são ditas, mas essas referências não são idênticas “ quem são os latifundiários?, frutos de uma desigualdade de 400 anos de crimes do poder legislativo e de polícia contra o povo”. São metáforas de uma linha, atenção para a análise nos níveis do discurso político, do diálogo cotidiano sobre a estrutura agrária.

A estrutura de repartição da terra é apenas o resultado de um processo, por isso o escravizado, depois da abolição, geram uma exclusão contínua. Como relata Clóvis Moura (1994), a luta pela reforma agrária é lutar por mudanças estruturais, não só no campo, mas nas sociedade como um todo. Assim aparece na história pela a o Racismo estrutural, é levantada a bandeira da radicalidade, com o objetivo de construir uma sociedade mais justa, transformação social. A Lei de Terras criou barreiras legais a que um princípio básico do antigo regime sesmarial continuasse vigindo: a livre ocupação da terra por aqueles que dela necessitassem. Enquanto o acesso à terra foi limitado aos que eram livres, não havia prejuízos à produção agrícola nas grandes fazendas, pois isso era feito por trabalho escravo. Se a escravidão terminasse, os trabalhadores fossem libertos e a terra, a chamada grande lavoura, como as de cana ou de café, entrariam em colapso e com elas os fazendeiros: provavelmente, os trabalhadores optariam por trabalhar para si mesmos e não para os fazendeiros.

Para que o trabalho livre se difundisse era necessário, portanto, instituir normas restritivas de acesso à terra, de forma a criar artificialmente excedentes populacionais obrigados a trabalhar para os grandes fazendeiros como meio de sobreviver

---

<sup>16</sup>Mateus 22:37-40

(MARTINS,2000).

Ao possibilitar a apropriação da terra pelos trabalhadores, o meio principal de produção, base do processo de trabalho para emancipação social, traçamos uma rota contra os interesses do capital o dito muitas vezes na base como o inimigo<sup>17</sup>. Ele nos ataca e tentados, sabemos que ele não se joga pedra em árvore que não dá fruto. Disse Silvan, homem negro, agricultor, acampado no Oscar Niemayer quando aberto para entendimentos dos conteúdos.

A pesquisa é tributária da oposição as "etnografias acidentais" ou "pesquisas involuntárias" (Rodgers 2007) . A tarefa nessa caminhada é feita a partir de um lugar, nativo, habilitado a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social do Movimento nas áreas de luta. Seguindo estes passos segundo Gramsci (2001), todos os somos intelectuais, produtoras de ciência, mas nem todos assumem essa função na sociedade, a escola, o partido, a fábrica, a participação em organizações são exemplos de espaços criadores de intelectuais. Na visão gramsciana os partidos e Movimentos sociais podem criar intelectuais tradicionais e orgânicos, o MST a cada geração se renova e sua principal função diante da militância política é de formar intelectuais orgânicos, estudantes e pesquisadores, militantes vindos do campo e também cidade em diálogo constante sobre a luta.

Sem dúvidas é evidente que cada vez mais é necessário insistir na formação de intelectuais desta classe para que ela verdadeiramente alcance emancipação e consciência, ocupando os lugares de direito do povo. No caminho desta pesquisa é importante demarcar o caminho dos olhos de quem pesquisa e suas experiências nesse exercício. Quem fala e escreve? questão social e política, forma dita "cultura" de escrita ou verbalização não é a base de comunicação do povo. Ser militante é estrutural na escrita, tem um público nítido, o mesmo que produziu a pesquisa em um sentido coletivo, produção científica pintada de povo.

A forma de verbalização é a mais adequada para a comunicação a partir de seu arcabouço de quem fala, isso pulsa na forma de escrita que na pesquisa evidencia uma dificuldade de falar e escrever. Comunicar, a partir do uso de formas diferentes, como outra língua em que lidamos. A linguagem por isso é impossível não

---

<sup>17</sup> Teremos mais exemplos do emprego da denominação "inimigo" no decorrer do trabalho.

desencadear um processo confrontação com a produção dos centros, pois o estamos em tempos em que cada vez mais os clássicos “objetos” são pesquisadores.

Esse caminho passa pelo conflito por monopólio da representação legítima que se expressam na relação da produção científica sobre o campesinato e a disputa por sua narrativa, suas diferentes faces, negros, camponeses, periurbanos ou periféricos.

O mapa racial do DF mostra como a periferia é negra, a luta pela terra no campo tem do outro lado da rua a cidade. Olhar o mapa racial do DF não nos deixa dúvidas a periferia é negra e o campo também, olho para a militância da direção da qual faço parte e falarei a frente, entre doze pessoas, três são brancas. No texto a partir de algumas situações, vai ser elencada e discutida, uma característica presente no ethos da família camponesa. Os trânsitos entre o rural e urbano, a constituição desse trajeto no cotidiano da luta pela terra. O momento da avaliação<sup>18</sup> também será explorado para pensar o processo da transição do acampamento para o assentamento.

De um ponto de vista etnográfico, descrever as “situações consolidadas” vai implicar na historicidade da forma social e espacial a partir de alguns fatos. Neste sentido as áreas escolhidas para pensar o povo do Movimento, foram os acampamentos Nova Jerusalém e Oscar Niemeyer, junto aos assentamentos Canaã e El shaday. Na descrição, meus acúmulos nos anos anteriores nas áreas da região também serão condensadas na construção dos sentidos. Serão feitas descrições densas dos espaços e momentos especiais, base para refletir características da formação do povo que compõe a base do Movimento, famílias negras, acampadas ou assentadas, pobres e periurbanas, portadoras de um forte discurso crente que confere uma ética singular e características da militância e o retorno social de suas práticas. A pesquisa vai concretizar as áreas em descrições, não há primeiras impressões, sim novas, vou descrever a dinâmica social sobre a temática, narrativas do contextos, compartilhar os olhares e os sentimentos “traduzidos” e “expostos” no condensar de narrativas do povo. Depois disso agora é hora de nos enveredarmos pelas caminhos do povo na luta pela terra no MST-DFE.

---

<sup>18</sup> No caminho da pesquisa esse processo de avaliação de famílias acampadas para serem assentadas será aprofundado, neste momento é importante sua sombra para pensar etimologicamente.





## 1. NO CAMINHO DA ROÇA

### 1.1. A FAMÍLIA ENTRE DOIS MUNDOS

No caminho entre o ponto de parada do ônibus e o acampamento estou, faz sol, venho da UNB, peguei ônibus na rodoviária, caminho para o acampamento Oscar Niemeyer onde minha família é acampada. Paro e espero embaixo do pé de jamelão no meio do caminho por que vem chuva, a chuva das mangas ou dos cajus, é final de agosto, ela abaixa a poeira e venta forte. Eu não arriscaria ir andando, espero corona por ter que conservar livros e o computador na mochila que não é impermeável. É tempo de trabalho, devo plantar, tempo de mandioca, batatas, o ciclo das águas na região não teve regularidade nesses últimos tempos. Encontro ao chegar embaixo da árvore uma militante que também estava a caminho do mesmo acampamento, idosa e com sacolas de peso considerável há tempos descansava, irmã Avilene, avistei da estrada. Seu look é inconfundível, sempre um vestido. viscose e poliéster, minha mãe os adora, vestidos que custam menos de vinte reais. Ela promove também muitos bazares no acampamento pois recebe doações para o povo em sua igreja na Ceilândia no Sol Nascente<sup>19</sup> ou também mora com seu marido e a família de uma das filhas. Sempre de vestido, pode ser com uma calça embaixo ou não e os únicos tipos de calçados, chinelas e sapatilhas em todos os lugares, trabalho na terra ou uma marcha, ocupações. “Roupa de crente” muitas vezes escutei essa expressão em diferentes contextos. Ela é uma irmã, é referida com esse adjetivo por algumas pessoas, sejam elas reconhecidas ou não como religiosas é como uma expressão de respeito conquistado. Não é referência de uma igreja e sim a proposição de um *ethos* religioso, por frequentar esses espaços. Durante o tempo da pesquisa estive

Avilene: Meu filho, foi Deus que te mando, estou com medo dessa estrada e cansada, não tem um abençoado para dar carona pra gente.

Rafael: A gente não fica parado e segue como pode né, tem tempo que está por aqui?

Avilene: sim, cansei de andar isso com seu pai, a gente ia na fé demorava, mas

---

<sup>19</sup> A maior favela do país, bairro na RA Ceilândia. [caesb.df.gov.br/segunda-via-de-conta-agencia-virtual.html#](http://caesb.df.gov.br/segunda-via-de-conta-agencia-virtual.html#)

a companhia ajudava.

Rafael: Ele sempre dizia que vocês não ficavam parados por nada e seguiam mesmo.

Avilene: Como vai a família e sua esposa, quando vem os sem terrinhas? Você ainda está na UNB? Estudando o que? tem de ajudar o povo nessa luta meu filho.

Rafael: Ela vai bem, ainda não, primeiro chegar na terra né, depois pensamos nisso. Sim, estou na UNB, espero ajudar sim, eu faço antropologia.

Avilene: O que?

Rafael: A ciência de entender o que o povo entende, explicar como é nossa luta.

Avilene: Deus abençoe, e as terras? alguma novidade?

Antes de começar a responder, ouvimos uma buzina de um carro que se aproximava, era Sarney, negro, com grande bigode, pardal<sup>20</sup>, “esse aí nem vem no acampamento, mas no *Zap* sempre encaminha mensagens religiosas” disse Avilene como um tom de desconfiança. O militante que seguia para o acampamento Oscar Niemeyer não vive na área, mas passa neleboa parte da semana. Enfim, tínhamos uma carona.

Avilene dizia “ Oh glória, vamos meu filho, olha como Deus é bom. Escapamos de quilômetros de caminhada e chuva.

Rafael: Oh aleluia

Na pesquisa e antes dela, comecei a usar termos de religiosos sem perceber, comecei achar engraçado, mas gostava do efeito na sonoridade e era muito comum o uso em meio ao povo. Isso passa também pela construção de uma legitimidade por não ser cristão ou crente ou pelo fato de no começo da luta, não ter companheira na luta e filhos, todo mundo sabe que a luta é da família.

Já aqui é importante demarcar as categorias e deixar que o caminho torne concreto a idéia dos sentidos, o crente, é cristão, mas nem todo cristão é crente. Crer em cristo, ter como referência a bíblia, não é como ser evangélico ou crente, pois essas duas últimas definições na categoria crente, carregam marcadores. Características facilmente reconhecidas, como o uso de roupa social, esporte fino, pelos homens e o não uso da bermuda. Nas mulheres, sempre usam saia, mesmo

---

<sup>20</sup> Pardal é o militante que fica apenas na portaria, não vive no acampamento, mora na cidade e não contribui nas tarefas e lutas, mas sempre volta ao seu puleiroa guarda, paga para plantar e manter sua mandala no acampamento.

com calças a pesquisa trará mais elementos em seu caminho, pessoas que participam da organização dos cultos. São reconhecidas, tem um feedback, social, todas as pessoas mencionadas foram questionadas em algum momento sobre sua religião.

Avilene: Tem que multiplicar a casa filho, tem que semear o mundo é de Deus, não pode ficar desgraçado que nem esse povo sozinho na luta, não pode.

Rafael: No tempo irmã.

Avilene: Sem família não vai ser um homem, militante completo.

Rafael: Estamos jovens, temos que trabalhar e estudar muito antes de tudo, lutar né.

Por ser mais jovem e ser filho de uma pessoa que as pessoas sempre tiveram proximidade, transfere marcadores, muito foi transferido de meu pai, mas já faz mais de anos que conheço a irmã, isso parece conceder direito de emitir opiniões sobre minha vida, como um direito geracional.

Avilene: Meu filho, o casamento e a família, homem como cabeça e a mulher como corpo é natural da criação do mundo. A mulher considerada sábia é aquela que edifica o lar e a unidade da família tenha unidade, amor e felicidade, ela trabalha dentro a profissão fora é para o marido.

Rafael: amém

Curioso mas a seguir veremos nesse caminho que há contradições em suas práticas e discursos.

“Amém” e “aleluia” por exemplo, podiam ser usadas pela coordenação de uma reunião ao fim da fala das pessoas, como confirmação do tema e de outras formas como veremos nas próximas sessões. Por isso caminho pela ideia de SANCHIS (1997) sobre a religião cristã no seio do povo no país e na direção de um dado emblemático: “é no próprio coração da vanguarda moderna que encontraremos as marcas do passado. Não como sobrevivência, mas como tradição ativa e inconscientemente reinventada” (Sanchis, 1997, p.40). Até na estrutura do Estado, e nas identidades institucionais, verificamos traços dos resultados da porosidade social que remete a religião, podemos olhar para células da moeda nacional ou as cruzes em fóruns, câmara e senado federal. Sem dúvida a área rural na periferia urbana tem práticas tributárias a essa condição e vamos caminhar para poder visualizar.

É muito comum escutar, “*a luta é da família*”, entre o povo sem terra, pois é entendido que todo um conjunto de pessoas empregadas na luta em primeiro momento pela terra. Terra é um bem familiar pois como todos os animais somos finitos

e a terra é eterna, seguirá com as novas gerações. Interesse concreto, a terra, que desperta em seu processo consciência política da luta social e desenvolvimento ideológico familiar. Isso explica como muitos militantes em diferentes momentos acionam a família, os pilares da luta, suporte da sustentação das condições da militância. A família que não está toda na luta, pois a maioria da militância tem casa na cidade, vivem ou não nas áreas de luta. Ainda no carro que segue rumo ao acampamento Oscar Niemeyer, Sarney que dirige e pergunta , como vai a família? antes de responder, sem saber a quem a pergunta era direcionada, ele continua:

Sarney: amanhã meu filho vem com a mulher e meu neto, vai fazer até um carne enquanto a gente trabalha. Vem na roça, no mundo de seu pai.

Alvilene: Meu filho está vindo morar aqui comigo, uma benção, sair desse mundo das drogas e respirar melhor. Sua mulher Rafael não vem para cá não?

Rafael: Estudamos e é inviável ir para aula do acampamento pelos horários, estamos nos organizando sempre para estar juntos por aqui, né. A senhora sempre me vê e ela cada vez mais.

Sarney: Meus filhos também vêm aos poucos,sem eles aqui de vez em quando eu não dou conta não, meu filho ajuda muito na roça e o enteado que nem é da família é apaixonado pela terra, quer estudar veterinária. Menino da cidade, nunca viveu na roça e vai mexer com bicho na roça.

Avilene: Minha filha vai vir amanhã com meu genro também, uma bênção, vem até meus netos desse mundo, eles estão morando em Minas. Meu marido não me ajuda, apenas eu que estou na luta, com meus filhos, ele aposentou e vive no mundo e eu aqui na luta. Por isso a pastora disse que eu tenho que tirar é minha carteira e vou ter meu carro para não depender de ninguém e nem passar essa humilhação.

Sarney: A gente na luta e as coisas vão ficar para eles e não dão o valor, esse mundo é difícil, minha esposa tem problema, ela está sempre aqui, eu saio e volta e ela na luta o tempo todo.

Avilene: Minha filha e meus netos vão vir morar comigo logo que a gente estiver assentado, porque aqui no acampamento dá não, ninguém tem garantia de nada.

Ouvi esses relatos de pessoas com mais ou menos 4 anos de luta, com mais de 50 anos, depois de alguns minutos, chegamos ao acampamento. Agradei a carona, desci na portaria enquanto ainda chovia, iria conversar com o povo que lá estava, já me perguntando o que é a família na luta? As famílias estão na luta, mas não todas elas vêm para as áreas de acampamento. Elas não deixam de compor uma

família por dividir um teto também na cidade e de alguma forma ajudar com as tarefas da luta no Movimento. Os militantes não deixam de ser questionados quando limitados por alguma condição onde estão seus outros familiares para poderem ajudar nas demandas, a luta é da família. Isso fica muito expresso na avaliação<sup>21</sup> que sempre vai tender a assentar família inteiras que estão na luta ou família que vivem no acampamento. Essa última característica é sentida por ser uma das questões mais importantes ao pensar na avaliação das famílias, quem não vive no acampamento evidencia outra residência, uma menor carência. Onde então fica a família na luta, pois muitas pessoas como já dito vivem sozinhas em seus barracos, muitas estão em trânsito entre a roça e a cidade, diariamente por causa do trabalho.

As conversas do caminho ao acampamento são um passo para entender algumas questões norteadoras de uma discussão mais geral sobre as relações familiares na cidade junto ao campo. A partir das próprias relações no universo das famílias acampadas, sobretudo no que diz respeito às tensões existentes entre o rompimento ou não dos laços relacionais pela distância. Por exemplo Ceilândia e Taguatinga as cidades onde a maioria das famílias está não é maior que 30 Km, tem casos de famílias na Santa Maria e também em Águas Lindas de Goiás que não superam uma hora de transporte até o outro ônibus sempre necessário para acessar a região. As famílias estão separadas geograficamente mais estão juntas no processo da luta, pois tem além de laços afetivos, há relações materiais e ajuda mútua. Não há rompimento em nenhum momento entre os membros por causa de seu engajamento no Movimento. Mesmo que haja muitas histórias de problemas por causa do ingresso na luta, o que sempre é respondido pela pessoas de forma a consolar “ não gosta de sem terra que não conhece” dizia sempre meu pai, sobre essa tensão.

Busco me aproximar do que Veena Das (2007) chama de descida ao *cotidiano* dos sujeitos, mergulhando na construção ou reconstrução no dia-a-dia de suas relações, na busca dos sentidos de suas narrativas, de suas vivências, para que haja um entendimento dos usos dos espaços, assim como das noções de família. Para entender essa relação olho as análises de sociedades urbanas sobre a família feita por Janet Carsten (CARSTEN,2000) na apreensão empírica, a possibilidade de investigar formas de organização e vivências domiciliares a partir do modelo de família

---

<sup>21</sup>processo feito para avaliar as famílias que têm mais luta para serem assentadas. A totalidade dos acampamentos tem mais pessoas acampadas que a capacidade da terra de assentar essas famílias. Logo, esse processo é muito aguardado e comentado a todo momento pelo povo.

da unidade doméstica e sua dimensão de unidade de produção ou no processo de luta. Há inúmeros elementos para perceber que as relações muitas vezes refletem o grupo conjugal ou redes de parentesco na unidade de doméstica. O que não significa unidade de produção residencial, bastante diferenciada em outras sociedades ou em diferentes momentos do processo histórico da família camponesa na luta pela terra.

A família que está na luta não tem de residir no mesmo local e é evidente para todos que a participação efetiva na luta através do suporte de outras pessoas é o que é considerado importante. Na reunião de homens, os primeiros desabaços são feitos pela autocritica e reconhecimento de que a luta é mantida pelo suporte material das companheiras como provedoras internas, o oposto da mulher detentora da casa e o homem da rua, um eco das relações desiguais em nossa sociedade capitalista.

Nos acampamentos Oscar Niemeyer e Nova Jerusalém temos exemplos dessa condição, por Odilón, negro, cristão, agricultor e morador do acampamento e Francisco, negro e mecânico, respectivamente. Ambos são moradores do acampamento, tem profissão, desempregados e na luta, têm família na área administrativa de Ceilândia.

Francisco: Não tenho por que esconder que a luta é sustentada por minha companheira que trabalha na cidade e vem para cá no final da semana. Estou lutando para a nossa família então não preciso ter vergonha, não roubo nem preciso de nada de ninguém.

Dizia em uma conversa no mercadinho, quando o povo perguntava de sua família, uma parte garante a condição material na rua e outro luta pela terra, uma divisão do trabalho. Igual a Odilón, vive sozinho em seu barraco no acampamento, mas sua família, esposa Carla, negra, enfermeira e crente, junto a seu filho de 5 anos Rafael, negro, crente e estudante na cidade de Taguatinga. Dizia ele em uma discussão sobre como seria a avaliação das famílias a serem assentadas, pois discutimos a relação entre famílias moradoras e famílias em parte na área.

Reflico sobre família por duas linhas centrais: uma enfatiza a estrutura e a organização da família e a outra focaliza a família enquanto grupo engajado na luta pela terra, na interface destas duas linhagens emerge a família camponesa na capital do país durante toda a pesquisa. No caminho, interlocuções entre as análises que enfocam a diversidade e as mudanças da estrutura e da organização familiar, o valor que a composição “da família”, e os modelos de família ocupam numa dada sociedade ou segmento social. No campo, observei que a noção de família não é apenas na

composição da luta ou na força de trabalho necessário para o trabalho rural é antes de tudo, a pertença<sup>22</sup>, participação em todos os espaços.

Na guarita, na entrada do acampamento depois de cumprimentar as duas pessoas, Janice, me pergunta e sobre a família, “tu está vindo da cidade? Como vai a Bia, Rafa, ela gosta da terra?”. Detalhe, há poucos meses estava me relacionando e minha companheira frequentava o acampamento esporadicamente. Esse interesse comum fez parte de todo o trajeto da pesquisa, ele aponta para a importância na luta das relações de parentesco, casamento e a divisão sexual do trabalho. Instituição importante naquele meio para o meio para as pessoas nos acampamentos e assentamentos à família é um valor central. Ela existe em todas as sociedades, logo, varia em todas elas. A história, por sua vez, nos mostra que o modelo nuclear de família, que hoje nos parece natural, foi consolidado por volta do século XVIII, com a privatização da instituição familiar, uma necessidade do modelo de industrialização. Esse modelo de família com o qual temos nos acostumado a pesquisar ou trabalhar e que precisa ser desconstruído para que as formas reais que contam com apenas um dos cônjuges ou chefiadas por mulheres não sejam consideradas incompletas, irregulares ou desorganizadas.

O grupo familiar é uma realidade dinâmica, em constante transformação, junto ao processo demográfico, de nascimento, casamento, morte e condições materiais mutáveis que caracterizam a luta pela terra. Nos acampamentos, notei a existência da família segundo uma determinada estrutura familiar centralizada pela figura das mulheres, em núcleos familiares jovens ou em fase de envelhecimento.

Acontecia uma picuinha<sup>23</sup> quando eu cheguei na guarita, o carro seguiu acampamento a dentro, enquanto eu procurava lugar para colocar a mochila pesada. Achei um prego para pendurar, a conversa foi interrompida e enquanto eu cumprimentava o povo, me sentei em uma lata de tinta, o banco, sinalizando que iria participar do assunto.

Janice: O povo da picunha, produz? A produção é um orgulho, olha lá em casa! tá tirando tudo, somos trabalho, só sujeito histórico, o resto é picunha, vou produzir que não preciso falar. Eu vivo sozinha com o Toy (o cachorro), ninguém manda em

---

<sup>22</sup> Pertença é um dos quesitos avaliados para chegar a terra que dialoga com a presença nos espaços e o reconhecimento do povo sobre essa questão.

<sup>23</sup> Picunha é arrumar confusão, perseguir, fofocar, falar dos outros, sem ou com eles, contar segredos “vamos picuinhar”

mim não, pra que eu vou escutar o povo falar algo, minha família é quem eu colocar na minha casa.

Janice é minha vizinha, negra, agricultora familiar, coordenadora da produção do acampamento, moradora de desde o início da ocupação. Vinda da Bahia, após décadas como empregada doméstica na capital, até então sua única profissão na cidade, resolveu voltar às raízes, vaio viver no campo. Ela continua em tom de indignação:

“Tenho de escutar que não sou uma família, veja só, quero é saber qual é a família que produz e tá na luta mais que eu? Meus parentes vêm aqui, meus sobrinhos e amigos, sou produção, quem produziu mais que eu?”

Janice é considerada uma família? Sim, ela vive no acampamento e produz na terra, tem pertença, recebe ajuda de parentes com frequência, como exemplo de Avilene ou Sarney, mas diferentes destes, ela é moradora do acampamento, uma categoria de legitimidade frente aos outros que não são moradores. A família como unidade doméstica dialoga diretamente com a família como unidade básica de produção, toda a família tem alguma participação na produção da subsistência do grupo. Mesmo não morando, pois a produção sempre sai da unidade doméstica ou é compartilhada entre seus membros, que não são necessariamente estão no mesmo domicílio Uma unidade doméstica e outra de produção, separação além da divisão social e sexual do trabalho, tem dimensão espacial e ideológica, não deixam de ser relacionadas à produção de alimentos e transmissão de hábitos, costumes, valores e padrões de comportamento, a reprodução ideológica é uma função do grupo familiar, característica camponesa. (CHAYANOV, 1974). A picunha e a defesa de Janice expressam uma tensão de significados legitimadores da pretensão à terra: é-se uma família não só porque se mora junto na terra, ou porque tem um cônjuge que na cidade que auxilia no provimento da casa, mas também porque se trabalha a terra com o auxílio de familiares e amigos. A noção de família ganha, portanto, contornos mais amplos. A picunha tem variados significados, pode ser uma fofoca ou uma conversa sobre um assunto fora de um espaço coletivo, no entanto é um ferramenta política.

A picunha muitas vezes é ferramenta de articulação política, provocação ou até “provocação” de uma imagem. Olho a picunha na ótica na disputa de uma narrativa, ou seja, quando a ordem normativa é violada ou há impressão que deve ser testada. No entanto, a quebra de uma norma está mais associada à organização em si. Para



o indivíduo, tendo como base os estereótipos construídos, a *picuinha* é ferramenta política. Ela também é a conversa de aglutinação, articulação que acontece em qualquer espaço sem prévia preparação, para discussões, fácil definição quando há conversa em grupo destacado em qualquer lugar. Entretanto, o ato de focar promove troca de informações que fortaleceram as relações entre os envolvidos a fim de alinhar suas posições para disputas políticas. No terceiro capítulo haverá mais reflexões sobre o uso político da picuinha. Ela também divide e estabelece linhas de divisão em campos de disputa. É uma arma perigosa, pois pode gerar conflitos nas próprias linhas.

A família entre dois modos de vida, no campo e na cidade, são administradas de diferentes maneiras, pois é nítido a todos que quanto menos pessoas na família mais dificuldade de produzir na terra. Por exemplo, minha família é empregada de força que eram duas pessoas na luta pela terra e duas na cidade em relação à família nuclear, ainda morando na mesma casa. Com o falecimento de meu pai a dificuldade aumentou para manutenção do lote e produção. Mesmo com intensa atividade de militância em outras regionais, estados ou países, fui cobrado diversas vezes sobre o restante de minha família, por que minha mãe ou irmãs não estavam no acampamento, por exemplo. Minha família aumentou, me casei com Beatriz, tivemos Omar e por questões logísticas e de saúde não pudemos morar no acampamento. Antes dividido entre Taguatinga e o acampamento, hoje me divido entre Santa Maria e minhas tarefas na luta. Manutenção do fluxo de tarefas, mas distanciamento da base, perda de vínculo de minha família que tem estado apenas em tarefas externas à área. Isso gera um certo desconforto, antes todo tempo entre áreas de luta hoje mais do que nunca entre mundos.

Não é difícil encontrar quem está na luta e tem casa na cidade, essas que vão ficando para os filhos que constituem família e os pais muitas vezes aposentados, retornam à terra. Resgato uma reunião de coordenação em janeiro de 2018, a coordenadora de meu Núcleo de Base, Irene, negra, moradora do acampamento, produtora de ervas medicinais, diz:

“Companheiro, não é novidade a todas e todos presente da quantidade de tarefas que você está empregado no Movimento, mas todos sabemos que a luta é da família, e as tarefas internas do Movimento? Sua esposa não pode tirar guarda? Não podemos deixar

mandala<sup>24</sup> com mato, o povo luta por terra e não produz, como isso funciona? Quando um estiver em tarefa<sup>25</sup> o outro ajuda e quando não estiver onde estará? Não é um caso isolado, sei que tem que discutir no núcleo de base, mas é um caso comum e a gente não tem orientação.“

No caso de minha família, o tema foi decidido na reunião de NB que acontece no sábado pela manhã, caso apresentado e discutido, todas as falas foram taxativas, a avaliação será diferente e todas essas questões serão levadas em consideração na avaliação. Esse é o momento em que a direção e representantes da base acampada, avaliam as famílias e elegem as que vão ser assentadas e as que continuaram na luta pelo acesso a terra, primeira parte do processo ensinado no Movimento, acesso á terra, reforma agrária e o socialismo. Minha família é do núcleo de base<sup>26</sup> Carlos Marighella, composto por nove famílias. Logo depois da discussão foi postado no grupo do acampamento os critérios de avaliação já discutidos como universais na luta, postados pela coordenadora do acampamento Jaqueline, negra, administradora, não moradora mais contribui com a família de seus pais que estão na luta. Em toda seu período na tarefa de coordenação deixou posto que estava fazendo a luta como filha de uma família que estava acampada na área, mas que morava na cidade e contribui com a luta.

---

<sup>24</sup>Mandala é o lote, área de produção das famílias acampadas, usada para construir a casa e cultivar uma variedade de coisas, tem coisas básicas esperadas, como composteira, horto medicinal e sua aparência expõe o, o vínculo com a terra e o tempo dado para a organização estão intimamente ligados ao estado da área. Os outros critérios passam pela aparência da mandala da família, um termômetro da luta. Tem outros nomes, como tarefa, roça ou até lote.

<sup>25</sup> Tarefa nesse contexto é atribuição de uma responsabilidade de luta coletiva, no caso a guarda.

<sup>26</sup> A função e formato de núcleo serão explorados na próxima sessão. Por hora, é interessante pensar na identidade escolhida pelas famílias: elas configuram uma instância de decisão, a mais básica e importante.



As famílias em sua maioria vivem entre o campo e a cidade, morando, trabalhando e estudando lidam com essas problemáticas diariamente e serão avaliadas por elas antes de ter acesso definitivo à terra, serem assentadas. Não há uma estratégia para superar as limitações desenhadas, descrever as famílias vai ajudar na reflexão. Famílias essas não são definidas exclusivamente pela relação consanguínea, mas por produção, por viver sob o mesmo teto. Não há definição de família, sim definições, situações e conexões sobre os sentidos do que é família na luta, sua composição.

Esse tema família é questão presente em todo desenvolvimento do pensamento antropológico, pois a própria constituição da disciplina se deu, de certa forma, com estudos sobre parentesco e muitos debates se desenvolveram em torno deste tema (Radcliffe-Brown, 1995; Lévi-Strauss, 1982; Dumont, 1975). Por ser uma ciência que continua a pensar o tema, críticas são formadas, visto a apresentada por David Schneider (1972) aos modelos de parentesco usados na antropologia, que não passariam de pressupostos ocidentais de concepções biológicas e naturais da reprodução humana e social, suscitaram rupturas e reinvenções analíticas, sobretudo com os estudos feministas, para compreender as relações de parentescos em diferentes contextos etnográficos.

Analisar a família no MST é perceber as pessoas que estão em uma mandala no acampamento, têm um teto comum e participam das atividades, além de ter

produção, essa é uma família de luta. A família que está na cidade no “outro mundo” é família para as pessoas na luta, mas para a base acampada quando pensa na chegada à terra não, pois não têm participação na organização do acampamento, não são família. É importante que a família que mora na cidade mostre seu engajamento no núcleo na terra. Sua participação é reconhecida como importante, mas deve se materializar de algum modo na terra. Marilyn Strathern (1995) observa, por exemplo, como certas “obsessões teóricas” na pesquisa antropológica ligadas ao parentesco, inadvertidamente universalizadas e, com isso, transportadas para realidades etnográficas que, todavia, são muito distintas. Assim como Strathern, Janet Carsten (2000) também compreende o parentesco como possível de ser analisado para além de uma configuração apenas por meios e concepções biológicas. Nesse sentido, na produção no MST, a moradia, a participação nas tarefas são *a famílias na luta*, que pode ser parte de uma família maior, essa que não existe na luta, mas não deixa de ser família. Morar no acampamento implica diretamente na pertença dos indivíduos na atividade social cotidiana no Movimento, algumas famílias têm membros que trabalham na cidade. Outras famílias têm membros que vivem na cidade e contribuem com a luta, através de ajuda monetária e material, mesmo sem ir na área aos membros que estão na luta cotidiana. A família não deixa de ser uma unidade com divisão e tarefas para o objetivo que varia de sentido pela participação mas não deixa de ser interdependente. Como a alimentação e o trabalho em sua relação de produção no campo e na cidade que será discutida nos próximos capítulos, são essas dicotomias estruturantes no processo de organização das famílias no MST-DFE.

A produção de alimentos da terra, complementados pelos alimentos do mercado também é algo importante, está entre dois mundos, pois é régua da produção, impressão oferecida de uma pessoa por visitar muitas áreas, uma relação entre o campo e a cidade. Tive e tenho o prazer de comer muita comida boa, banhada de trabalho, “comida da terra”, junto com coisas industrializadas trazidas de fora, mesmo que essa segunda categoria ocupe mais espaços na composição alimentar, comidas ‘do mercado’ e “da terra” evidenciam uma questão política. Na avaliação de requisito elencados pelas famílias para avaliar quem será assentado no caso de uma

área de acampamento não comportar todos é a produção de alimentos<sup>27</sup>. Jiló, negro, militante assentado, dirigente político, cristão, crê em Deus, não frequenta igrejas, dizia em uma conversa com famílias sobre a conjuntura política.

“Comida é luta, não arma, nossa maior ferramenta de luta é a produção de alimentos, ela alimenta a consciência do povo da forma mais simples, enche a barriga e com saúde, somos o que comemos e todas as famílias devem ter ciência que sem produção não há Movimento, não há sentido na luta pela terra. A terra feita por Deus para seus filhos, todos somos e merecemos, viemos dela, vamos nos alimentar dela e a ela nossa corpo voltará”.

A produção também tem o significado de uma “benção”, “uma terra antes ocupada pelo inimigo<sup>28</sup> ” agora dá frutos ao povo, diz Regina, mulher negra, irmã, crente fervorosa, assentada no El Shaday, sem esquecer dos gritos de aleluia audíveis ao vizinhos. Costumes, práticas aparentes no trabalho da terra que tem a religião ao seu lado, no próximo capítulo irei explorar mais essa dimensão. O trabalho na unidade família tem conta as funções de reprodução material e passagem de valores culturais na dinâmica do cotidiano familiar (WOORTMANN, 1990)

Tem família de “mundos diferentes na mesma luta”, os filhos é a primeira vez que vêm na terra, esse povo é novo, moço” Fala Jucelino, Negro, crente e agricultor lutador acampado com o filho e nora, ambos negros, Zé Carlos e Marta no Oscar Niermayer há quatro anos. Jucelino continua, “Não é desmerecer os companheiros é o povo entender eles, não sabem, tem de aprender a produção, o povo é da cidade”. Os mundos coexistindo na luta, diferentes trajetórias de vida e apresentar um grupo a partir de ações coletivas organizadas, sustentadas por ideologias compartilhadas e reproduzidas, essa é a família que mais produz. Importante também salientar uma característica da luta pela terra, muitas pessoas estão trabalhando a terra pela primeira vez na vida. Dizia Jucelino, “olha as mãos do povo e vai ver muito, depois olha o barraco, rápido dá para saber quem é que vai apenas mandar passar trator na terra”. Sua família coordena o coletivo de infraestrutura e são os coordenadores de abastecimento doméstico e iluminação coletiva. O casal, filho e nora, não vai a igreja específica, todavia sempre os vi nos cultos na área ou na visita de algum pastor, estão

---

<sup>27</sup> Esse quesito aparece com o número 6 - Vínculo com terra, mas é um dos mais simbólicos, mesmo que não haja hierarquia entre eles.

<sup>28</sup> Latifúndio, o capitalista, burguês, polícia, Estado e representações contrárias a luta do povo, imagens atreladas a mal, o diabo cristão é o inimigo.

há 2 anos na luta. Jucelino, na área desde a ocupação tem formação católica e foi trabalhador do campo, chegou a conhecer a CPT, por isso a luta foi algo natural depois de sair do interior do Goiás, “o inferno”, onde chegou a trabalhar em regime de barracão, em resumo, trabalho escravo por alguns anos, hoje luta pela terra no Movimento.

No acampamento Oscar Niemeyer ou no assentamento há sempre o espaço para uma interpretação moral a respeito das formas de produção, a riqueza social e de seu mecanismo de distribuição. Todos têm direito, um campo aberto para aqueles que não se conformam aos modelos estabelecidos de injustiça social ou de condutas morais. Estamos na sociedade capitalista e carregamos todos os seus males, aqui vamos discutir e a contradição aí estará suspensa para que possamos superar.

A produção de alimentos na regional DF do MST-DFE, passa pelas condições do método convencional e construção de alternativas agroecológicas. Caminho sustentável e formador de consciência, a partir da proibição de uso de venenos pelo Movimento em todas as áreas além da formação da consciência desse problema. Já houve caso de uso de veneno, levando a família a ter de explicar na plenária e promover plantio de árvores no acampamento como pena pedagógica, não é um caso isolado. A luta não começa e as famílias que vêm à luta têm uma história e costumes que são adaptados às regras do Movimento e a formação política e ideológica vai discutir as práticas. Neste caminho nossas forças materiais são organizadas também pela economia moral, conjunto de ideias tradicionais de normas e obrigações sociais que funcionam como códigos que apesar de não escritos orientam as pessoas em suas condutas entre si e em relação aos demais. A solidariedade entre os vizinhos no trabalho da produção, visto que há muitas famílias de com apenas uma pessoa na luta. Como já refletido, muitas pessoas são famílias solas na luta e isso vai impactar diretamente a capacidade de produção, por isso é comum as trocas de diárias ou até mesmo a comprar de dias de trabalho entre vizinhos.

Por exemplo, Janice, Silvan e Jucelino são em minha opinião os maiores produtores do acampamento Oscar Niemeyer, opinião com base na produção que pude ver e muitas vezes ajudar a trabalhar em troca de ajuda da manutenção da mandala de minha família. Também é nítida a diferença nas roças de quem vive no acampamento e quem não, pois a manutenção e cultivo da terra é o princípio da produção sustentável. Uma família que vive na terra com seu núcleo em todos os

exemplos que posso recuperar agora é destoante das outras roças<sup>29</sup>. Uma roça que não tem uma família morando, normalmente não é limpa ou é limpa por outras pessoas e a falta de manutenção denuncia isso, a produção é fruto em muitos casos de um trabalho pago com dinheiro da rua. Exemplo, Manuel, negro, mestre de obras e agricultor, mesmo indo algumas vezes por semana ao acampamento Oscar Niemeyer e plantando diversas coisas, sua área não é limpa ou cuidada, andar no espaço dá esse efeito, pois mitiga o nascimento do mato e sua rebrota. A família pode até não viver no acampamento, mas tem uma grande área produtiva, poucas vezes trabalha na terra, mas tem ganhos trabalhando na cidade para pagar alguém pelo trabalho, alguns moradores da área, por exemplo.

Esses códigos de solidariedade servem para que os trabalhadores se organizem em torno de uma orientação moral de bem social, contudo, nem sempre isso acontece no sentido ideológica da luta social, às vezes por religião. “Só Deus para pagar vocês, por me ajudarem, o homem é pequeno frente ao amor divino e a graça que irá derramar em vocês” dizia Avilene, agradecendo pela ajuda de Jucelino e Silvan, homem negro, sem religião e membro da produção, vive sozinho no acampamento, mas tem família na cidade. “Somos filhos de Deus”, diz Jucelino e Silvan me olhava e diz, “sou é militante, nunca vi pastor trabalhando”. Este momento aconteceu com minha participação, estava no barraco lendo e fui chamado por Jucelino, “vamos ajudar a irmã ali”, chamados frequentes acontecem, principalmente durante a semana, quando o acampamento só tem “moradores”.

Tomávamos café da tarde em grupo enquanto o sol se ponha na casa de Jucelino, o tema da pertença é sempre presente.

Janice: Acampamentos semi abertos, o povo aqui apenas tem obrigação de dormir de sexta até domingo e volta para cidade para trabalhar, é fogo, e quer ganhar terra, nem fica aqui.

Silvan: Como trabalhar na cidade vivendo aqui sem carro, a gente ainda não tem capacidade de tirar o sustento por que não tem espaço.

Avilene: Oh irmão é nossa terra, Jesus vai nos abençoar, eu sei, estamos na luta. Vamos assim trabalhar na terra, sem cidade.

Janice: Olha tem gente que é muito Pardal, o mato entrando em casa. Como

---

<sup>29</sup> Mesmo sinônimo de mandala, irei usar as duas palavras com elas são empregadas pelas pessoas.

constrói a pertença<sup>30</sup> sem viver no espaço?

Silvan: Como vai manter uma família, sem conseguir trabalhar? Por aqui só tem bico, não pode querer excluir o povo.

Janice: A maioria pardal, tem carro e possibilidade de morar no acampamento e nem vem com a família. Sem contar que tem o povo que vem da cidade, não planta nada, final de semana faz churrasco e compartilha bebidas. O pastor por exemplo nem mora, mas sempre está fazendo cultos.

Silvan: Sim, tem muitos outros, mas tem o povo que não deixa de vir e quando consegue uma oportunidade vem de vez, esse povo já está fugindo da cidade. A maioria das famílias vem em partes. Dulci (Esposa, negra, técnica de enfermagem, nascida na capital) vem aqui, mas ela não vai morar até a gente ser assentado, ainda pagamos aluguel. Meu filho está formado e nem mora mais em casa, já vou ter é neto, fazer o que (risada)

Janice: Você não está falando dos pardais que tem o carro e é pardal mesmo, fica apenas na guarita, nem vai ao barraco. Mas Jesus está com os companheiros, sabemos quem podemos contar, sempre as mesmas pessoas.

Avilene: Eu venho sozinha na luta, meus filho tudo tem família, tenho 6 netos, meu marido tem é raiva, nem carona ele dá, eu venho na peleja. Vou tirar minha carteira e nunca mais depender desse povo. Só Jesus andar todo esse caminho aqui. Eu andava tudo com seu pai, a gente parava o tempo todo mas chegava, na fé meu filho, só assim mesmo, olha é muita fé, sabemos que Deus vai abençoar.

No DFE, todos os acampamentos são semi abertos, quer dizer que não precisa morar, como áreas fechadas para entrada e apenas há famílias que vivem na terra e a moradia é obrigatória, condição nesse tipo de área.

A família é sempre algo presente, pois a família é a unidade de produção, o grupo que luta tem parte grande nessa definição. A família acaba por ser a ou as pessoas que estão na luta no acampamento, isso vai fazer diferença na força de produção, pertença e participação na luta, tanto quanto na manutenção da reprodução da vida. Não é um problema viver sozinho no Movimento, não é visto uma grande diferença na avaliação das famílias, mas sim na produção e participação. Mesmo que

---

<sup>30</sup> Pertença é o reconhecimento da base, pertencimento ao grupo acampado a luta das famílias.



uma família de uma pessoa sempre receba, são da família, mas não na luta pois não estão presentes no dia a dia na área.

Não posso afastar a importância do indivíduo em si na ordenação e significação do mundo em sua volta, por isso a pesquisa deve trazer a todo o sentimento do significado na elaboração da realidade das famílias quando está sozinho na luta. Essa família, essa pessoa tem de suportar todas as tarefas inerentes à vida, participação no Movimento sozinho e que seria de uma família. Quem pesquisa caminha cuidadosamente sobre a corda, falar do outro, uma interpretação, outro você, outra cultura, faço parte dessa rede simbólica. Ao buscar o outro, o visível e o invisível, o que é dito e não dito e conscientemente, para construir uma reflexão que está para e vai além do saber da noção do nativo. Nessa tradução ainda escapará às elegantes estruturas e respostas alguma miudeza e sempre há algo mais para ser dito e mas uma lógica de orientação no oceano e gente.

Na escrita é crítica e autocrítica e as lutas que são acúmulos práticos, por isso a formação acadêmica antropológica é uma tentativa de empatia científica e a dinâmica social em um determinado formato e determinados pontos de referência. Entre dois mundos, “a cidade e a roça”, entre o “do mercado” ou a distância da família “na cidade” ou “vive na luta” caminharemos. Continuo na pesquisa a caminhar e logo chego no barraco número 13, a seguir penso como cheguei até aqui.

## **1.2. ENTRANDO NA LUTA**

Outros caminhos são possíveis por isso escrevo a dissertação a partir de questionamentos que apontam uma pesquisa mais longa onde outras ferramentas reflitam outros pontos. Sempre é possível espaço para dúvidas de minha trajetória e a partir de onde piso a construção da ciência, sem dúvidas isso ajudará a interpretação dos fenômenos sociais refletidas na construção dos objetos e a escrita vestida de pele preta nas páginas.

Na investigação social há problemas em relação a subjetividade de quem pesquisa, sua relação com o “objeto” sempre merece espaço para reflexão. As posições mudam em relação ao objeto na mesma dinâmica da trajetória de uma pessoa, os olhos em Movimento, a perspectiva. Motivo para expor parte da trajetória, minha graduação na Pontifícia universidade católica de São Paulo. Administrador, o

curso de Administração de empresas foi minha opção, na necessidade de condições materiais para minha permanência na cidade de São Paulo. No vestibular a primeira opção foi a psicologia, daí a média de valores oferecidos pelos estágios foi determinante, condições materiais.

O curso de administração em uma boa instituição, aumento o leque de oportunidades, já não havia dúvidas em minha decisão sobre o curso de graduação. A partir da proximidade com relações comerciais informais desde a infância junto a minha família e principalmente meu pai.

Vindo da toda uma vida nas escola públicas em diferentes turnos, fui um estudante mediano durante meus nove semestres de graduação. Não deixei de trabalhar em pelo menos um estágio, cheguei a ter três ao mesmo tempo no verão. Não participei de iniciação científica, tive média global superior a sete. Neste tempo de luta para estudar, convive toda graduação com a média alta burguesia paulistana, o que expôs muitas contradições materiais da sociedade e que acompanharam toda minha formação ao mesmo tempo que não houve muita reflexão sobre o tema. Impossível negar o racismo institucional por estar em um ambiente por muito tempo vedado ao povo, algo flagrante para a juventude de uma camada social que pouco ou nenhuma vez refletiu as problemáticas de raça e classe no desenvolvimento social do país.

Nasci em Brasília, filho de Ana Pereira dos Reis e José Antônio Gomes Bastos, administradora familiar e revolucionário tombado pelo estado. Fui criado no setor “M” Norte, a “Tailândia” encontro das regiões administrativas de Ceilândia e Taguatinga. Aos 14 anos de idade, um dos poucos garotos que podia contar nos dedos as vezes que havia dormido longe ou sem supervisão familiar. O estímulo a saudade de algo que ainda não conhecia, o que não fazia deixar de querer. Estudei em um ótimo colégio por meu pai ser parte no quadro de funcionários, ele trabalhava na limpeza. Tive acesso a esporte e comecei me destacar muito no atletismo, era treinado pelo “Professor” Tadeu Monteiro, professor aposentado pela Universidade de Brasília.

Aos 15 anos fui convidado a fazer um teste para participar de um clube de atletismo paulistano e viver na capital, após 2 anos de treino havia conhecido outro já participado do campeonato nacional escolar e vencendo as competições regionais. Fiz o teste, passei e com 15 anos me mudei para São Paulo, processo do teste o minha mudança, dois meses. Permaneci na atividade profissional do esporte de alto

rendimento até os 19 anos, em meu segundo ano de faculdade me mudo da república de atletas do estado de São Paulo que fica no complexo poliesportivo do Ibirapuera. Durante esses 4 anos em São Paulo, pude conhecer mundos e me encantar com a fauna e flora paulistana nos centros.

Largo a vida de atleta de alto rendimento, algo doloroso, nobre e pouco valorado. Nunca fui um atleta expressivo em nível nacional mas tinha bons resultados para me manter na seleção paulista nos campeonatos nacionais. O esporte figura meio para romper as cercas do mundão, nunca tive dúvidas desse papel.

Aos 17 ingressei no centro universitário Ítalo Brasileiro, no segundo ano de estudos, trabalho aos sábados e domingos no programa escola da família que paga o curso de graduação de forma integral para estudantes de baixa renda. Me torno um coordenador da empresa Júnior e recebo convite de um professor para trabalhar em um consultoria, onde fiz pequenas trabalhos. Agora morando sozinho, me mudo para o bairro Santo Amaro, antes de viver no Capão Redondo por dois anos. Este último um reduto negro “da ponte para lá”<sup>31</sup>, como dizem os poetas. A partir desse momento, vivia sozinho em um cômodo em um cortiço. Comer, lavar e limpar. Como nunca eu coordenava toda minha rotina e lutava pelas minhas condições de permanência na cidade e de minha “independência”.

No ano de 2010 com 20 anos por incentivo de professores, ingresso por transferência na PUC-SP. Na caminhada reflito, “a mercadoria trabalho é tratada no mercado antes de tudo pelo rótulo”, foram as palavras que mais me motivam a transferência. Não basta ser bom, o mercado não é lógico. Logo tive que aprender inglês, programar cálculos e vestir ternos. Estudei nos Estados Unidos, banquei minha a viagem a Nova York e trabalhei na campanha de reeleição do Democrata Barak Obama. Não havia ideologia, apenas era como uma disciplina da formação aos anseios do mercado de trabalho, minha experiência de trabalho internacional. Aos 22 anos empregado na gerência de um operação logística, recebi um holerite com salário de 5 mil reais, negro, jovem e morando sozinho na maior metrópole do país e estudante da prestigiada universidade paulistana. Instituição de ensino, coordenada pela igreja católica e educanda da burguesia paulistana eugênica, onde pude conviver com trabalhadores que trabalhavam 8 horas por dias e transportavam em média até

---

<sup>31</sup> Música do Racionais MC's que remete ao contraste social da vida do lados da ponte na avenida João Dias.

50 vezes o seu ordenado mensal por dia. Diariamente também convivía com pessoas que me apresentaram mansões, aeronaves e detinham patrimônio de dezenas de milhões. Naquele momento eu detinha a segunda maior renda de toda minha família. Vivía aí em uma república no bairro de Santana, na zona norte com militares das forças armadas e polícia estadual.

Além de existir em trabalhos para reproduzir a vida material, viver na babilônia me trazia muitas experiências, como construir rituais, ficar sentado na esquina da avenida Paulista e rua Augusta por horas vendo o espaço se transformar, antropologia urbana, primeiro livro da ciência que acaba de conhecer a muito praticava “ Jovens na metrópole” conjunto de artigo do NAU-USP. Nessa caminhada fui o único amigo negro na maioria da vezes, em momentos na universidade uma presença que destoava com espanto rotineiro.

Na luta pela sobrevivência a pessoa negra sempre terá que lutar contra o racismo, por isso não é surpreendente que eu tenha sido agredido algumas vezes pela polícia paulistana, por ser “suspeito” ou estar no lugar errado na hora errada, enquanto caminhava na rua.

Na vida acadêmica na PUC, me interessei pelo mercado de capitais, negociando ações, algo imaterial. Também o marketing, atividade de agregar valor imaterial, o que assemelha a “misterioso da forma mercadoria consiste simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais” o fetiche (MARX, 2002, p. 71). O marketing construído na academia da ciências humanas dita aplicadas tem o objetivo de pensar em ferramentas de comercialização de produtos com valor de troca incongruente ao valor de uso.

O consumo, tema central em muitas disciplinas tinha a cultura em sua essência, uma espécie de óculos de leitura. Por interesse ao tema, pesquisei, uma pequena varredura tive de refletir sobre a teoria do consumo conspícuo. Proposta por Thorsten Veblen (1974) utilitária para pensar que o consumo tinha um sentido social central. A antropologia a partir disso figura em meu arsenal teórico já que os consumidores e os bens produzidos por pessoas em função do princípio social de lucro ao proprietário. O consumo foi meu fio condutor de TCC, a partir de abordagens que marcavam fluxos de trocas monetárias em uma loja de roupas na esquina da avenida Paulista com a Brigadeiro Luiz Antônio em 2013.

Decidido a entender o que as pessoas entendem, decido continuar estudando e entender mais da ciência que acabará de me seduzir, a antropologia. Sigo para a

UFG, pela possibilidade de cursar algumas disciplinas como aluno especial e outras na graduação e entender um pouco mais sobre antropologia e cursar o mestrado em uma universidade pública. Durante o período de preparação para o tarefa do mestrado em antropologia na UFG, sempre estive presente nos acampamentos de todo DFE, maior parte de tempo de passagem, não como militante. Conheci o povo e vivi um pouco das várias realidades da luta pela terra, um mundo novo e que queria conhecer. Por onde passava, sem tarefa definida ajudava no que o coletivo precisava. Todo esse tempo eu abandonei o campo que estava na minha proximidade, na infância mais ainda, me torno então alguém da cidade, volto ao DF, na periferia, também volto ao campo das infâncias.

A narrativa de minha entrada no Movimento tem como marco, o ponto de partida a iniciativa de meu pai, acampado desde 2011 e diferente de 10 anos atrás essa luta é para nossa família, novembro acredito. Até 2014 no meu retorno para a casa de minha mãe, eu visitava o “Oscar” Acampamento Oscar Niemeyer, e contribuía. Visto que a luta é da família, ele meu pai nunca escondeu que eu iria dar seguimento. Ele viveu muito a luta no DF, um militante, crente fervoroso e frequentador da igreja, acompanhou minha inserção no Movimento. José, negro, analfabeto funcional, servidor público que sempre pregou a educação como ferramenta de emancipação. Dizia, “tenho a natureza de terra, a origem da família e tu vai ter a de estudos também”. Filho de família original de Feira de Santana, cresceu em Salvador e depois migrou para o extremo leste de São Paulo. Mesmo morando na cidade e “fichado”<sup>32</sup>, não perdeu contato com a “roça”, mesmo com uma plantação em latas por todo o lote na cidade. Em toda casa como roça, algo que estava longe e perto sempre houve muitas latas de plantas. Sempre havia algo que plantar, mas a terra não era da família. Em busca de terra para a família, um lugar para trabalhar a terra e produzir , meu pai entrou no Movimento.

### **1.3. FAMÍLIA DE LUTA**

Retorno a 2014, a casa de meus pais, já fazia 9 anos que não estive onde cresci por mais de 30 dias consecutivos, a luta é da família e não apenas de uma

---

<sup>32</sup> Empregado formal em uma empresa privada

peessoa, meu pai que lutava por todos, um processo de divisão do trabalho. Não é diferente de muitos militantes, como Zezé e Irene, mulheres brancas, diaristas e moradoras do acampamento, mas seus filhos já adultos vivem na cidade na casa onde cresceram, elas não escondem que a luta só acontece por ajuda e suporte deles. Fui convocado por meu pai a auxiliar os trabalhos que eu já havia executado algumas vezes, passei uma semana na “roça”<sup>33</sup>, me tornei braços, trabalhava a terra sob orientação. Meu pai tinha 67 anos e muita experiência, eu sem acúmulos na tarefa da produção tive que aprender, *menino da cidades vai aprender*. Não deixava de ser lembrado nesse processo até ter calos. Ana, minha mãe, sempre organizou as finanças e coordenava toda a vida da família, visita com pouca frequência o acampamento por não termos veículo e toda a problemática da caminhada ou de caronas insertas. Minhas irmãs Jéssica Fernanda e Tânia Paula, negras, estudante de ciências contábeis e jornalista, pouco tinham contato com o Movimento. Vivem na casa de minha mãe também Pietro e Wander, filho e companheiro de minha irmã estudante. Minha mãe nunca deixou de trabalhar para as bases materiais da luta e por problemas de locomoção como andar muitas vezes por não ter carona, alguns quilômetros ou “deixar a casa só” ela pouco participou, esteve algumas dezenas de vezes na vida da roça, mas sempre foi o suporte do outro lado. Não é diferente do caso de Irene, negra, doméstica, acampada no Oscar Niemeyer e tem casa na Santa Maria no outro lado do Distrito Federal. Fui até a casa de Irene, buscar mudas de plantas medicinais, uma pessoa que tem um horto vastos, cuidados também por Tõe, seu companheiro, negro, agricultor habilidoso e trabalhador de serviços variados. Muita amiga de meu pai, que a visitava me fez compartilhar o costume de tomar café em sua casa de passagem, nesses momentos conversamos de tudo.

Rafael: Irene e seu povo, tudo bem?

Irene: Sim, olha a foto de meu neto, que lindo.

Rafael: Seus filhos não vêm na luta?

Irene: Vem sim, me ajudam muito né, não sou aposentada e dois vivendo de bico, sabe como é né. Mas aqui é muito melhor Rafinha eu quero é paz, muito coisa ruim na cidade e os meninos com família, eu e o velho vivemos bem, aqui vou viver mais.

---

<sup>33</sup> Relação de dicotomia com a cidade, vai no vocabulário figurar o campo “roça”, denominação referência dos moradores.

Rafael: Tõe, senta moço.

Ele me olha

Tõe: Meu filho, despertei tem horas que to arrumando as coisas aqui, tava na soneca e escuto vocês, olha, saí da roça para vir para a cidade, to com os filhos criados, vou cuidar de minha vida aqui na roça agora. Vou plantar na minha terra e no final vai ficar para eles, que pouco vem aqui, queria só assistir esse circo.

Rafael: Vish, mas tu tem muito tempo ainda

Tõe: Aproveita o tempo menino, todo mundo tem apenas sua cota

Meu pai já entre todas as complicações de várias doenças e aumento vertiginoso de diabetes, mesmo quase sem visão tinha uma vida agitada de camponês diária, como o vizinho mas não fazia mais bicos. Acordar cedo, antes das 5h, a refeição mais importante do dia, o desjejum, composto de batatas doce ou milho e ovos caipiras, sempre figuravam na refeição “coisas da terra” sempre acompanhadas de chá de ervas que plantamos no acampamento em nossa mandala, no horto medicinal doméstico. Isso acontecia quando este sozinho na maioria dos dias da semana ou com minha presença, antes de começar um dia de trabalho.

O acampamento semi aberto vai proporcionar esse Movimento constante campo e cidade. Meu pai saía do acampamento duas vezes por semana, 18 km de distância de carro ou dois ônibus o principal, são 5 km do ponto até o acampamento a sorte de uma carona. Na cidade, minha família lutava junto com alimentação, ajuda financeira e todo o suporte para que ele tivesse oportunidade de desenvolver suas tarefas na roça, algo comum nas trajetórias. Uma família como muitas outras do Movimento, divididas entre roça e periferia. Em mais um café, entre vários na casa de Jucelino meu vizinho, falava mais uma vez sobre o perfil do nosso povo.

Jucelino: Algumas pessoas são de terra e outras não, tem gente que trabalha e gente que quer aprender, o restante vai comprar no mercado. Mas sozinho aqui não é fácil, está na cara. Tem gente na luta que a família nunca veio aqui ou vai vir, apenas aparece às vezes nas festa do acampamento e no final serão os grandes beneficiários.

O vizinho da esquerda na rua no acampamento Oscar Niemeyer, é Agnelo, homem negro, mecânico. Trabalha na cidade de segunda a sábado, vive no acampamento, mas tem família nuclear na cidade que vem todo os finais de semana. Suas filhas estudam em uma escola na cidade e por isso ainda não podem se mudar, visitam o acampamento. Todas as noites ele chega ao acampamento, por volta das 8h da noite e sai às 6h00, sempre uma carona pontual, conversamos muito. Ouvi

como companheiro, vizinho já por dois anos, sobre sua chegada na luta. Ele acampa, ingressa a convite de Mário, um companheiro que saiu da luta e foi para a cidade, mas seu barraco foi ocupado do Agnelo que se apresentou ao povo, disse firmou seu compromisso perante a reunião de coordenação e começou a lutar.

Agnelo: Moro aqui e vivo indo na cidade para tudo, não tenho como me manter pela terra, estou na luta de qualquer jeito. Trabalho fichado na oficina e não tenho outra fonte de renda, minha família está em São Sebastião, não teria condições de ir e voltar e depois de conseguir o emprego nessa crise, tudo se encaixou.

Essas declarações apenas evidenciam qual não um modelo mais uma dinâmica familiar na luta pela terra que está no campo em constante relação com a cidade. A cidade é presente nas áreas pois é construída por pessoas que a pouco saíram da cidade e entram ao campo sem perder seu vínculo externo ou até em trânsito constante.

Essa perspectiva impacta a concepção de quem faz a luta, o termo *luta* não era entendida enquanto propriedade dos indivíduos. Por diversas vezes, ouvi e disse que a luta é da família, ultrapassando as separações estanques de pessoas singulares. A família era um recipiente trans-individual que continha a luta coletiva e não, mais uma vez, um todo, marcado meramente por anatomias e idades distintas de seus membros. O pedaço de terra só se torna possível por uma luta coletiva que envolve muitas famílias, formadas, na maioria das vezes, por mulheres e crianças, algumas vezes por homens também solos também. Quando os militantes diziam que a luta é da família, também diziam que mulheres e crianças lutam e até tentam incluir membro externos. Os adultos ocupam a terra junto com as crianças e todos seus parentes, mesmo os externo que não participam da luta.

Jamima, mulher negra, indígena, agricultora, mãe de seis filhos não deixa de lembrar, luta é criar os filhos no meio da terra. A luta é de toda a família e a ela pertence, assim como tal noção de família pertence à luta imbricamento necessário para entender essa dinâmica.

A alimentação familiar sempre teve algo que foi plantado por nós ou familiares e outros comprados da cidade, essa dicotomia campo e cidade vai aparecer na alimentação como coisas da terra e do mercado. Por exemplo meu tio materno, “Tidu”, plantava e ou ajudávamos no serviço, comida boa era a “original” sinônimo de orgânica, sem veneno “tóxico”. Sempre houve em minha vida um apego grande ao *original*, o orgânico, plantado por ele, pois era sinônimo de saúde. Debate que sempre



acompanhava o começo do dia, a partir da primeira refeição, onde eram anunciadas as tarefas da manhã, as mais importantes, ritmo dos trabalhos do dia. O dia de trabalho assim começava, pois o final da tarde é para descansar e ver o sol se pôr com “chimarrão” e respirar, sem esquecer que amanhã tem sempre mais. Um militante morador que conhecia todas as pessoas, meu pai era conhecido com típico “mandioca<sup>34</sup>”.

Como bem destacou Alfred Gell (2008), “o consumo é parte de um processo que inclui a produção e a troca, cada um dos três distinguindo-se apenas como fases do processo cíclico de reprodução social, no qual o consumo jamais é terminal” (Gell, 2008:146). Nesse sentido, comer conjuntamente produz relações, práticas culturais.

Isso leva a refletir sobre as raízes e trajetória, minha família materna e paterna é Baiana, vinda do oeste do estado e consolidada na capital federal. Minha mãe vem para a capital para trabalhar como empregada doméstica em 1971 em pleno regime militar, trabalha 16 anos na mesma casa. Vinda de uma pequena cidade chamada Jupaguá - BA, onde os endereços têm nomes e o chão da cidade é areia branca. O rio tem peixe para o café da manhã. Filha de uma numerosa família que tem um barzinho na cidade. Não teve permissão para estudar na capital, mantida por uma patroa que proibiu visto seu estado de dependência. Paula, nasce em 1982 e vive junta a minha mãe até 1988 em Taguatinga quando conhece meu pai. A vida segue e eles são contemplados pelo programa de distribuição de lotes residenciais a famílias de baixa renda, parte do programa de erradicação de invasões em 1990. O tempo passa e diferentes trabalhos compõem as opções para a reprodução da vida, sem que em qualquer momento, o trabalho agrícola seja extinto.

Em 2001 meu pai está no MST-GO, para ajudar meu tio, acampado em Flores, GO<sup>35</sup>, onde é assentado no acampamento José Ribamar. Depois 8 anos, ele vai ingressar com dois amigos no Movimento já no DFE, próximo a residência de nossa família. Participa das lutas, sofre 4 reintegrações de posse pelo estado. Nunca deixo de escutar pessoas que contam histórias de luta junto a meu pai e que conhecem minha família. Não pude ver, mas senti sofrimento que chegava por telefone quando ocorria esses percalços no caminho. Todas minhas visitas na férias a minha família eram rodeadas pela visita a roça, lugar onde meu pai passava a maioria do tempo.

---

<sup>34</sup> Militante que prioritariamente fica em tarefa dentro da área.

<sup>35</sup> 150km do DF, sem acesso por transporte coletivo.

Logo por essas visitas, acabo trabalhando e conhecendo o Movimento, Havia de minha parte desconfiança e receio. Em 2014 já em dezembro por recomendação de meu pai, ingresso na luta pela terra de forma orgânica, recebo a tarefa do setor de formação no NB, mesmo morando em Goiânia.

Já em fevereiro de 2015 retorno à casa de meus pais e recebo a tarefa de coordenador de formação do Oscar Niemeyer, junto a camarada Jovina, mulher negra, companheira de Edmilson, negro militante, hoje ela compõe a direção do acampamento Noelton Angélico. Participo de uma formação, também de duas ocupações e estive todo esse tempo na tarefa da brigada de formação Rosa Luxemburgo. Por minha disponibilidade de tempo, logo me transformo em um “rato de acampamento”<sup>36</sup>. Vou conhecer todas as áreas da regional e participar de inúmeras ações, ocupações de terra, órgãos públicos e trancamentos de rodovias. Práticas que antes nunca haviam passado pela minha cabeça participar, por ignorância do sentido. Apenas nas “manifestações de 2013” ainda em São Paulo, estive presente e contribui com o processo, sem estar associado a qualquer organização. Ainda não me sentia militante por completo, ainda não sou, o sentido da luta eu pude entender depois de conhecer algumas famílias assentadas na luta, expressaram sua gratidão pela emancipação social. Depois de mais de uma ano de lutas, ainda era o filho de José, em minha referência, participei como educando de espaços de formação política.

Após meses na tarefa de formação recebo um convite para participar do curso de teoria política latino americana na ENFF (Escola Nacional Florestan Fernandes) em Guararema. A tarefa do curso teve a duração de 90 dias, todo tempo foi proposto com intencionalidade e foram diversas viagens pelo Brasil com um grupo de mais de 40 militantes de 15 países e diferentes continentes. Espaço de convivência e experiências que mudaram completamente minha visão de mundo, tive acesso aos mais diferentes métodos de análise crítica da realidade. Pude conhecer experiências de luta ao redor do Brasil e compartilhar com pessoas que lutam em toda América.

Ao retornar da tarefa do curso, houve aí uma mudança de sentido de luta social, em torno meu ser preto, um despertar a minha condição a partir de abertura e introdução na vida, o maior choque até então. Foi meu primeiro contato com a temática racial, sobrevive com máscaras pois longe casa sempre estive em ambiente em que

---

<sup>36</sup> Nomenclatura para militantes que têm possibilidade de rodar várias áreas e contribuir, na maioria jovens.

fui o único ou um dos únicos negros e não adentrei por quaisquer motivos que sejam a essa questão hoje estruturante de minha vida. As leituras da obra de Florestan Fernandes e Roger Bastide, *Relações entre negros e branco em São Paulo* (1954), me choca, por dar sentido a muitos problemas sofridos que são respondidos de forma magistral em dados, experiências e análise da questão racial. Por fim esse despertar vai encontrar Frantz Fanon (2014) em *Peles negras e Máscaras branca*, uma obra que vai significar a raiva que emana e o sentido dela para a constituição de um sujeito, negro, frente ao colonialismo. O curso acaba em novembro, retorno ao acampamento e sigo contribuindo em ocupações e estudos sobre organicidade nas áreas sem uma tarefa orgânica, trabalho na terra, ajudando meu pai, sempre coordenou a nossa produção, fui braço, aprendi na prática com os antigos.

Ainda assim em mais ou menos 4 meses pude conhecer dezenas de áreas e participei de várias ações com tarefas orgânica, uma tarefa designada na construção de diferentes ações. Mais algumas vezes, eu era outra pessoa, ocupava ministérios e latifúndios, trancamos rodovias, resistimos a reintegrações de posse e também sofremos reintegrações de posse, companheiro tombado. Minha rotina dessa forma se transforma e acabo visitando todos os acampamentos e participando de espaços de discussão orgânicas e vivenciado a vida das famílias em luta além do acampamento de meu pai Oscar. Ouvi de Carlos, negro, militante e dirigente que compartilhei fileira, um militante com mais de uma década de Movimento e que pouco falava, “negro de olhos vermelhos” ouvi diferentes descrições. Neste processo participo e sou aprovado no mestrado em antropologia social na Universidade de Brasília, com o projeto de pesquisa antigo: O ritual de iniciação no PCC, projeto que havia sido aprovado pela banca da UFG. Não tinha a intenção de pesquisar o Movimento mas até o momento eu estava propondo a pesquisa a partir do que achava interessante a antropologia e o departamento. Tive a pretensão de pesquisar o Movimento, apenas depois de um ano de estudo na universidade, tinha um diário que ao revisar percebi que esse seria o começo do meu caderno de campo.

No dia seguinte ao golpe parlamentar de 2016, depois de termos passado dias em tarefas no acampamento nacional em resistência ao golpe, após um ataque cardíaco, meu pai dá entrada no hospital regional de Taguatinga e minutos depois morre. Lugar que ele sempre disse para não ser levado, por ter experiência na área médica como guarda, não tinha dúvidas que preto e pobre lá, sempre morria. Por isso em meio às novas condições da luta e regime de estudo e me perceber em um campo

com tantas possibilidade de discussão trago o Movimento como objeto de estudos.

#### **1.4. NA ROÇA, O OSCAR**

Minha família é acampada no Oscar Niemeyer como já dito, família, meu pai e eu no primeiro momento e minha mãe em Taguatinga, agora eu, Beatriz e Omar, a partir de Santa Maria. Brazlândia, um território, no próximo capítulo vamos explorar essa dimensão, adianto que somos rodeados por três assentamentos, o centro de formação e três acampamentos. O acampamento é resultado de lutas e vão acontecer depois da ocupação da FACINCRA<sup>37</sup>, onde hoje é o mais novo acampamento da regional Berta Cáceres. O acampamento Oscar Niemeyer é frutos da luta de famílias excedentes de outras lutas direcionadas para área de posse do INCRA<sup>38</sup> que estava sendo ocupada por um grileiro, que criava cavalos próximo às nascentes, o que degradou a área. A área total da terra tem aproximadamente 32 ha e as mandalas das famílias 450m<sup>2</sup>, 30x15m, onde podemos cultivar muitas coisas. Minha família cultiva batata doce, são nossa maior cultura, seguida de mandiocas, bananas, amora, mexerica, limão, maracujá, pinhão, goiaba, cana de açúcar, feijão e milho, bem temos também jiló, quiabo e maxixe. Não posso esquecer de nosso jardim medicinal com mais de uma dezena de plantas e criar galinhas para ter ovos e também celebrar momentos.

A proteína animal vinda da criação é um dos aspectos importantes para pensar a produção nos acampamentos, pelo seu custo de trabalho na criação até a maturação para abate, tem uma característica especial, não é feita corriqueiramente como colher batatas e mandiocas, mesmo que estas também tenham um tempo de alguns meses do plantio até a colheita. A carne é o alimento que sempre figura como algo que nem sempre a condição material

---

<sup>37</sup>Fundação Assistencial dos Servidores do INCRA – FASSINCRA.

<sup>38</sup>ver página

pode oferecer, por isso sua oferta é prestigiada, sua produção também implica em estrutura de proteção contra ataques de animais como os cachorros famintos e roubos. A proteína animal é sempre celebrada quando oferecida. As áreas de luta mesmo que organizadas pelo Movimento não estão isentas de contravenções, óbvio que há tratativas para esses casos, são investigados e depois de apurados os dados que resultem em responsáveis, esses são expulsos do acampamento ou tem penas pedagógicas. Não é algo raro ouvir falar que a galinha de alguém sumiu ou que o cachorro solto de alguém atacou animais ou destruiu a roça de alguém.

Os barracos tem normalmente três cômodo cobertos, cozinha, quarto, banheiro integrado e às vezes o banheiro externo e uma área externa onde temos água e uma fogão a lenha. Este último teve que ser destruído por que a fumaça foi a maior causadora dos problemas de visão de pai, em seus últimos anos de vida. Nosso barraco é o número 13, fica na terceira rua, nossa comunidade hoje é composta por 27 famílias em um espaço que já esteve ocupado por 280.

No *Oscar* é comum ver crianças, não são muitas, mas elas exploram todo o acampamento e são vigiadas por todos, que são rápidos ao comunicar suas práticas aos responsáveis. Algumas delas são nascidas no próprio acampamento, desde que saíram do hospital estão na área e vivem com a família. Sem terrinhas que estão em todas as ações e momentos das áreas, na ciranda enquanto a família está em reuniões, assembléias ou ações e os responsáveis tenham condições de contribuir<sup>39</sup>.

O acampamento tem algo muito particular em relação às outras áreas do Movimento, tem portão. Por ter uma número reduzido de família, não tem guarda noturna, um exemplo encontrado apenas na região Goiana no acampamento Esperança. Todavia, tem uma equipe de disciplina que fica à disposição todas as noites com o foguete para que todos possam ser acionados em caso de problemas. Uma das marcas das práticas da cidade, somos muitos

---

<sup>39</sup> Contribuir tem o significado de participar, ter tarefa, construir o espaço, apenas participar ou assistir não pode ser denominado contribuir com o espaço.

vezes chamados de “povo do condomínio” ou apenas uma maneira que foi decidida na coordenação do acampamento, pois a maioria das pessoas ainda vive em trânsito entre o campo e cidade, foi uma resposta a nossa necessidade. Não deixamos de ficar atentos à segurança de mulheres que vivem sozinhas, casos esses já ocorridos nas história de luta da área. Ter o portão imprime uma dinâmica bem diferente a área, a militância que está na guarda funciona das 6 da manhã até as 9 da noite, a partir daí a entrada de automóveis é feita apenas por quem tem chave, já a de pedestres é liberada. Não é uma prática bem recepcionada pelo Movimento como no DF que tem outra dinâmica que será exposta no capítulo seguinte, por parecer um condomínio, vício ou desvio do povo da cidade, pois a guarda tem sua intencionalidade na luta. Aqui chegamos ao ponto de reflexão sobre a trajetória da militância no acampamento que não tem muitas variações a respeito de um ponto, “isso aqui não é roça é cidade” como vai dizer senhor Juscelino, quando olha o portão com tom de indignação.

Nosso acampamento funciona no regime semi aberto, logo vem à cabeça o formato de pessoas presas em progressão, mas estamos falando de pessoas que não vivem todos os dias da semana no acampamento por diferentes razões , a maioria delas está relacionada à logística. Juscelino que vive no acampamento há 3 anos e veio da pastoral da terra da Bahia, fundamenta sua reflexão sobre o campo e cidade, sentado na frente de casa onde vive como filho e sua nora. “ Interior ou campo aqui não é não, podemos ver a cidade ou o ônibus passa perto, tem até internet, menos de cinquenta KM, posso chegar na cadeira do golpista, como é que a capital vai ter interior, estamos na borda mas o centro não sai da nossa vista”

Esse discurso é conhecido sobre o formato da luta pela terra na capital, no quadradinho, em áreas que podem ser equiparadas a parcelas de um único assentado em outros estados da federação. Outro exemplo para pensar essa dimensão da luta pela terra no DF é o acesso a transporte público a característica do semi aberto. Isso vai ajudar muito na massificação e o acesso às famílias.

As áreas de acampamento no DFE, como abertas para massificação que está recebendo famílias na área, fechados, quando atinge um número considerável e não recebe mais famílias e vai consolidar a área. Por fim o semi-abertos á pouco caracterizado, são características que vem contrastar como o restante do país, mas é algo comum na luta pela terra na região. O acampamento Oscar, fica a mais de cinco quilômetros da parada de ônibus, isso é algo que faz toda a diferença, porque esse trajeto tem de ser vencido todos os dias pela militância. Acampamentos como Noelson Angélico, Nova Jerusalém, Berta Cáceres e Zé Pereira por exemplo, são acessados sem caminhar 10 minutos, esses estão na “beira da pista”. A beira da pista, não pode ser comparado com os acampamentos comuns em todo o país que são feitos na beira das estradas para pressionar as autoridades e ajudar ao acesso das famílias. Essa imagem de acampamento na beira das rodovias é algo presente nas obras sobre o Movimento (MANÇANO, 1999), prática que nunca aconteceu no DFE.

Por fim, no caminho da escrita tenho entre outras dificuldades o problema de acesso a transporte coletivo é um condicionante da pesquisa, um condutor da reflexão também que teve seu momento gerador da caminhada, entre a cidade e o campo, algo característico dos trânsito na regional DF. Desse caminho há potência nas possibilidades estéticas, escrever é gerar tensões sobre diferentes questões, os termos serão disputados na construção do texto. Fiquei atento para fugir de uma dicotomia estruturante, territorialização e reterritorialização na escrita, por isso a narrativa deve mesmo localizada se libertar de amarras espaciais para ajudar a refletir as dimensões da luta na região do Distrito Federal e Entorno, além dos assentamentos e acampamentos descritos. Como o ato de revirar a terra e pensar nos desconfortos sobre a leitura da realidade a partir dos desencontros com os discursos não apenas nas áreas da pesquisa mas em minhas impressões como um todo. As pessoas falam o tempo todo e há um emaranhado de coisas que estão acontecendo, algo essencial para pensar o Movimento e registrar seu Movimento.

“A terra não poderá ser vendida para sempre, porque a terra me pertence, e vocês são para mim imigrantes e hóspedes. Por isso, em qualquer terra que vocês possuírem, concedam o direito de resgatar a terra.”

Lv. 25, 23-24

## **2. NO CAMINHO DA TERRA**

### **2.1. UMA HISTÓRIA DE LUTA**

Não somos os primeiros, somos frutos de uma história de lutas, sementes na capital federal, onde construímos nosso território de luta, “organizados produzimos alimento e fortalecemos a luta pelo direito da terra na fé e na bênção do Senhor”. Foram as mais marcantes palavras ditas para mim por Edineide mulher negra, assentada no Roseli Nunes em Planaltina, mãe de quatro mulheres e avó, quando indagada sobre a luta pela terra e a importância de estar na capital federal.

Ao caminhar pela terra dentro de assentamentos e acampamentos há uma mística na produção, “é uma bênção”. Uma parada no caminho vai evidenciar o horizonte, nele é visível, somos frutos de uma história de luta, para prosseguir é importante entender como esse caminho foi criado pelo povo na luta pela terra. Olho rapidamente lá atrás, há 518 anos as terras que seriam chamadas Brasil são constituídas pela luta, indígenas dos mais variados povos, negros escravizados e quilombolas, comunidades ribeirinhas e camponeses sem terra. A luta pela terra, logo vai se confundir com luta política contra a exploração dos recursos naturais concentrados na mão de poucas e antigas famílias detentoras de poder que emana da terra, através dos latifúndios. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, também conhecido como Sem Terra ou MST, é fruto da disputa da questão agrária que é estrutural e histórica na constituição do Brasil. O Movimento vai florescer a partir da articulação das lutas pela terra, década de 70, segundo Morissawa (2001) especialmente na região Centro-Sul do país e, aos poucos, vai chegar a todo Brasil. O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no primeiro encontro nacional de trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná com militantes de 16 estados que já travavam a luta pela terra.



Hoje o MST está organizado em 22 estados, e segue com os mesmos objetivos definidos no primeiro encontro e ratificados no I congresso nacional realizado em Curitiba, em 1985, também no Paraná: lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade mais justa, o socialismo. O período de sua gestação é das retomadas de lutas massivas pela terra, quando ocorriam ocupações e mobilizações já em muitas regiões do país (FERNANDES, 2000). Este período é a finalização de um processo histórico anterior de mais de vinte anos de governos militares, que construíram uma centralidade na industrialização e modernização capitalista de modelo Estadunidense. Fruto do golpe militar de 1964 comandado pelos militares com apoio Estadunidense na intenção de manter a hegemonia do capital agrária em função de seus interesses principalmente sobre a questão fundiária (FICO,2008) . O golpe operou um forte desestímulo à agricultura camponesa e familiar ao incorporar um modelo agrícola centrado em três grandes eixos, mecanização pesada, monocultivos de produção, uso intensivo de agrotóxicos e adubação química (IANNI, 1976). Esse modelo de produção em grande escala e de caráter agroexportador, difundido e operado por setores da economia militar empresarial e edificou apenas um caminho aos camponeses e pequenos agricultores. Incorporação às nascentes indústrias das grandes cidades brasileiras, como grande exército industrial de reserva ou a luta pela acesso e manutenção da terra. O MST surgia assim, com a vocação de ser um Movimento de massa, passou a realizar lutas massivas e utilizar diversos instrumentos de pressão política e tensionamento, como as ocupações de terras, assembleias massivas, caminhadas, marchas, audiências massivas, ocupações de prédios públicos (Stédile, 1997)

Aos 34 anos completados na luta em 2018, o MST contabiliza um número de aproximadamente 1,2 milhões famílias assentadas e de 120 mil famílias acampadas em todo o Brasil. Quantidades pequenas diante da realidade das mais de 5 milhões de famílias sem terra existentes no país, mas significativas, dado o formato histórico da questão agrária entre nós. O MST já registra em sua história áreas conquistadas do latifúndio que se tornaram lugares de vida, trabalho e organização para muitas famílias, e produção de alimentos saudáveis para mais outras tantas. Hoje mais de 150 cooperativas de trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra, 61 unidades agroindustriais e, o principal, a eliminação da fome e a redução drástica dos índices de mortalidade infantil nos assentamentos espalhados pelo Brasil inteiro. São conquistas de uma luta coletiva na qual muitas pessoas também perderam suas vidas,

seja no dia a dia da violência do latifúndio ou pelo Estado através da polícia. Não faltam exemplos tristes de massacres mundialmente divulgados, como o caso de Eldorado dos Carajás, no Pará, em 1996 e muitos outros até a atualidade. O MST continua a ocupar latifúndios da terra, do saber e política para recolocar na agenda brasileira a questão da Reforma Agrária, mais ainda em tempos de golpe contra a democracia, motivo para pensar a luta pela terra na capital.

Já na “Constituição cidadã” logo em 1988, incomodava o grande capital e seus aliados de maioria latifundiários pela legitimidade dada a luta pela terra e com ela o reconhecimento da função social, direito assegurado de acesso a terras pelas famílias. Os ruralistas foi o grupo que mais teve expansão de capital na ditadura, junto com as multinacionais e os meios de comunicação na figura do grupo Globo de comunicações. Como se sabe, seus representantes insinuavam na grande imprensa críticas aos direitos sociais e trabalhistas consagrados na constituição argumentaram que inviabilizavam o crescimento econômico e o desenvolvimento do país. O desacordo entre a burguesia nacional dependente e o desenvolvimento nacional já apontado por Guerreiro Ramos “ Reajam enquanto não é tarde, a metáfora dos anos de 1960 iluminará a realidade brasileira do século XXI (Ramos, 1963, p. 13), pulsa mais uma vez na conjuntura atual.

No Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) autarquia estatal responsável pela gestão da política de reforma agrária no Brasil, verifica-se a disputa pelas forças políticas do capital agrário de terra. Castro (2015) vai narrar as diversas transformações que a autarquia passou desde a sua criação em 1970, quando o projeto prioritário tocado pelo órgão era de colonização da região amazônica, por meio de deslocamento de trabalhadores rurais de outras regiões do país e a mudança em relação a todo o território nacional. A partir da redemocratização, em meados dos anos 80, o INCRA teria se voltado prioritariamente para a “reforma agrária”. Desde então, a negociação com os Movimentos sociais de luta pela terra, como o MST, passou a ser parte do trabalho cotidiano do INCRA na superintendências regionais. Os repertórios e instrumentos de luta pela terra, como é o caso do acampamento, ocupação do autarquias e trancamento de estradas e ferrovias passaram a ser incorporados como parte da rotina do INCRA, na gestão da política de reforma agrária (DELGADO, 2012). Portanto, a criação do MST não é nada mais que o eco das tensões sociais históricas, ou seja, o MST não surge de uma conjuntura específica, de um determinado momento histórico. Ele existe em função das

condições impostas pelas profundas contradições sociais, com revoltas, lutas, novas organizações sociais, Movimentos, partidos, são frutos de processos de resistência e sobrevivência em meio a criminalização da luta sociais no país. Depois de olhar esse horizonte, vamos caminhar ao centro e perceber a luta pela terra por aqui.

## **2.2. A CAPITAL**

Caminhamos na capital do país, importante ter esse sentido, independente do que isso possa significar a princípio, no decorrer vamos pensar em algumas das características dessa condição. O Distrito Federal foi criado quatro anos antes do golpe militar de 1964, em sua história não teve a possibilidade de conviver com processos democráticos como o restante do país, basicamente desde sua origem. A nascente Brasília, que viria a se consolidar como Distrito Federal, compondo seu território a partir de outras cidades em seu entorno, povoadas por candangos, famílias que vieram de outras cidades brasileiras trabalhar na construção da capital. Desde o começo, de seu processo geográfico foi constituindo um centro (político, administrativo, cultural e dominante) envolto pelas periferias onde se aglomeravam trabalhadores pobres, com o sonho de melhorar de vida. Não encontravam o sonho, a vida continuava aí uma luta pela sobrevivência, na institucionalização da desigualdade social, a capital não servia aos trabalhadores. Edificada para o funcionalismo público vinculado a setores médios da sociedade, que viriam para “pensar” a política nacional a partir da nova capital, sem pensar todas consequências da existência em sua órbita, da criação das “cidades satélites” ou dormitórios.

A concepção de “cidades satélites” parte deste formato de organização geográfica, cidades construídas no entorno de Brasília, sem as mínimas condições de infraestrutura, sem planejamento. Muito trabalho e resistência de quem veio construir um sonho, recebido por uma dura realidade, exclusão e desigualdade. Importante perceber que a luta pelo direito à cidade a constitui pela cidadania insurgente (HOUSTON, 2013). A partir da negação de direitos fundamentais, as cidades satélites consolidam-se através de resistências para além da propaganda de progresso cultuada por Juscelino Kubitschek e Oscar Niemayer. A organização das famílias para ter acesso à moradia vai constituir também as bases

do surgimento do MST no DF, cuja a base já convivía com a expansão urbana através da luta de famílias por moradia, além disso o fluxo migratório continuava (CUNHA, 2002). As cidades que compõem o DF, especialmente Ceilândia, Taguatinga e Samambaia, despontam com índices de população acima da média e as cidades do estado de Goiás<sup>40</sup>, que fazem fronteira com o DF, também destinos frequentes de quem vem de fora para tentar a vida, especialmente das regiões norte e nordeste. A base do povo do DF, imigrantes, somos da primeira geração de minha família a nascer na capital e nunca ouvi quem seja da terceira geração da capital. A luta pela terra sempre esteve presente, luta por acesso à moradia para as famílias que migravam do país em busca de oportunidades para viver em melhores condições.

Dez anos após o primeiro Encontro Nacional que formalizou o MST nacionalmente, no ano de 1994, surge na capital do país o MST Distrito Federal e Entorno (BARATTO, 2017). A luta pela terra na região, embora antiga, não se inicia com a presença do MST no território, os candangos lutavam ainda pelo direito de viver na capital recém construída pela próprias mãos. Fator que infla a base sem cessar a contínua chegada de migrantes, que até hoje constroem a partir da cidadania insurgente o capital federal, hoje junto com os filhos dessa terra, desterrados e destelhados. Estamos na capital, somos a capital ou somos vizinhos da capital? Somos a periferia da capital, somos a roça da capital, a capital é um elemento da constituição da luta e sua breve existência no cenário.

Entre as malhas de tecido urbano persistem ilhotas de ruralidade “pura”, torrões nativos freqüentemente pobres (nem sempre), povoados por camponeses envelhecidos, mal “adaptados”, despojados daquilo que constitui a nobreza da vida camponesa nos tempos de maior miséria e da opressão. A relação “urbanidade-ruralidade”, portanto, não desaparece; pelo contrário intensifica-se, e isto mesmo nos países mais industrializados. (...) Aqui ou ali, as tensões tornam-se conflitos, os conflitos latentes se exaspera; aparece então em plena luz do dia aquilo que se escondia sob o “tecido urbano”. (LEFEBVRE, 1991, p. 19)

A luta pela terra, direito garantido na constituição é a base da constituição e territorialização do Movimento, resultado das contradições da constituição do país e

---

<sup>40</sup> Dados da secretaria de desenvolvimento habitacional do DF - CODHAB

logo de sua capital. Filhos de uma história de luta no país o povo pobre vem à capital em busca de novas e melhores oportunidade de vida para toda a família, esse povo que em sua maioria saiu do campo para a cidade, hoje luta para voltar ao campo.

### **2.3. NO DF**

No caminho da luta, pude passar por alguns estados e participei de diferentes lutas. No final de julho de 2017, em Rondonópolis - MT, paramos o maior trem transportador de soja do mundo, nas terras do ministro golpista da agricultura Blairo Maggi<sup>41</sup>. Nesses espaços comungamos com companheiros de vários estados, por ser uma ação de caráter regional, do Centro Oeste<sup>42</sup>. O povo sempre ao se referir do DF, tem o costume de dizer, com fez Isac, homem negro, militante da frente de massa do MST-MT, “O povo do quadrado, povo da capital. Terra cheia de ladrões” seguido de risada e de nítida referência ao centro da política nacional. No sentido estrito o quadrado se perde, o MST acompanha a forma da jurisdição e divisão territorial seguindo a lógica da superintendência regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Ministério de Desenvolvimento Agrário (INCRA/MDA). Por isso a pesquisa de campo é um caminho em meio à diversidade política, social e cultural representada por uma organização territorial em três unidades da federação. A composição política na capital é constituída pela atuação no Distrito Federal, nordeste do estado de Goiás e noroeste do estado de Minas Gerais as regionais de atuação da militância. A área é pertencentes à região Integrada de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal e Entorno (RIDE). Os três territórios vinculam-se à mesma superintendência regional do INCRA, a Superintendência Regional 28 (SR28), que legalmente responde pelo assentamento de famílias e acesso a todas as ferramentas necessária para fazer cumprir a lei nos territórios federais nos estados neles inseridas. (BARRATO,2016)

A área da pesquisa é a regional DF, mas esta não deixa de carregar terra das outras regionais na construção da luta e o solo de atuação é o cerrado brasileiro, considerado a savana com maior biodiversidade do mundo, em luta contra o monocultivo para sobreviver. O bioma é palco de uma crescente ocupação humana,

---

<sup>41</sup>Reportagem vinculado pela emissora Golpista de maior <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/mst-bloqueia-ferrovia-e-mantem-ocupacao-em-fazenda-de-empresa-da-familia-maggi-em-mt.ghtml>

<sup>42</sup> Estados que compõe a grande região Centro Oeste na organicidade do MSt , Goiás, DF, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e Tocantins.

que demanda esforços de todos os setores em busca do desenvolvimento sustentável, de modo a conciliar os interesses sociais, econômicos e ambientais.

É sobre esse solo em que lutamos, diversidade do solo em que produzimos, onde caminhamos. Não é difícil ouvir no Movimento “tem muito sem terra no DF?” era comum escutar em Porto Seguro, em tom irônico em relação aos outros estados da federação, somos o menor estado de atuação da luta pela terra. Isso não diminui nossa luta, pela grande importância política as vezes encoberta pela tamanho de seu território. Por estarmos na capital com uma área rural delimitada circulada pelas cidades e todas as áreas de lutas não somarem 15 mil hectares não podemos nos enganar. Estamos a menos de 40 km muitas vezes do Palácio do Planalto, nossas ações acabam por serem referenciadas como nacionais por serem na capital do país. A luta contra a especulação de terra e grilagem também tem caráter diferente de outros estados pela rápida e pulverizada ocupação e valor de mercado da terra, o segundo maior no país.

## **2.4. TERRITÓRIO DE LUTA**

Para contextualizar a maior parte das discussões, apresentarei brevemente algumas informações sobre a luta na região norte da regional DF, em Brazlândia e Ceilândia, base para discussões subsequentes. No caminho antes de adentrar a descrição das áreas vamos dialogar com o território, o conceito e termo nativo como empregado em todas as áreas de acampamentos e assentamentos da regional DF<sup>43</sup>. Na pesquisa caminhamos pelos acampamentos Oscar Niemeyer<sup>44</sup>, Nova Jerusalém<sup>45</sup> e assentamentos Canaã e El Shaday.

O “território” é um termo nativo, entendido como área estratégica de luta para consolidação das ações, aproximado da ideia central para delimitar o campo da

---

<sup>43</sup> Acampamentos Oscar Niemeyer, Nova Jerusalém, Noelton Angélico, Marias da Terra, 8 de março, Roseli Nunes e Assentamentos Canaã, Dorothy Stein, Gabriela Monteiro, Graziela Alves, Pequeno William e Oziel Alves.

<sup>44</sup> Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho (Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1907 – Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2012) foi um arquiteto brasileiro, considerado uma das figuras-chave no desenvolvimento da arquitetura moderna. Niemeyer foi mais conhecido pelos projetos de edifícios cívicos para Brasília, uma cidade planejada que se tornou a capital do Brasil em 1960.

<sup>45</sup> Nova Jerusalém é o nome dado, no livro do Apocalipse, à cidade que Deus fará para os fiéis. João compara a cidade a uma noiva arrumada para seu marido. A cidade é descrita como um quadrado de face igual a doze mil estádios, iluminada de forma excepcional, com um grande muro de cento e quarenta e quatro côvados com doze portas, cada uma correspondendo a uma das tribos de Israel.

pesquisa de forma intrinsecamente associada ao tempo e ao lugar em que a pesquisa foi vivida. O território faz sentido em um episódio no assentamento El Shaday, no cair do sol, em meio à preparação para a ocupação de um acampamento o Berta Cáceres. Estava com muito companheiros na preparação de uma ocupação, estávamos preparando a comida e o café para a madrugada, pois o povo sairia em marcha as 3h da manhã. Ouvei um chamado de um camarada, Manelão, preto, assentado, dirigente da produção me chama e pergunta sobre a alimentação, minha tarefa.

Manelão: A bóia, a juventude, vai garantir mesmo? hoje vai ter jantar e os restos vai nos levar para a chegada.

Rafael: Sim, jantar aqui e lá vai chegar o cuscuz, café e suco de limão e couve para o povo.

Manelão: Olha aqui vai ser o maior território do Movimento, isso é o começo, vocês que são jovens vão ter muito trabalho e não podem se esquecer de como tudo isso aqui começou. Olha aqui nem tem como negar isso, espia

Olhava calado e concordava, ele me chamou a subir em um morro que estava próximo à casa coletiva do assentamento onde produziam a alimentação do povo. Ele apontava e falava o nomes das áreas que podiam ser vistas, falava que esteve em meio ao povo no momento da ocupação.

Manelão: Olha aqui, aqui no El Shaday, pode ver, o Canaã, Dorothy, Graziela e Gabriela, Oscar, ainda estou ajudando o povo da associação nas lutas também. Em alguns anos o povo vai passar por esses lado e não vai deixar de dizer que aqui vai ser terra de luta.

Rafael: Eu não tenho dúvidas que vamos ter mais tarefas ainda e ainda há muito o que ocupar, pois depois do golpe as terras estão cada vez mais picadas.

Manelão: Calma, muita luta ainda vai ter, mas depois e depois. Olha nosso território, isso aqui aí vai render muita história.

Rafael: Muita história no que o olho e vejo daqui.

Esse conceito de território já foi apresentado na formação do setor de frente de massa, como estrutura de áreas, relacionadas por sua proximidade. Sobre o conceito é preciso observar dois aspectos, o múltiplo sentido da palavra, apontado por Milton Santos (2005) atento a o conceito de território. Esse conceito tem sentido na luta, embora utilizado e desenvolvido nas diversas ciências, a Geografia, a Biologia, a Antropologia, a Sociologia, a Ciência Política e a Filosofia. O segundo aspecto refere-

se aos processos que ocorrem no território no sentido essencialmente demarcatório de áreas de luta pela terra.

Encontrei o território ainda na estrada, visto ao descer do ônibus número 0.401 ,Brazlândia, no Km 21 da BR 080. Deste meio de transporte da pesquisa, é fácil ver as bandeiras vermelhas no Canaã, Noelton Angélico, Oscar Niemeyer, Gabriela Monteiro, Graziela Alves, o recorte do campo. Pontos referenciais do território, essas áreas são importantes para pensar o território e essas formulações. O uso desse conceito de forma nativa dialoga com as teorizações pois suporta “...seus fins práticos e determinam suas formulações, ou o quanto suas ideias e teorias comandam sua atuação política” (MORAES, 2013 p. 118)

Essa área é dividida em acampamentos, Oscar Niemeyer (2013) Noelton Angélico (2017) e os assentamentos Canaã (2011), Gabriela Monteiro (2003) e Graziela Alvez (2000), há também o centro de formação e agroecologia Gabriela Monteiro (2008). A região tem histórico de lutas pela grande quantidade de terras públicas griladas há décadas e sem função social. Na luta hoje, o Movimento mantém o foco na região que depois do golpe de 2016 e da MP 759<sup>46</sup> vem se concretizando pelo aumento de pedidos de regularizações fundiárias. Esse é um mecanismo de concentração de terras públicas realizado pela lei de regularização de grilagens ou decreto de regularização fundiária do DF <sup>47</sup>. Brazlândia é território estratégico, pois possui a área rural e terras agricultáveis produtivas próxima à capital, região desenhada pelo estado para a produção de alimentos. O PICAG<sup>48</sup>, projeto de

---

<sup>46</sup> A MP teve como relator o senador Romero Jucá (PMDB-RR), que é líder do governo na Casa. Ele integra a Frente Parlamentar Agropecuária (FPA), conhecida popularmente como “bancada ruralista”, associada aos interesses do agronegócio. A nova regra torna possível regularizar áreas contínuas maiores que um módulo fiscal e até 2,5 mil hectares. O texto permite que ocupantes anteriores a julho de 2008 participem do processo.

O Incra fará uma pauta de valores de terra nua com base nos valores já adotados para a reforma agrária. O preço final a pagar será de 10% a 50% desses valores. Áreas acima de 2,5 mil ha também poderão ser regularizadas parcialmente até esse limite. Na hipótese de pagamento à vista, haverá desconto de 20%, e a quitação poderá ocorrer em até 180 dias da entrega do título. O prazo de pagamento parcelado de 20 anos e a carência de três anos continuam conforme a legislação anterior. Em resumo regulariza a concentração de terra e permite a compra por empresa estrangeiras. Crime contra uma cláusula pétrea da constituição.

<sup>47</sup> Publicada, no Diário Oficial do Distrito Federal, a Lei nº 5803/17, que institui a Política de Regularização de Terras Públicas Rurais pertencentes ao Distrito Federal ou à TerraCap. A Lei tem o objetivo de promover a regularização e ordenar a ocupação e exploração do território rural, na prática vai regularizar as grilagens existentes em todo DF.

<sup>48</sup>Núcleos Rurais Alexandre Gusmão (PICAG), espaço criado antes da construção da capital para produção de alimentos para a região.



abastecimento de alimentos a capital, porém não cumpre a função social por sua vez, às áreas do Movimento já consolidadas, nessa região produzem alimentos saudáveis com práticas agroecológicas exemplos encontrados em diversas parcelas no Canaã, Gabriela e Graziela tem vários exemplos de produção e distribuição de alimentos. Diversas lutas foram travadas para a conquistas de áreas nessa região, que vai criar sua *pertença* no desenvolvimento e consolidação do Movimento no DF (BARATTO,2017).

Andava na estrada, quando na altura da parcela de Araci, mulher negra, produtora e irmã, no assentamento El Shaday, me avista e chama, nos cumprimentamos. Fui convidado à casa, pois estava perto do almoço, recuso o convite, tenho que chegar rápido ao centro de formação Gabriela Monteiro. Nesse curto tempo tivemos um prosa, como vão as coisas, as lutas, acessos a projetos para ajudar na produção, informações importantes, nos despedimos e escuto. “ Caminha na estrada do povo, aqui no nosso território, a gente podia ocupar mais umas duas áreas de latifúndio e fechava a conta, aí a gente só iria ver sem terra por essas bandas” Respondo com sorriso, “por que não?”

Esse território, na área de Brazlândia também é muito usado pelo coletivo de Frente de Massas, FM, atestando a importância da região para o Movimento, visto todo o histórico de luta que deve ser mantido, o lugar tem um mística de luta.

Acampamentos e assentamentos neste percursos são forjados com muita luta pelas famílias que compõem o Movimento, por isso é necessário que possamos refletir algumas das características da sociabilidade nas diferentes condições de ocupação das áreas para seguir o caminho.

## **2.5. NA ROÇA, NA TERRA**

Na luta pela terra a natureza básica das ocupações é vital. Em Fernandes (2000), o acampamento e o assentamento são territorializações construídas em tempos e espaços diferentes, o acampamento é o espaço/tempo de transição entre a ocupação e a posse da terra, o assentamento, mas esse processo é muito maior, porque a divisão da terra não acarreta em posse direta em todos os casos. São formas de materialização da organização do Movimento e trazem em si os principais

elementos da organicidade<sup>49</sup>, a organização interna. O assentamento representa a territorialização do Movimento, entendida como apropriação de uma fração de espaço determinada. Este processo realiza-se através da projeção do trabalho, revelando relações de produção e conseqüentemente relações de poder diferenciadas (FERNANDES 2000 p. 67). Não é diferente a definição frente ao sentimento de que viver na lona ou no barraco, até a casa, segundo Maria, mulher negra e educadora, assentada no El Shaday “é outra luta a gente quando assenta. O sonho da gente vem acompanhado de outras luta e a gente sonha cada vez mais com outras lutas e a vida segue, a vida já na terra”. A camarada, também é coordenadora da educação e vem desenvolvendo a tarefa há dois anos, *Mary*.

No acampamento caminhamos em outro ritmo, para as famílias mesmo que as casas sejam de madeira as pessoas fazem referência ao barraco como algo transitório. No assentamento há casas, também de madeira e as vezes do mesmo tamanho de barracos mas, são “casas”. Maria, antes acampada no Nova Jerusalém e hoje assentada no El Shaday, tinha um barraco com chão na cerâmica e hoje tem uma casa com o chão batido, um mundo.

Entre o acampamento e assentamentos entre as áreas em todos estados há diferenças do modo organizacional. Vejamos o DF, nos acampamentos, as portarias têm sempre alguém dia e noite<sup>50</sup>, “tirar guarda” é uma obrigação de todas as famílias que estão no acampamento, todo os dias algum núcleo de base (NB<sup>51</sup>) é responsável por garantir entre as famílias a tarefa . A seguir um exemplo de portaria que também pude participar da construção, feita no acampamento Nova Jerusalém, um dos primeiros coletivos do acampamento.

---

<sup>49</sup> Organicidade sem sentido de organização, “manter a organicidade” da área, com sua dinâmica e matriz de tarefas organizada entre as famílias da área e direção.

<sup>50</sup>Salvo o caso do acampamento Oscar Niemeyer, comentado na sessão anterior.

<sup>51</sup> Nos assentamentos e acampamentos as Coordenações são formadas pelos representantes dos Núcleos de Base. Cada Núcleo reúne dez famílias assentadas/acampadas. Existem também, nesses espaços, os representantes de cada um dos Setores de atuação, pois eles estão presentes em cada uma das instâncias organizacionais nas que se estrutura o MST.



A guarda é o momento em que algumas famílias ficam a disposição na guarita para cuidar das ocorrências fora das regras do acampamento e registrar a entrada de pessoas na área, em alguns casos rotinas de rondas com ferramentas de proteção coletiva. Não é algo atípico as áreas de acampamento serem atacadas a mando de grileiros, mas não deixamos de nos preparar para as visitas, já diz a música *ocupação urbana* “ o risco que corre o pau, corre o machado, não há o que temer, aqueles que mandam matar também podem morrer<sup>52</sup>”

No acampamento Oscar Niemeyer por exemplo a guarita é a portaria da área, sua organização refletida, um espaço de construção e manutenção do coletivo e da convivência. A guarita “denuncia o coletivo”, sua organicidade em sua organização, também o ponto de encontro do povo, porque todos passam por ali, são vistos pela base há informações. Importante pensar nos ditados comuns “ quem não é visto não é lembrado” lembra Soldado, homem negro, antes acampado no Nova Jerusalém e hoje assentado, companheiro de Regina, em uma conversa sobre a guarda nos acampamentos. Ele continua, “não podemos deixar de estar presentes na guarda, por segurança e formação, todos devem perguntar a todos , setor e NB, algo básico e que exercita o pertencimento”, ele termina . Importante refletir que há acampamentos com

---

<sup>52</sup> Música, Ocupação Urbana, de Luiz Vila Nova

por exemplo, Berta Cáceres e o Noelton Angélico em que o NB tem nome e as famílias têm produção coletiva.

As guarita tem quadro de avisos a base acampada lê notícias sobre a luta nacional junto às análises de conjuntura, espaço onde compartilhamos discussões organizativas, anúncios de reuniões e convocatórias, óbvio mensagens religiosas não faltam. Filtro e sofá são aparelhos básicos, rádio é permitido e jogos também, baralho e dominó são comun. A cada dia a guarda é “tirada” por três famílias, representadas por algum dos membros, toda guarda deve ter algum homem, “segurança”, tarefa coletiva da guarda, como os mutirões e produção coletiva essa tarefa dialoga com a pertença da família. Somados à base acampada na luta, isso é avaliado pelo coletivo na avaliação das famílias a serem assentadas, “ conta como luta”, tirar guarda é um dos requisitos da avaliação junto com produção e estudos, a formação contam para a avaliação que garante o assentamento.

A dimensão dos acampamentos começa antes da entrada, quando podemos visualizar a bandeira do Movimento em um mastro, há placas com o nome da área e nas cercas de arame em volta das áreas que antes eram latifúndios. Nos acampamentos não usamos cercas de arame em todo Brasil, pela violência simbólica que descaracteriza o acampamento e também por ser caracterizado parcelamento irregular de terra pelas autoridades, uma prática criminosa. A cada dia as cercas vão ficando mais viva pelas plantas que vão compondo a delimitação do espaço, some o arame farpado, os margaridões e outras plantas são plantadas para funcionarem de barreira protetora do vento e poeira, rendem sempre linda flores.

Na portaria, onde as pessoas passam a pé, é feita uma casa e varanda, duas janelas, tudo feito de madeira, com tábuas aleatórias. Todas as pessoas que entram no acampamento têm de se identificar, a passagem de pedestres é livre, porém a identificação é natural. Caso você esteja na portaria e não conheça a pessoa que se aproxima, a pergunta comum é “você vai no barraco de quem ?” Obrigada na entrada, essa é uma pergunta comum aos novos visitantes. As pessoas na tarefa da guarda, devem cumprimentar a pessoa que vem e ajudar no contato com a família endereçada, caso não seja suspeito é óbvio. Avisa-se a pessoa por celular caso necessário a verificação. Os veículos motorizados, têm sua placa registrada por segurança, procedimento padrão antes da entrada e os registros são guardados na secretaria do acampamento, onde estão os registros e documentos inerentes às famílias. No caminho para o acampamento, encontramos muitas trajetórias, elas brotam, algumas

encontramos nas árvores, nas ruas, pessoas em condição de rua e várias outras fugindo da cidade.

Nos assentamentos é diferente, continuação do processo de *organicidade* não há guarda, sim há uma portaria central na área coletiva com os aparelhos<sup>53</sup>. As distâncias condicionam minimamente o contato entre as famílias, as casas que antes estavam a dezenas de metros ou menos, agora é de centenas. A mudança da estrutura, em relação ao tamanho das terras, antes em média 600 m<sup>2</sup> agora a média são 50.000 m<sup>2</sup>, isso vai implicar em todo, uma mudança de trabalho. As cercas surgem entre as parcelas com o tempo, há criação de animais, pequenas cisternas, tanques de criação de peixes e grandes galinheiros, cultivo comercial.

Na regional DF, importante registrar as configurações de áreas que podem ser diferentes, quadrados burros e raios de sol<sup>54</sup> são as mais comuns, há nesse momento propostas para a criação das primeiras agrovilas e comunas urbanas pelas características das áreas.

No acampamento a área coletiva é um fator muito importante, nos acampamentos e assentamentos estão na frente das áreas, como um cartão de visitas. O trabalho na roça coletiva acontece por núcleo ou por coletivos de produção, Toda a produção é direcionada para o coletivo, como doação, subsídio para lutas, ajuda a outras áreas, festa e diferentes ações. Importante salientar que a produção coletiva nos assentamentos é uma grande base de ajuda para as ocupações de novas áreas. Por exemplo, os assentamentos Gabriela Monteiro e Canaã além de compor as fileiras nas ocupações fazem grandes doações de alimento das áreas coletiva e as famílias também para as diferentes atividades. O acampamento Oscar Niemeyer ajudou prioritariamente as últimas atividades de cursos no centro de formação com alimentos retirados da produção coletiva. No assentamento, a área coletiva em relação à familiar diminui muito pela necessidade de produção familiar para comercialização em alguns casos em outros a maior parte da área é convertida em área de produção e as áreas de lotes são reduzidas. Todos acampamentos e assentamentos têm associação formal para pleitear projetos de assessoria do governo e temos uma cooperativa regional para ajudar na comercialização.

---

<sup>53</sup>mercado, guarita, posto de saúde, ciranda, plenária, a frente os *coletivos* serão explorados

<sup>54</sup> Formato de área onde há um núcleo circular onde ficam as frentes das parcelas de terras das famílias e a partir daí há toda a terra, como raios de sol que começa finos no círculo e vão ficando largos.

Nos assentamentos as reuniões de coordenação antes semanais no acampamentos para discutir todas as problemáticas da vida nas áreas, novas demandas e estratégias da luta, passam para quinzenais, embora os problemas não diminuam, novas demandas surgem na dinâmica. Um poço artesiano era suficiente para toda uma área, nos assentamentos pela necessidade de produção e aumento do espaço esses têm de aumentar mais seus grandes custos necessitam de estratégia, como aquisição de maquinário pesado, aqui o *mito da enxada*<sup>55</sup> cai por terra. Hoje todos os acampamentos e assentamentos tem associações que integram a cooperativa da regional, instrumento de comercialização muito importante.

Acampamentos como Roseli Nunes e 8 de Março e assentamentos como Canaã, Pequeno William e Oziel Alves e Gabriela Monteiro, participam de projetos de produção coletivos, mas enfrentam a falta de recursos para começar a produção de alimentos em uma escala maior, estamos em tempos de golpe e subtração dos programas de incentivo a produção. Entre muitos relatos das dificuldades de produção que diariamente escutamos e discutimos um diálogo na reunião de coordenação do assentamento Canaã é necessário.

Tânia: O coletivo de produção hoje tem a participação de 32 famílias, essas estão em um projeto de CSA<sup>56</sup>, isso não é metade das (66 famílias) da área. Precisamos encaminhar a matriz produtiva da área coletiva.

Flávio: Gente não dá para consolidar a área se tiver gente sem produção. Não temos trator ainda, não temos poço, o país está no golpe de estado que ainda não acabou e ainda não dá para ver todas as dimensões dos estragos, mas a gente já perdeu e perde mais ainda. Não vai ter incentivo do governo federal, PAA, PNAE e PNAI por exemplo não chegamos nem perto e o minha casa minha vida rural, passou longe do DFE.

Xande: Companheirada, quem não trabalha nem com a enxada vai criar um monte de problema, problema a gente já tem, não estamos produzindo ou não

---

<sup>55</sup>Mensão as história de produção familiar apenas com trabalho manual para subsistência, algo que tem base em acampamentos, com pequenos espaços mas impossível de manter uma produção para alimentação e renda sem máquinas agrícolas ou apenas os braços da família.

<sup>56</sup>Consumidor Sociado com Agricultor - CSA, formato de comercialização que vem ganhando espaço na produção dos assentamentos.

estamos conseguindo vender? O povo ainda é resistente a agrofloresta e não faz nada no meio dos tocos<sup>57</sup>

Flávio: Temos que fazer mais oficinas de produção, achar que passar o trator e plantar é modelo produtivo aqui no Canaã não entendeu nada ainda da luta. Vamos ter feira e o que vamos levar, apenas algumas famílias estão ocupando os espaço.

Tânia: Quem achou que depois de assentado as coisas seriam mais tranquilas errou feio, nossos problemas apenas estão começando, são apenas três anos de assentamento gente, olha a realidade, temos que organizar melhor isso ou vamos produzir mato.

Essa prosa e todos os seus desdobramentos evidencia a situação das áreas de assentamento no começo, suas dificuldades e a real situação das políticas públicas. Outro aspecto da organicidade das áreas são os setores, comissões coletivas com o objetivo de desenvolver alternativas às políticas governamentais convencionais, buscando sempre a perspectiva camponesa nas suas diferentes áreas de ação. Na regional DF estudada os setores são: Formação, Produção (Cooperação e Meio Ambiente) Finanças e Projetos, Saúde, Educação, Direitos Humanos (DH), Gênero, Juventude, Comunicação, Frente de Massas e Cultura, nos acampamentos. No assentamento essa organização muda pelas novas necessidades e capacidade de organização, os setores mantido são Formação, Produção (Cooperação e Meio Ambiente) Finanças e Projetos, Saúde, Educação e Comunicação. Outras equipes que também existem nos acampamentos ainda são mantidas, como a infra-estrutura, disciplina, junto a coordenação da área que vai levar e discutir as demandas em outras instâncias.

O MST para definir as suas diretrizes tem organizado espaços de discussões e decisões políticas, que interligam todo o fluxo de informação entre todas as instâncias em uma relação nacional. São elas as instâncias: Congresso Nacional; Encontro Nacional; Coordenação Nacional; Direção Nacional; Encontro Estadual; Coordenação Estadual; Direção Estadual; Coordenação Regional; Coordenação de Assentamentos ;Coordenação de Acampamentos refletido em (FERNANDES, 2000, p. 246).

Por fim, toda atuação do Movimento nos diferentes estados da federação tem uma forma particular de atuação condizente com a realidade do

---

<sup>57</sup>(BELISÁRIO,2016) Registra na pesquisa as características da sociabilidade em meio aos troncos de eucaliptos que foram plantadas na área antes da ocupação.

organização no estado, não posso deixar de elencar isso. O objetivo é o mesmo, organizar os espaços a partir da escala de ação local, regional, estadual e nacional se justifica, segundo o MST, ante a necessidade de facilitar o fluxo de informações entre as diversas instâncias e a necessidade de ampliar a participação das famílias assentadas e acampadas no processo de construção do próprio Movimento no país (OLIVEIRA, 2007).

A plenária, posto de saúde, mercado, ciranda são os *coletivos*, espaços construídos em coletivo por toda a área, a planária é central nas áreas de assentamentos e acampamentos, por abrigar as reuniões, cultos e muitos outros eventos. Ela é o cérebro da área, onde tudo deve ser discutido, sem *picuinhas*. A plenária é um grande barracão que deve ser decorado para vários tipos de eventos, construída pelo coletivo e embelezada, tem um mastro no exterior e uma bandeira do Movimento no interior, junto ao quadro de avisos, como as guarita. A plenária nos acampamentos e assentamentos é espaço central, por abrigar todas as reuniões e assembléia, ser palco das mais variadas discussões sobre todos os temas. Palco de cultos, aulas, exibição de filmes e recepção de visitantes, palco também de muitos dos relatos que compõem esse trabalho.

No caminho para a transformação de acampamento em assentamento, alguns aparelhos comuns e marcantes na sociabilidade do acampamentos deixam de existir nos assentamentos menores, como as escolas, mercadinho e posto de saúde.

As escolas são aparelhos básicos tocados pelo setor de educação que vai começar pelo alfabetização e reforço escolar para série iniciais, também é considerado o espaço da ciranda infantil onde as crianças e pré adolescentes desenvolvem diversas atividades no acampamentos, mantida nos grandes assentamentos como Canaã, Oziel Alves e Pequeno William.

O mercadinho, aparelho muito importante na sociabilidade das famílias acampadas, não há nos assentamentos do DF. O aparelho vai suportar a base de alimentos do mercado e produtos básicos por preço acessível, o retorno é direcionado para a benfeitoria da área e suporte das atividades. Ponto de encontro das pessoas e muitas vezes palco de polêmicas. Aparelho que fica sempre na rua principal da área e é palco de variadas discussões, detalhe importante das discussões e tensões nasce nos mercado com , “o Demônio engarrafado” que muitas vezes foi discutido, como uma problema de saúde pública a ser evitado, será abordado a frente na sessão sobre o diabo engarrafado. A bebida não é proibida nas áreas do Movimento, até então o



setor de saúde lida com a redução de danos, também uma campanha sobre as problemáticas do consumo da droga.

Por último outras das diferenças que serão apontadas entre o acampamento e assentamento antes de adentrar as áreas é a estrutura das reuniões e encontros de forma resumida. No sentido básico ou em termos gerais, toda reunião tem uma abertura, os participantes dispersos se reúnem na plenária, local central e palco de várias discussões da pesquisa em diferentes áreas. A reunião é convocada pela coordenação da área. A plenária é o local central de um acampamento, onde há festas, reuniões e assembleia, há também um quadro de avisos importantes como na guarita. Como a portaria, é muito importante que seja embelezada pois é lugar comum e de recepção de pessoas. São cantadas algumas músicas do Movimento, há um repertório de milhares de músicas e depois disso vai acontecer a mística de abertura da reunião pela coordenação. Pode parecer apenas uma receita de como isso acontece e há muitas coisas antes durante e depois desse espaço rico para pensar a sociabilidade da luta, seguimos.

## **2.6. NA PLENÁRIA**

Reunião o nome resume muito, mas não diz tudo, o caminho da luta é cheio de encontros e desencontros, os encontros mais frequentes são em uma reunião. A estrutura de uma reunião passa pela mística, enquanto uma prática do processo que compõe a reunião, compreender seus usos no MST é um desafio pelos múltiplos olhares. Ferramenta pedagógica da formação ideológica, a mística é uma cerimônia com elementos cênicos, músicas, as mais diferentes sonorizações e a decoração do ambiente, a montagem do cenário, uma apresentação preparada previamente com intencionalidade, na maioria das vezes ligada a alguma das pautas da reunião ou evento.

O espaço da plenária tem uma mística logo na entrada, espaço que é palco dos cultos, algo comum na dinâmica da área e também nas bases de quem discute, pessoas que performam nesse espaço e constroem laços políticos. Essas placas, essas palavras são marcadores da ação de um coletivo de pessoas, em diferentes espaços de atuação.

Não é possível negligenciar a riqueza e a dinamicidade e a sua relação com os sujeitos que fazem parte do Movimento não se explicam por si só, diversas são as possibilidades de interpretação sobre a prática da mística. Não há dúvidas de sua importância, ela está na essência do Movimento por sua potência histórica e usos de um sinônimo em várias outras oportunidades de algo a se refletir, não um determinismo. A mística do local, mística do momento, ser místico, são empregos possíveis, um exemplo de momento místico está na imagem a seguir tirada em uma ação em que estivemos em todos os momentos, um momento místico, histórico que já foi tema de místicas.

Entre a mística e o que ela provoca nos olhares, trago uma definição simples e que é bem usada para definir a ferramenta, “o que é a mística? Uma semente, ela carrega toda uma carga histórica de luta”, dizia João Carlos, Negro, família assentada é crescido na luta em um assentamento, filho de Sem Terra, que hoje vai à luta por terra de sua nova família. Antes da reunião para discutir temas relacionados ao planejamento do coletivo de juventude, estávamos conversando sobre o adiamento do encontro nacional da juventude, pela conjuntura e dificuldade materiais para a construção e os constantes adiamentos. Iríamos ter apenas uma inscrição, oportunidade de fala em uma reunião da região, sobre a importância da mobilização para o encontro e nesse sentido a mística foi o instrumento da conversa, a coordenação que é coletiva estava para se reunir, composta por 6 camaradas, todas e todas negros.

João Carlos: Temos que manter a mística mesmo com o encontro adiado, não pode deixar baixar a mística nesse momento tão importante, vamos ficar mobilizados. Estamos muito próximos de estruturar todo o processo, não podemos perder esse momento.

Daniele: Manter a mística é criar intencionalidade em diferentes momentos para refletir a importância do encontro nacional da juventude em Maricá-RJ. Temos que garantir que os estados tenham isso como linha, não dá para ficar informando, temos que garantir isso como encaminhamento.

Nesse trecho tem um pouco do tom da prática cultural e política que pude ver e participar, uma força plural, ferramenta da luta política pela terra, mas ela vai além, tem uma mística. A mística expressa simultaneamente a dimensão da cultura, pois busca representar como o MST vem construindo o conjunto de mecanismos e regras que regem a sua organização (COELHO, 2010).

A mística é executada no início da reunião e ao seu término, depois de algum tempo de silêncio ou como acontece com frequência as palmas, logo as pessoas ficam em posição de trabalhadora para entoar o hino do Movimento e depois disso batem uma dezenas de palmas antes de gritar pátria livre ao final desta primeira etapa da reunião. Na regional DF, por exemplo, as práticas que destoam muito do que ocorre em outras áreas, há o costume de que as pessoas rezem a “oração universal” o pai nosso, nas áreas da pesquisa, não para por aí. Outro elemento é característico, como uma oração coordenada por pastora ou irmãs, sem um tema, o povo vai receber a “palavra”, elementos muito característico desta regional. Não há alguém responsável por essa parte nas reuniões, na organicidade do processo de reunião, mas há em um grupo, os crentes. Algo estruturado como as equipes de animação e mística e a coordenação, tarefas organizadas com antecedência pela direção que divide as tarefas no planejamento da reunião. Até aqui as pessoas chegaram na plenária, lugar comum de reunião, nas áreas do Movimento. Houve animação com músicas, a mística, palmas depois que a bandeira estiver hasteada, caso tenha mastro. O povo logo puxa, a *oração universal*, não há um grupo declarado, mas é subentendido quem puxa, todos de mãos dadas. Por fim, vem a *palavra*, é sentido que a base é uma oração autoral feita pelas pessoas que são reconhecidas com religiosas e toda a base acompanha.

Começa a segunda parte da reunião, apresentação da coordenação e das pautas, enviadas para a pessoa a tarefa de organizar a pauta. Os setores enviam e a Secretaria organiza. Antes de começar, sempre somos chamados atenção por que não temos papel e caneta para anotar, a pauta é anunciada, lida. As falas começam com informes relacionados à reunião e a serem de conhecimento de todos, seguidos dos pontos de discussão abertos a construção de encaminhamentos, ações para a resolução da questão. Os pontos e informes são anteriormente à reunião comunicados ou com a maior antecedência possível, limite é o começo da reunião em muitas vezes, informes acabam se transformando em pontos de discussão na reunião sem organização, exemplos comuns acontecem nos acampamentos. A coordenação é uma tarefa árdua e que exige muita habilidade dada às situações.

Isso vai resultar em uma perda pelo tempo de término que poucas vezes é mantido e não é raro ter reuniões que entram madrugada a dentro, a coordenação deve ter habilidade de lidar com essas mudanças e respeitar a duração acordada da reunião e a necessidade de deliberações. O espaço de reunião muitas vezes sofre

alterações por atrasos e novos elementos de discussão elegidos como necessários de discussão pela base presente no espaço. Há também refeições e intervalos a depender da hora da reunião e tempo de duração, tive a oportunidade de participar de espaços e entraram madrugada adentro sem resolução e iniciámos no dia seguinte, os temas são os mais variados e abrangentes. . Há duas pessoas de nesses espaços que ficam com a tarefa de anotar e registrar as discussões, as relatores, que ajudam a suportar de informações quando solicitado pela coordenação do espaço. A coordenação tem uma tarefa central na reunião por direcionarem as discussões *até a construção de encaminhamentos para tarefas distribuídas pelo grupo ou resolução*, esse processo de *fechar* e tomar *decisões* pode ou não envolver *votações*. Por fim a reunião tem um tempo para avaliação que normalmente não é respeitado, mas onde a coordenação quando acontece avalia os objetivos da reunião e seu desenvolvimento antes de finalizar o espaço e pedir que todos assinem o caderno de registro de participação da reunião.

A seguir adentro nas instâncias deliberativas do Movimento para podermos fechar esse quadro conceitual básico das práticas organizativas, suporte para a descrição a seguir. Coordenação nacional política, grupo de estudo agrários, direções estaduais e brigadas regionais, sendo as duas últimas de diferentes configurações no País. A coordenação regional está próxima às bases acampadas e assentadas da região e suas deliberações junto com a coordenação das áreas, que se reúnem com a coordenação dos núcleos de base.

## **2.7. EL SHADAY**

Na BR 080 a partir do KM 21, “é impossível não visualizar as bandeiras do MST “ dizia uma pessoa conversando no ônibus, pude escutar, mesmo sem poder identificá-la. Eu estava a caminho do acampamento, acabava de voltar da aula pela manhã, muito sono, o sol forte, eu usava o boné do Movimento, tentava dormir alguns minutos antes de caminhar. Estava sonolento quando avistei a primeira bandeira colorida da região, o acampamento “Noelton Angélico”, também conhecido como “A Granja”. Terra essa, usurpada e exausta pelo monocultivo de cereais para ração

animais confinados em um galpão sem descarte correto de dejetos e diferentes agrotóxicos aplicados ao longo de anos, hoje está ocupada, volta à vida pelos braços das 200 famílias<sup>58</sup> nela acampadas há 11 meses.

A Granja entregava produção de dezenas de milhares de aves confinadas e alimentadas por rações transgênicas acrescidas de hormônios à JBS<sup>59</sup>, em uma área da União grilada, titulada irregularmente por três pessoas vedadas pela constituição federal, por serem dois funcionários públicos e um empresário da mesma família, “família de grileiros<sup>60</sup>”. Ainda funciona por determinação da justiça por exigência dos criminosos que ocupam a área, mas possuem poder aquisitivo. São 143 hectares, espaço de terra suficiente para assentar até 45 famílias, há anos organizadas pelo MST, lutam pelo direito ao acesso à terra, essa que tem todos os requisitos para ser direcionada ao assentamento do povo sem-terra.

O acampamento Noelton Angélico é resultado da quarta ocupação nos últimos 8 anos, o povo denuncia as irregularidades e tem de resistir às reintegrações de posse impetradas pelo juiz da comarca que nunca escondeu “ não gosta de sem terra”. Estive na situação aos nove meses de resistência, quando recebe em sua base dezenas de famílias “excedentes<sup>61</sup>” da luta pela terra que persistem. Acompanho a organização desta área desde a ocupação, no Noelton Angélico também registro meu carinho por ser a minha primeira ocupação em família<sup>62</sup>. Por minha cabeça passa todo esse processo, a partir do transporte coletivo, agora já em pé pronto para descer, o transporte coletivo é central na pesquisa junto às caronas. Logo depois das bandeiras coloridas do acampamento Noelton Angélico, no ponto seguinte é necessário desembarcar, hora de caminhar.

Avisto outras bandeiras coloridas, em pé me despeço do senhor de aproximadamente 50 anos, um dos conhecidos de vista da linha de ônibus, para esse trajeto há apenas duas linhas de ônibus são elas 0.401 e 0.408 , Brazlândia/ Taguatinga e Brazlândia/ W3 Sul. A pior rota para usuários de transporte coletivo do

---

<sup>58</sup> Número de famílias médias durante o período da pesquisa.

<sup>59</sup> Maior processadora de proteína animal do mundo e envolvida em crimes, como grilagem de terra pública e pagamento de propina para obtenção de favores políticos no centro da operação Lava-Jato

<sup>60</sup> O grileiro, não foge da essência de quem usava grilos para falsificar títulos, crimes contra a estrutura fundiária. Os grilos secretam um líquido que causa o “envelhecimento” do papel e os animais também consomem, transformando sua aparência.

<sup>61</sup> Famílias que estiveram acampadas e não comportadas na área, vão ocupar uma nova área ou ingressar em uma ocupação que está aberta a massificação e continuar a lua,

<sup>62</sup> Primeira ocupação feita depois que com Beatriz Gomez estávamos grávidos.

Distrito Federal, horas de intervalos em alguns dias, por isso alguns rostos são familiares, e me é comum as vezes cumprimentar com um gesto de cabeça, como uma confirmação e sorriso, quem nunca me dirigiu a palavra ou eu sei o nome, com o motorista e o cobrador. O acampamento está na “beirada da pista”<sup>63</sup>, há um ponto de ônibus na frente da portaria, por isso tenho por costume puxar conversa com as pessoas no coletivo e falar alto sobre o Movimento, algumas vezes fazer intervenções, “trabalho de base né”, dizia Alessandra, uma lutadora do acampamento Oscar Niemeyer, também na região e de acesso pela linha de ônibus com mais ou menos 5 Km de caminhada da parada de ônibus. Muitas das famílias hoje acampadas na região foram apresentadas ao Movimento por militantes no transporte coletivo e no trajeto das linhas de ônibus é impossível não visualizar as bandeiras coloridas do Movimento, passando o acampamento Noelton Angélico é hora de dar sinal para descer no próximo ponto.

A região é um território do Movimento na região como já salientado, “ sempre tem sem terra na viagem” dizia o cobrador de ônibus em tom jocoso. Neste trecho é comum que os trabalhadores da empresa de transporte coletivo, parem próximos à entrada de acesso a pista de terra que adentra a região, não se limitam ao ponto. Depois de caminhar algumas dezenas de metros me despeço de Alessandra que seguirá caminhando por quilômetros até o acampamento Oscar Niemeyer ou será agraciada pela sorte de uma carona.

Passo entre a antiga cerca do latifúndio, arame grosso esticado, “coisa de segurar boi” disse Maria, assentada na área em outro momento, há pouco meses comporta famílias do MST. Antes conhecido com “Virgina” ou “carapicho”, foi por anos espaço de plantio de sorgo e milho em 40 hectares e apenas a casa do caseiro. Por aqui, quem passava viu ou sentiu o odor do veneno e outros agrotóxicos na produção, tinha cor diferente, agora é fácil identificar, o feijão variado, mandioca, milho, quiabos, bananeiras e os galinheiros e famílias trabalhando individualmente. O assentamento “El Shaday”, tem o formato de “quadrado burro”<sup>64</sup> uma distância média de 200 metros entre as casas das famílias, as parcelas são de 50.000 m<sup>2</sup> não há guarita, existem três

---

<sup>63</sup> Expressão usada para definir as áreas próxima a vias que têm transporte coletivo. No capítulo terceiro, espero explorar a dimensão geográfica periurbana.

<sup>64</sup> Quadrado Burro e a nomeação dada aos formatos de parcelas quadradas na construção dos assentamentos, pela gama de desenhos disponíveis, mas o quadro clássico ainda é a opção mais escolhida pelo povo. São formatos quadrados, que deixam longe a área coletiva e tende a criar a reserva ambiental em bloco e dificuldade a sociabilidade das famílias.

entradas numa extensão de menos de um quilômetro para acesso às diferentes parcelas. Há algo diferente, não é exclusividade das áreas, sejam acampamentos ou assentamentos do DFE, a partir de um olhar rápido, seu nome "*El Shaday*". Em conversas com militantes de outros estados de diferentes instâncias<sup>65</sup> foi unanimidade o aumento de evangélicos em dicotomia com católico, sem discussão com outras religiões. Entre todas as pesquisas e referências fico aqui com a síntese do significado do nome da área " Deus todo poderoso, a base da sustentação do mundo". Sem desmerecer algo gritante no meio área coletiva de produção, parte inicial do assentamento, é possível de visualizar da estrada o "monumento a luta pela terra abençoada" segundo irmã Regina, a cruz vermelha de luta .

Não participei do espaço de avaliação<sup>66</sup> do *El Shaday*, durante este processo, estiver próximo das discussões e pude perceber a tensão na nomeação da área, baseadas em uma conversa pelo Whatsapp:

Divina, negra, produtora de feijão, crente: Rafa, vai vir ajudar a gente no "El Shaday"

Rafael: Onde?

Divina: Virgínia, não fala para ninguém, é segredo mas já foi encaminhado, vamos ter a primeira reunião, tu pode vir?

Rafael: Estou aqui no centro de formação organizando o curso, não posso sair. Ei, me conta esse nome.

Divina: Temos autonomia, levamos para o debate antes de encaminhar. Depois te conto Rafinha, vou no Oscar pedir ajuda então, beijo.

A vontade de pesquisar a área surge dessa tensão entre a prática do encaminhamento e a discussão sobre a construção do nome do assentamento, não é o primeiro nome religioso da região, Nova Jerusalém e Canaã são anteriores, mas sua construção me desperta para a observação pela disputa organizativa. Evento que acontece no acampamento em meados de agosto de 2016, não é a primeira vez que vai ocorrer essa tensão entre as práticas, linhas e princípios do Movimento e as práticas religiosas. Apenas duas famílias entre todas as outras não são crentes, são "cristãs" mas sem presença no imaginário religioso de luta a partir de sua prática, não

---

<sup>65</sup>Aqui no sentido das região ou estadual, há no MST, estados com dezenas de milhares de famílias, não há um censo oficial, estimamos 1.000.000 de família assentadas e 200.000 acampadas no Brasil.

<sup>66</sup>Equipe na tarefa de avaliar as famílias para a distribuição das parcelas.

frequentam a igreja mas estão presentes em certos momentos religiosos do assentamento e se autodenominam religiosas quando questionadas. A condição religiosa é um estigma, pois vai demarcar o campo dos crentes e não crentes. Essa dicotomia, surge do questionamento que acontece em todo os cultos, as irmãs e irmãos sempre questionam, você crê? já aceitou Jesus?. A seguir situações concretas trazem luz a discussão sobre esses aspectos.

Em agosto de 2016, acontece a festa<sup>67</sup> que resulta no acampamento “Carrapicho” ou “Virginia” ao entrar na área sem luz elétrica e apenas iluminada por uma fogueira, pude reconhecer dezenas de pessoas durante alguns minutos que estive de passagem durante a noite. O assentamento El Shaday tem um histórico de lutas necessário a reflexão, área de 40 hectares era detida por uma grileira chamada Virginia<sup>68</sup> através de títulos falsos, apenas havia uma pequena casa do caseiro em toda área e anualmente apenas um plantio de ração animal apenas. A primeira ocupação na área acontece há 6 anos atrás e durante 7 meses foi o primeiro acampamento “Oscar Niemeyer” e não resistiu a reintegração de “propriedade” feita pela polícia com força desproporcional, Soraia e Peruana<sup>69</sup> me diziam quando contavam o histórico da área que ela teve sua primeira ocupação em 2012. Chegou a ter 150 famílias acampadas que tentaram resistir à reintegração mas foram vencidas pelo cerco e corte de suprimento de água e energia que mantinha a bomba de água ligada, ninguém podia entrar ou sair. Minha família ali esteve acampada e sofreu a reintegração pelo Estado. Meu primeiro contato com a área foi entender que meu pai ficou doente de tristeza ao saber da ação, ele teve ajuda dos vizinhos, mais a maioria das coisas foram destruídas ou subtraídas. Muita gente perdeu tudo, poucas pessoas estavam no acampamento, pois a maioria trabalhava na cidade, principalmente nos canteiros de obras que brotam na cidade e que seus trabalhadores e trabalhadoras aderem à luta pela terra. Soraia conta o momento muito simbólico e que também teve peso na escolha do nome do assentamento:

“Tu não conheceu a Irmã Dirce, acho que foi para o Goiás. Mulher de luta, uma companheira que quase morreu aqui. Ela levantou a palavra (uma bíblia) na frente da polícia que estava pronta para fazer a derrubada e disse que não tinha medo, o povo

---

<sup>67</sup>Festa significa ocupação de latifúndio, prédios públicos, trancamento de rodovias, em resumo ação externa as áreas no linguajar comum do Movimento

<sup>68</sup> Na investigação não pude comprovar que esse era o verdadeiro nome da pessoa, mas assim ela sempre foi denominada pelas famílias em luta na região.

<sup>69</sup> Apelido popularmente conhecido de Lourde Vila Pacheco, militante nascida no Peru.



ao ver isso começou a fazer barulho e soltar foguetes. Aí começou a chuva de gás e muita gente inclusive a irmã levou uma bala de borracha.”

Rafael: E o povo?

Soraia: Foi para cima, tivemos camaradas presos e eles não deram nem umas horas para o povo tirar as coisas, foi uma quebradeira só. Mas as irmãs chamaram o povo e fizeram uma roda de oração, nem foram atrás das coisas e ficaram ali, chorando, rezando orando enquanto tudo isso acontecia e ela profetizou, eu ouvi. Essa terra é nossa em nome de Deus e levará seu nome.

Rafael: Nossa, tinha mais gente daqui hoje que estava no dia?

Soraia: Eu, Peruana e Maria, todo mundo ainda estava acampada no Canaã nessa época.

A segunda ocupação na área vai acontecer em janeiro de 2015, então o nome do acampamento foi Carlos Marighella, ele resistiu por quatro meses até nova reintegração que não estava endereçada para área. O comboio da tropa de choque da polícia junto a AGEFIS<sup>70</sup> executa reintegração de posse no acampamento no Carlos Marighella, 6 quilômetros de distância do outro acampamento e logo se movimentou sem aviso ou mandato ao outro acampamento Marcos Antônio, dezenas de famílias que estavam pré-avaliadas para a área não tiveram tempo para reagir. Eu estava acampado no Marcos Antônio, decidi construir um barraco para mim e minha companheira, estava na área quando a polícia chegou e não conseguimos conter as máquinas por que a tropa invadiu o acampamento a pé e abriu as porteiças. Estávamos todos inclusive, pessoas do Marighella, não tínhamos informação dessa reintegração. Já na terceira ocupação em 2017 a militância estava toda em prontidão caso houvesse uma reviravolta na situação jurídica, “a prova, tinha um exército aqui na primeira semana” dizia Carla já emocionada, por ter participado dos outros eventos na área.

Ao entrar na área definitiva, quando formou-se um assentamento, as famílias ainda tiveram outra luta, junto a uma base de várias acampamentos que ali estavam juntos na ocupação para a construção das casas, também resistir a possibilidade da tentativa de invasão de famílias não organizadas e chefiados por ex-militantes do

---

<sup>70</sup> Agência Fiscalizadora do Distrito Federal, responsável também por solicitar e participar de ações de derrubadas junto ao Estado.

Movimento. Sem deixar de pensar na sombra de uma reintegração de posse pela polícia“ Todo mundo sabe que Brazlândia é vendida”, dizia Pedro, militante já assentado no assentamento Gabriela Monteiro, quatro quilômetros do novo assentamento.

Estava a caminho do acampamento Oscar Niemeyer, logo é caminho, passo próximo ao assentamento El Shaday, era dia e a poeira estava alta, por não conseguir residir na área por questões materiais de transporte e acessos, estou sempre em trânsito, cotidiano da semana. Entrei no assentamento e passei na casa de Maria e me perdi no tempo em prosa com o povo de sua casa, ela e João . Já era noite e chovia, vou até a casa de irmã Regina, peço para dormir em sua casa, tenho certeza que não me negariam abrigo. A casa da irmã é a que mais frequentei, a família mais necessitada de ajuda,6 moradores, onde estive por mais tempo, antes da pesquisa sempre de passagem. Não parto de uma primeira entrada para a descrição, meu caminho desde a entrada na luta, muitas vezes estive por estar na casa da família para contribuir no trabalho. Momentos corriqueiros da vida são a base da descrição, exemplo uma vez. tomando café da manhã eu perguntava sobre o nome do assentamento, com tinha sido encaminhado, perguntava de várias formas, além de perguntar dos momentos, sem auxílio de gravador ou caderno em mãos, tivemos a “prosa<sup>71</sup>” a seguir:

Maria: Naquele dia de corre e corre, a assembléia foi rápida,não havia dúvida da decisão sempre foi nítida, ninguém negaria o nome proposto por irmã Regina.

Rafael: Teve outra proposta?

Maria: Teve sim, mas nem teve defesa, mulheres encaminharam e fizemos depois também nesse dia o primeiro e mais forte culto destas terras. Só as mulheres na reunião, as chefes de família, foi muita oração para avançar, pastora veio também, que benção, falava enquanto olhava para o assentamento.

Ao entrar no assentamento as casas ficam em relativa distancia, superadas pelos latidos, captados pelas vizinhas, uma rede de proteção, componentes importante da morada do campo o cães. Enquanto caminhava na direção da casa de Irmã Regina, entrei no assentamento, não caminhei uma dezena de metros até os cachorros começarem a latir. O milho tapava minha visão, mas por entre eles o cães corriam, fiquei parado, ouvi Maria Paulina,” oi, aqui a guarda é rápida”. Paralisado,

---

<sup>71</sup> Sinônimo de conversa

continuei a ouvir a companheira falando que se aproximava de mim, como botas de chuva e roupas de chuva para o trabalho.

Rafael: A casa nunca fica sozinha né“?

Maria Paulina: A casa nunca fica só, no mínimo resguardada por Deus, eu e os cachorros.

Ninguém deve ficar sozinho, porque mesmo sem nenhum histórico de violência ou crime no assentamento ou próximo, sinto a sensação de insegurança que alcança a interlocução, não sinto esse medo, sou eu o predador no imaginário social, homem negro. Estava de calça jeans, presente de doações, calça de trabalho, importante para ir à área, por causa dos “carrapichos”<sup>72</sup>. Ao entrar no assentamento e caminhar em direção ao barraco de Regina, comprimento Maria Paulina, avisto Maria e Joãozinho e eles sentados na varanda do barraco, o terceiro a partir da pista a direita da estrada que segue para dentro da região do INCRA 7. O casal conversava enquanto “debulhava” milho para plantar. Aceno, não interrompem o trabalho e gritam, para eu ir ao encontro, caminho, sou recebido por outros cachorros e avisto todo o barraco.

Sou recebido aos gritos:

Maria: Rafinha, o que faz por essas terras abençoadas essa noite varão

Rafael :Oxi, to passando bem na hora que o povo vai tomar café, não precisei sentir o cheiro.

Maria: Chega, precisou mesmo não, mas já já tem o café de João, o melhor meu filho.

Rafael: Família e a luta?

Maria: Rafinha, na luta com ajuda de Deus e fé né, venceremos. Chega na minha casa, estamos construindo né e plantando por que a chuva tem data de validade.

Rafael: Barraco de luxo hein

Maria: Nunca mais barraco gente, essa casa só está começando. Depois de sete anos de luta é um alívio respirar tranquila.

João: Olha o café do povo, vou colocar aqui na varanda, aproveitar a trégua da chuva.

---

<sup>72</sup>Carrapicho

Rafael: Obrigado, tenho que passar na irmã Regina, aproveitar vocês aqui junto com Soria, não achei a Regina e Peruana.

João: Vai ter culto é?

Rafael: Não, queria saber da escolha do nome do assentamento?

Maria: Fica aí Rafinha, aproveita e ajuda aqui e espera a chuva o povo vem mais tarde aqui em casa aí tu pergunta.

Neste momento a chuva começava novamente, eu iria ajudar João a arrumar a cerca para o maracujá, as mudas estavam prontas, havia uma grande preocupação com o plantio, pela irregularidade da chuva. Eu tinha intenção de chegar primeiro à casa de irmã Regina, a próxima casa, mas devia esperar alí e trabalhar com João. Troquei de roupa, estava de jeans e bota, na roça mesmo é necessário trabalhar de bermuda e descalço, sinto olhares mais leves.

Trabalhar com muitas proteções inspira olhares, já houve ocasiões em que tinha minha mão conferida, a procura de calos pelo trabalho. O marcador não diferencia homens ou mulheres, veja a mão e ela estas levam marcas de um estilo de vida. Logo a chuva aumenta enquanto trabalhamos, a ideia é fazer um grande círculo da fruta em meio às bananeiras e abacateiros. A chuva chega forte e João tem que preparar o jantar, foi para a cozinha, chuscava já, enquanto pergunto a Maria sobre a luta. Tivemos alguns minutos de prosa sobre a área, todos plantavam mas com potências diferentes, pelos diferentes modelos de família. Na parcela de Maria, mulher negra, estudante de pedagogia do campo, na luta há mais de 7 anos, junto com seu companheiro Joãozinho, ele branco e cozinheiro, os dois trabalhadores rurais, não têm carro o que dificulta muito a vida na região e ainda o trabalho.

Uma filha, Fernanda, estudante de letras, “não gosta da luta” dizia Maria, vive na cidade, na casa na Estrutural. Mesmo sendo a única herdeira da posse da terra, nunca contribuiu com a luta, mas a família, não nega sua participação no suporte da família dedicada à luta no acampamento, uma família que semanalmente vai a igreja e recebe orações em casa. Uma casa com quatro cômodos, bem organizada, já com piso e cerâmica no banheiro, chuveiro elétrico e internet. Cadeiras e uma mesa para pessoas ficarem na varanda coberta, frente a sala. Nesta sofá, de frente para a TV, sustentada por um estante com fotos de família e a bandeira do MST, na parede da sala. Abaixo da TV, na estante havia uma bíblia, do sofá olhamos ela e a TV, a porta, bandeira e a bíblia, local no qual a família senta para conversar, três lugares. A todo

tempo ouvimos os pastores da rede Record antes de começar a novela, "Os dez mandamentos".

Na varanda havia muitas mudas, um viveiro pronto para os berços que devem ser abertos ainda no tempo da chuva, trabalhamos uma hora ainda, eu e Maria. A comida feita por João estava pronta, enquanto comíamos perguntei mais um vez sobre o nome das parcelas. A primeira parcela não tem nome, seguida pela parcela "Novo Amanhecer", "Terra Prometida", "Manancial de Vida", "Jardim do Éden" "Família Vieira" e mais um parcela sem nome, assim estava estruturado o assentamento até então.

O assentamento El Shaday apresenta uma mudança em relação ao que o cristianismo, sempre demarcou, espaços subalternos à mulher, campo de ação de produção do sagrado masculino que renega a mulher à periferia do espaço da prática da construção do sagrado Maria José Rosado-Nunes (2005). No assentamento El Shaday mais de 80% da composição familiar é cristã protestante, "crente" "pessoa que crê e professa a palavra" nas respostas e 65% são mulheres e todas as famílias são chefiadas por mulheres. Tanto na liderança religiosa quanto na liderança política são mulheres elas estão mais organizadas, de maneira que há uma competição. Reflexão a partir de perguntas básicas sobre a área em diferentes espaços do Movimento, em outras áreas.

"Você conhece o El Shaday?" fiz questão de fazer essa pergunta com frequência as pessoas e as respostas eram sempre positivas, em nenhum momento falaram o nome masculino na referência às famílias que estavam assentadas na área. Em todo o tempo da luta dessas famílias a maior parte do tempo as mulheres estiveram na luta orgânica em todas as ações, enquanto os companheiros ou trabalhavam na cidade ou moravam com a parte da família, enquanto a companheira estava na luta.

Há no assentamento uma relação muito forte entre as mulheres, todas reconhecidas pela ação religiosa tendem a ser "blocadas"<sup>73</sup> na relação política de tomada da terra. Na discussão em espaços políticos, como a escolha de nome da área e outras questões. Pontua Maria Feitosa da direção nacional do MST, já pontuou que os pentecostais são "disciplinados e aguerridos", estão principalmente no coletivo de saúde, referência à ausência de problemas conjugais pela ausência de vícios com

---

<sup>73</sup> Grupo que bloca, tem coesão declarada para objetivo.

jogos e bebidas alcoólicas e a questão da cura que também é feita espiritualmente. Neste sentido, o pentecostalismo no campo tem sido interpretado como um fenômeno que fornece uma feição feminina, uma vez que a conversão exige uma conduta que será tanto mais genuína quanto houver preocupação na pacificidade familiar, preocupação com a educação dos filhos, por exemplo.

Apenas uma das militantes não é negra e ainda se considera não branca, por ser estrangeira, isso vai influenciar muito da relação com a questão racial e faz sentido nos objetivos do Movimento:

[...] Construir uma sociedade sem exploradores e onde o trabalho tenha supremacia sobre o capital; Fazer com que a terra seja um bem de todos e deva estar a serviço de toda a sociedade; Garantir trabalho a todos, com justa distribuição da terra, da renda e das riquezas; Buscar permanentemente a justiça social e igualdade de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais; Difundir valores humanistas e socialistas nas relações sociais; Combater todas as formas de discriminação social e buscar a participação igualitária da mulher. (MST, 1995, apud MORISSAWA, 2001, p. 153).

No coletivo de gênero as “irmãs” estão dispostas a lutar conjuntamente com as mulheres por uma igualdade social, segundo Maria Feitosa, são mais propensas a repensar relações desiguais de poder no âmbito da família. Característica que deve ter regularidade, em condições análogas nas outras regionais que com suas particularidades matêm estruturas básicas similares, como a maioria fenotípica, religião, proporção de gênero e proximidade a área urbana.

## **2.8. NOME ABENÇOADO**

Em toda história do MST, as ocupações de terra homenageiam alguma símbolo da luta revolucionária, Mártires são homenageados, referências geográficas das mais variadas (BETTO,1987), é concreta no encaminhamento coletivo do grupo, a nomeação é resultado da mística e sua escolha expressa política em relação de influência do MST. Aprendi isso em uma formação, na plenária do Oscar<sup>74</sup>, nas

---

<sup>74</sup> Referência do acampamento Oscar Niemeyer

reuniões foi questionado por que não havia na plenária a história de Oscar Niemeyer. Em seguida as perguntas, suas respostas a história. No material de formação básica compartilhado e refletido com toda militância por via de regra, o Movimento reflete sobre o modo de discussão e a importância de denominar as áreas de luta, algo de grande poder simbólico, esse símbolos carregam as sementes de uma história de luta” narrativa de uma antigo militante do assentamento Gabriela Monteiro<sup>75</sup>. Em uma prática antiga aponta a homenagem de lutadoras e lutadores a serem homenageadas, histórias referenciais para as lutas. Pessoas que tombaram na tarefa de luta pela terra e grande ícones da luta social em todo o mundo fazem parte desse arsenal ao redor do mundo. A título de exemplo no DF, temos os assentamentos. Oziel Alves, que homenageia um camarada que foi morto no massacre de Eldorado dos Carajás, Dorothy Estende, camarada, missionária que foi executada por Jagunços. Pequeno William, criança que veio a falecer por envenenamento por causa da água contaminada por veneno pelos latifúndios no DF. Oscar Niemeyer, Gabriela Monteiro e outros tantos lutadores.

A denominação religiosa vai de encontro com as práticas do Movimento e vai gerar tensão. A escolha do nome para assentamento, acontece na primeira reunião das famílias assentadas. Sem a presença de membro da direção regional, outras instâncias do Movimento ou área de luta pela reforma agrária, antes que fosse marcada uma reunião oficial, a festa dos assentados para celebrar o nascimento do Assentamento.

O processo de escolha do nome ainda é muito confuso em sua construção neste assentamento, as narrativas se chocam, apesar de meses de prosas e trocas de informações, não foi suficiente. Teve muito café, rezamos e pudemos conversar em algumas oportunidades.

O processo é histórico foi “muito tenso”, algo que era dito enquanto a interlocutora olhava para os lados para garantir que ninguém iria ouvir as *conversas*.

*“Não foi consenso a escolha do nome, mas é abençoado. Me fizeram passar uma grande vergonha, fiquei chocada, mas tínhamos pouco tempo para organizar. O nome traz a boa nova, foi encaminhado e hoje entre nós é celebrado” Dizia Lourdes, nitidamente tensa com a discussão do tema.*

---

<sup>75</sup> Criança, filha da camarada Ele Ânasia, faleceu em um batida de carro, onde estava junto a mãe a caminho de um reunião

Na luta no Movimento, as áreas são nomeadas a partir de históricos de lutas, “somos filhos de uma história de luta”<sup>76</sup>, por isso a escolha do nome é espaço para homenagear as lutadores que tombaram no caminho da luta pela terra, a identidade do povo de luta, algo que aprendemos na formação, também presente na obra de Frei Betto (2000).

Continua, Lourdes

“Me disseram que eu não parecia evangélica por questionar o nome, fiquei morrendo de vergonha. Então encaminhamos, foi uma felicidade a escolha do nome, mas havia muita gente ser lembrada que tombou nesta luta com o povo, a gente sabia que teria questionamento depois, assim foi encaminhado”.

Em conversa com Irmã Regina sobre o tema, ela me disse que uma crente de verdade não poderia questionar a obra de Deus:

“prática é o critério da verdade amado, oramos quando trabalhamos juntos, produzimos, compartilhamos, a benção . O crente apenas falar sobre a palavra e ser vazio de ação, tem que honrar a palavra de Deus e exaltar seu nome, Jesus também foi um mártir da luta pela transformação social”

Em todas as outras prosas com as famílias assentadas no El Shaday a narrativa sempre passava pelo nome da irmã Regina, Negra, dirigente da Frente de Massas da região, nascida na Ceilândia considerada a pivô da escolha do nome por sua defesa da proposta.

“Não havia dúvida também das mulheres sobre a construção do nome do assentamento, iríamos chamar ou não a direção, mas quando nos reunimos e escutamos a proposta, o espaço virou uma reunião e encaminhamos, a irmã (Regina) foi providencial.

A foto acima foi feita por Beatriz, minha companheira, ela estava passando, antes das oito da manhã e viu o culto, tirou a foto, há poucos meses no Movimento e pelos olhares, não fez outro registro. Eu estava em uma reunião no espaço enquanto amanhecia e avaliamos em um grupo de doze militantes a ação ocupação para explicar tudo na primeira assembléia e coordenar o desenho do acampamento. Essa foto feita em julho de 2017 no acampamento que fica ao lado do assentamento tem nessa foto seis das moradoras do El Shaday, não vou identificá-las, a foto é para evidenciar um estilo corrente de vestimenta e também demarcar que há apenas um

---

<sup>76</sup> Música Versando a luta





homem e ele não é pastor é morador do assentamento. Esse espaço político, o culto, aconteceu antes da assembléia e o processo de escolha do nome da área, indicação de uma pessoa presente na foto, Noelton Angélico que havia sido morto dois dias antes em um latrocínio. Nome levado pelo povo que faz parte do Assentamento Canaã onde ele foi assentado, Negro, “filho de Deus”<sup>77</sup>, vivia sozinho, tinha filhas adultas morando na cidade ele na terra. Importante marcar também que o El Shaday é composto por oito famílias e sete delas acamparam e não foram assentadas no Canaã, foram excedentes e conheciam o companheiro tombado.

Depois da reunião onde eu estava o grupo de dirigentes foi a reunião com os acampados, tínhamos uma mística pronto com um mastro novo e bandeira grande no topo de um eucalipto recém cortado da área de uns 6 metros. A mística falou sobre a bandeira através de músicas, terminou com o poema, “bandeira vermelha cravada no latifúndio”<sup>78</sup>. Houve um *teatro*<sup>79</sup>, nele tinham três homens com parte de cima do terno com dinheiro, representando os três grileiros titulados erroneamente pelo INCRA. O povo chega em marcha e ocupa, colocam a bandeira no mastro, já tem buraco no chão aberto para o mastro, parte do grupo expulsa os grileiros e outra finca o mastro

---

<sup>77</sup> Referência dada por Maria, mas sem sentido de que ele não frequentava cultos, mas há um senso comum que todos assim são

<sup>78</sup>Poema de Jane Andréa Cabral e Silva, publicada em 2017 no livro versando a rebeldia, produzido pelo coletivo nacional “Palavras Rebeldes”.

<sup>79</sup>Significa a parte cênica da mística entre seus diferentes elementos.

com a bandeira. Nesse momento o povo tira placas e levanta, com ferramenta na mão, livro ou produção (frutas ou verduras) e grita os setores. Depois chega um grupo com muita produção e monta a palavra MST ela. O poema começa e depois cantamos o hino.

Depois do hino as pessoas de mãos dadas rezaram a “oração universal” o Pai Nosso e a pastora fez uma oração, ela está na foto abraçando alguém, provavelmente depois de rezar sobre sua cabeça. A oração da pastora, começa e passa pela terra prometida, pelas cercas do inimigo, terra é de Deus e seus filhos de luta, lembrou o companheiro tombado.

Começou a assembléia, primeiro, não diferente de uma a reunião comum, a coordenação anunciou o tempo proposto e os pontos a serem discutidos. O primeiro ponto era o nome do acampamento, depois membros da equipe de infraestrutura, cozinha e segurança falariam ao povo. A dirigente política da regional DF, Edineide, mulher negra, acampada, mãe de quatro mulheres e avó. Ela levou uma sugestão de nome, “Dandara”<sup>80</sup>, faz a proposta e pergunta se há alguma sugestão. Há um grito quase de resposta “Noelton Angélico”, por alguém do grupo, que finaliza com amém em tom de pergunta. Edineide pergunta se há mais alguma sugestão, surge então Rosa Luxemburgo, presente nas camisetas do MST-DFE, a coordenadora inquire novamente, “mais alguém?”. Vamos escolher então, levantar o braços quando chamado, primeiro, Rosa Luxemburgo, menos de vinte em um universo de cento e cinquenta pessoas. Depois Dandara, mais de trinta menos de quarenta, por fim, antes da coordenadora falar, algumas pessoas da roda já gritavam em repetição “Noelton, Noelton, Noelton”. Isso foi aumentando até que a maioria esmagadora em coro cantava, o povo, ditava o nome da área, a coordenadora gritou então, “Noelton Angélico, presente, presente, presente.

A foto e o fato demarcam que no caminho da assembléia, houve um espaço político anterior, espaço de articulação, edificação e reafirmação, um ritual.

O ambiente político é densamente ritualizado. Por essa via, o político encontra condições de se objetivar em seus próprios termos. Ganha historicidade. Salta do mundo das idéias, elaborando-o ao mesmo tempo que é por ele elaborado, dialeticamente. A análise da lógica ritual, por sua vez, é uma via epistemológica

---

<sup>80</sup>Dandara é o nome do último acampamento de 2.500 ha, a maior área a regional DF, ocupado dia 07 de julho de 2018.

privilegiada para pensar o político. E, ainda, pelo político podemos pensar a lógica ritual. Terreno fértil para todos que possam assumir estudos acerca da politicidade em todas as suas dimensões. Terreno profundo que permite que tal análise leve em consideração as dimensões irracionais, com por exemplo a vontade de Noelton Angélico. “Várias vezes ele disse não querer seu nome em áreas, todo mundo sabia que ele não queria ter nome em acampamento”, me dizia Conceição, parda, agricultora, assentada vizinha de cerca de Noelton.

Por fim Kertzer, quando analisa o ritual político das festas comunistas da Itália afirma que “... o controle dos ritos de uma comunidade pode ser um importante aspecto da competição política ao nível local” (Kertzer, 1998:3). Esse artigo analisa a competição estabelecida entre o Partido Comunista Italiano e a Igreja Católica pela hegemonia de uma comunidade de rural Italiana.

Ele também propõe uma perspectiva dialética do relacionamento rito-política, já que os ritos podem garantir a manutenção de determinadas realidades políticas e religiosas e, ainda, a dinâmica da mudança de uma determinada realidade para outra que a negue ou supere. Essa mudança também gera em si, em sua heterogênesse, ritos produtores de sentido para a ação. O ambiente ritual situa-se, portanto, na complexa dialética entre a manutenção e a mudança: Dessa forma, mudanças no ritual comunitário não são apresentados como meros reflexos de mudanças políticas, mas sim como parte da própria luta política, com efeitos potencialmente importantes sobre o processo político.(KERTZER, 1998)

## **2.9. O CAMINHO ATÉ CHEGAR À TERRA**

Há uma grande tensão quando se aproxima o momento da *avaliação*, momento em que são escolhidas as famílias que iram ser assentadas, nenhum assentamento pode comportar todos que estão acampados, sempre há um número superior. Nesse processo primeiro há discussão sobre o plano de viabilidade ambiental e o desenho da área, vai ser quadrado burro, raio de sol<sup>81</sup> ou outros

---

<sup>81</sup> Este novo modelo de assentamento tem com ponto central a organização das habitações por meio dos Núcleos de Moradia com um número de famílias que pode variar de 10 a 25, em função do tamanho da área do assentamento. Diferente das agrovilas em que o lote fica distante da casa, nos Núcleos de Moradia as casas ficam em cima dos lotes. Este novo jeito também diferente do parcelamento tradicional, o quadrado burro, em que cada casa fica distante uma da outra perdida no meio do lote. Este modelo tem o formato de um raio de sol, com casas circunvizinhas formando um círculo, os lotes começando no quintal e se ampliando para fora. Há uma aproximação das famílias,

formatos viáveis. O plano de viabilidade é construído pelo coletivo de produção formado de militantes da regional ea direção política do acampamento, sobre a capacidade de cada área e fazem a escolha a partir de uma reunião com as famílias e suas necessidades. Onde será a reserva ambiental do assentamento, onde será a área coletiva e os coletivos da área, tudo deve ser decidido antes da escolha das famílias, são explicadas todas as características da terra, quais são as possibilidades e o que não é permitido. Por exemplo, no DF é proibido na maioria das áreas a criação de animais de grande porte, como gado, visto também que 5 ha não vai comportar uma dezena.

O segundo momento do processo que acontece depois de duas reuniões para discutir o plano de viabilidade há uma reunião para a escolha dos nomes das famílias a serem assentadas. Na reunião que vai compor os nomes das famílias a serem assentadas é feita pela equipe construída anteriormente para essa tarefa, dirigentes regionais da FM<sup>82</sup>,DH<sup>83</sup>, Produção e Formação, junto aos dirigentes políticos do acampamento, regional e estadual.

Nessa reunião são elevados os nomes das famílias de todas as áreas de acampamentos segundo os critérios estabelecidos, é escolhido um local, algum espaço para realizar a avaliação. São lidos os critérios apresentados na sessão anterior <sup>84</sup> Algumas coisas são centrais na avaliação e deve ser explícitas nas propostas. *Tempo de luta*, isso vai pensar o tempo de organização e atuação, resumido em uma frase comum nos acampamentos *Quem não é visto, não é lembrado*. Visto que a direção é composta por militantes antigos, importante para avaliar as lutas em vista de todo o processo histórico da área e também outros momentos de luta recentes. A equipe composta para avaliação vai trazer os nomes a serem avaliados, visto que 70% é da área e o restante é da militância com as condições mas que estão acampadas em outras áreas da região.

Mônica: Todos conhecem o povo da base para avaliar?

Edmar: Vamos avaliar critério a critério e marcar, coordenação da área tem de ajudar em possíveis desvios.

Maria: Tem gente aqui que nunca vi, tem as fotos na dúvida tá gente.

---

que permite a implantação de áreas sociais onde se instalam espaços reservados para escolas, celebração religiosa, esportes, etc. (GONÇALVES, 2005:289)

<sup>82</sup> Frente de Massas

<sup>83</sup> Direitos Humanos

<sup>84</sup>Página 11 há um resumo dos critérios de avaliação retirados do grupo de Whatsapp

Assim é marcado o *tempo na luta*, muitas questões compõem, pois não só o tempo de acampado, se há participação nos espaços, lutas, cursos e todas as atividades inerentes à luta pela terra.

O próximo quesito a ser avaliado é a *pertença*, reconhecimento de sua base para com sua luta.

Não é uma boa luta ser um ótimo militante fora de seu acampamento e não conseguir manter seu lote digno, “ só produção de mato”. A família camponesa, pela sua práxis produtiva altamente integrada à natureza, tem atuado como guardião da agrobiodiversidade num contexto histórico em que as classes dominantes e a privatização dos saberes impõem a artificialização da agricultura.

O *vínculo com a terra* está ligado diretamente à produção, algo automático, não há sentido assentar uma família que não produz. Ainda assim, será na dinâmica reprodutiva da unidade camponesa de produção e trabalho, seja individual, coletivo ou comunitário, que se poderá encontrar a maior parte das respostas para superar a unidade de produção capitalista no campo (Carvalho, 2013).

Caso sua base não reconheça a *luta da família* e moradia, aquela família perde muito. Estudos, escolas estaduais, cursos básico, entre outros diferentes setores também são significantes.

*Disponibilidade* para cursos e viagens em tarefas quando solicitadas e indicadas pela direção. Entre outros atributos, esse são relatados e após as indicações que funcionam da seguinte forma.

Primeiro todo mundo presente na reunião escreve sua indicação e os nomes são sorteados, não tenho muito mais elementos para descrever esse momento em que não estive presente, depois os nomes escolhidos são avaliados por todas as pessoas presentes e é “ muita tensão” afirmava uma militante que compunha a instância em algumas avaliações.

“É muito ruim fazer isso, mas é necessário, temos muito pouco tempo para avaliar a vida do povo na luta, todas as dificuldades e limitações, anos de luta e dedicação, tudo em um dia. Tu acha que é o mais justo possível, tentamos, mas como não somos perfeitos nossas obras são reflexo, fico exausta e acabada, nem durmo depois desses momentos, gosto não, mas é uma tarefa né”

Depois da avaliação, as famílias são comunicadas e tem assim uma semana para erguer seu barraco e “cair para dentro” das parcelas, sempre recebem ajuda das famílias para construir seus barracos e são lembradas a todo momento, pode

presenciar momentos sem que as pessoas cantavam enquanto trabalhavam. Como estudado por Couto (2016) estar na parcela não vai mudar as lutas, pela manutenção das dificuldades inerentes ao novo formato de terra.

Essa realidade de luta na produção é também base para a sociabilidade vivenciada, junto às contradições como base no trabalho. Neste sentido, também são as bases da sustentação da força de trabalho no Brasil, movido predominantemente em sua capital pela força de trabalho negro, sobretudo das mulheres negras, maioria das pessoas acampadas, visto que o Movimento de uma proporção de quatro sétimos de mulheres na direção, chefes de família, a base é ainda mais numerosa.

## **2.10. NÃO REPARA A BAGUNÇA**

A maneira como a religiosidade aparece na vida é o sentido de escutar apenas, muito marcante no discurso de moradoras, suscitou um outro conjunto de questões, versando sobre as formas como tal relacionamento com a religiosidade é encarado e incorporado pelos membros do Movimento, tanto como sobre o tipo de convivência que estabelecem com a instituição Igreja e seus representantes.

“Minha casa é o mundo” dizia Maria enquanto falávamos sobre a dificuldade de acessar recursos para subsidiar a produção e construção da casa.

Maria: “A gente sempre conversa e pergunta né para o povo quem é cristão e quem é cristão é cristão para si apenas. Porque o povo acaba por não praticar o primeiro mandamento. Está no Êxodos: “ amar a deus sobre todas as coisas e o próximo como a ti mesmo, qual a dúvida da contradição quando ela não sai de si para o outro”

Ao entrar nas salas de todas os barracos é fácil perceber algo comum, as bíblias têm lugar. A sala, lugar que possa ser de fácil acesso as pessoas. Não são acionados muitas vezes palavras da bíblia sagrada na repreensão de atos, as crianças quando apontam e dizem “a palavra de Deus”, fato aclamado na casa de Irmã Regina. Ouvi incontáveis citações bíblicas diretas em todos esses anos de luta pela terra no DFE. Todos de chapéu, vestindo roupas de trabalho, a maioria vinda de doação das igrejas, às vezes passavam doando roupas nos acampamentos,ótimo trabalho de base.

Em um dia comum desci do ônibus, passei a cerca e caminhei, logo percebi pelos cachorros ou melhor, fui percebido, avistava as casas de longe, sabia qual havia pessoas, as janelas e portas sempre estão abertas, o calor. Fui avistado por irmã

Regina, ela acenou de longe, caminhei em sua direção “ Rafinha, foi Deus que mandou você a aqui, ajuda Daniel”. Ela estava mancando, eles arrumavam o telhado e Anderson(17) e irmão de Daniel(11) , não podia auxiliar mais pela limitação do tamanho. A providência de minha chegada para auxiliar no processo foi aclamada por Regina, olha Rafinha:

“O Movimento tem seu sentidos, mesmo fora do livro, deus não fala por palavras bonitas, você o entendeu, tem que deixar Deus tocar seu coração.” Nossa tarefa era trocar duas telhas, a ventania de dias anteriores, danificou os barracos no assentamento. Ela continua “ uso telha fina é foda, foi por Deus que não voou tudo mesmo e nem caiu em cima dos meninos a noite”

O chão do barraco diz muito, estamos no cerrado, poeira é mato. O solo do assentamento é nitidamente degradado, foram muito anos de monocultivo de milho transgênico acompanhado do pacote de veneno. Por anos presenciamos esse abuso, não há dúvidas que a água do poço está contaminada. Estamos participando de um projeto na região que deve ser apresentado no FAMA - Fórum alternativo mundial da água, sobre a poluição das águas da capital pelo alto consumo de agrotóxico, a área está na zona rural, logo a zona com maior incidência de casos de envenenamento. Por isso um solo mais desagregado na seca, clima característico do cerrado, faz muita poeira. Logo não há como lutar com o terra, as famílias vão conviver com essa condição até uma mudança, as casas de alvenaria e o piso. Todos os barracos, que eu já tenha visitado em toda militância, em algum momento me recebe e diz, “ não repare a bagunça” ou “muito trabalho, não tive tempo de arrumar a casa”. Isso reflete um cuidado muito sensível, posso atestar que são casas, muito limpas e organizadas, sem considerar ainda toda falta de estrutura. Estava andando em sentido do barraco de Regina e logo fui anunciado à casa pelos cachorros. Sua casinhas são próximas às casa e nunca estão sozinhos, algo comum, uma regra. Não é possível ter apenas um cachorro, até ele tem que ter uma companhia e cobertura. Não havia nenhum animal preso, isso faz as caminhadas nas áreas de assentamento uma pequena tensão outro encontro com cães. Nunca foi mordido por cachorros em áreas de luta, isso não quer dizer que não tenha passado por problemas. Muitas vezes fui surpreendido por latidos e aproximações de cães, sempre reajo da mesma forma. Fico parado, confiante, esperando um sinal do cão de me reconhecer, às vezes já os vi, as vezes esperar um sinal de sua família para parar, chego na casa acompanhado pelos cães, três. Próximo à casa a primeira coisa a avistar é o horto medicinal, ao lado da

casa, próximo à cerca do galinheiro, a garantia de proteína comum. São apenas 5 galinhas para toda uma família, é algo insuficiente ainda, todas caipiras de raça gigante, tem valor de R\$ 50,00 vivas e meia dúzia de ovos diários. Há ao lado uma caixa d'água, suspensa por estrutura de 3m para ajudar na pressão, não pude testar por que há meses a bomba queimou e assim não há pressão, tudo é feito por baldes.

Uma composteira de 2m<sup>2</sup> perto ao galinheiro também compõe o quadro produtivo, junto ao que será o chiqueiro quando melhorar a condição para comprar e manter o bicho. Ao lado esquerdo da casa, há um projeto desenvolvido por alunos do ensino médio técnico do Movimento de agrofloresta, com feijão guandu, uma árvore, bananeiras, batatas e mandiocas, um pequeno campo ao lado da casa. Todas as parcelas têm uma grande roça de milho, o segundo alimento é a mandioca, o terceiro é o feijão guandu, este último cresce de produção por que adubar o solo, visto que a matriz da produção agroecologia e a produção do solo para vir a produzir alimento de qualidade e alta produtividade orgânica.

A maioria desse trabalho produtivo por exemplo na parcela “Manancial de vida” da família de Regina, é feita pelos filhos, ela ainda trabalha na cidade em uma padaria, Soldado seu companheiro organiza a casa com os meninos. Não duvido de uma segunda jornada, mas creio que esse processo avança pelo tom das cobranças da mãe e seus filhos, todos eles quatro. Estudantes do colégio da região, estão todos matriculados e frequentando, já perguntei a eles, perdi as anotações, sei que apenas um já reprovou um ano. Regina, por trabalhar fora é detentora da maior renda da família, nada que chegue a um salário mínimo e meio mensal.

A manutenção das atividades doméstica é dividida na casa entre os moradores, todos eles do sexo masculino, Regina sai para trabalhar todos os dias antes das 7 horas e volta depois das quatro horas da tarde. Ela sempre chega em casa segunda seus filhos apontando a bagunça. Pude presenciar este momento:

Regina: Chego em casa depois do trabalho cansada e olho a casa bagunçada, qual o problema de vocês? Homem não sabe limpar a casa, organizar as coisas ou vocês querem um escrava, não acredito gente.

Daniel: Limpamos mãe, mas nunca fica do jeito que a senhora quer, a gente ficou o dia todo trabalhando aqui.

Regina: Vai chegar alguém em casa ou eu que estou voltando do trabalho depois do dia todo e tenho que escutar e relaxar ou ainda tenho que arrumar as coisas caso eu queria um mínimo de arrumação?



Depois de escutar o diálogo, mudo saí do recinto que percebi ser algo que não podia estar perto porque constrange as pessoas, mãe e filho discutiam, aos pouco pude me aproximar e perguntar:

Rafael: Ainda vai trabalhar hoje?

Regina: Sim, homem não sabe limpar? pelo menos a comida eles fazem bem, mas para arrumar as coisas só por Deus. Olha trabalho o dia todo e tenho que chegar em casa, com ela de um jeito que fico irritada e tenho que arrumar, com tantas pessoas em casa o dia todo? Opressão isso.

Esses pequenos diálogos expõem que mesmo como a chefe da família, pelo reconhecimento do povo de sua participação em tarefas, por ser uma irmã também e a chefe da família pela a renda que produz trabalhando fora de casa, ela ainda é acometida pela desigualdade da divisão doméstica do trabalho ao retornar para casa no fim do dia. Isso evidencia as contradições sociais ainda vividas no Movimento pelas famílias, mesmo aquelas que confrontam os papéis tradicionais dos gêneros. As jornadas duplas ou triplas não acabaram ainda e é evidente que muitas lutas serão travadas para a libertação dessa opressão. Aqui fica evidente que mesmo em uma posição social reconhecida com mais destaque, o gênero é algo que subverte as lógicas da divisão doméstica do trabalho.



### 3. TERRA DA SALVAÇÃO, NOVA JERUSALÉM

O acampamento Nova Jerusalém fica no setor Privê, na área administrativa da Ceilândia, a maior cidade do Distrito Federal. Um acampamento composto por 25 famílias em um espaço de menos de três hectares, uma área de preservação ambiental (APA) indicada para ocupação pela SR28. A área foi indicada pela urgência das famílias que não foram avaliadas em outros assentamentos ou que tinham luta, para serem assentadas, em meio a essa demanda apresentada ao INCRA. Ocorre uma reintegração de posse feita pelo Estado, pela polícia, sem ao menos a base legal burguesa para o ato, ou seja, medida judicial, o que apenas reafirma sua essência de repressão a classe trabalhadora ocupada no dia dois de outubro de 2016. Clarkson chorava quando falava do acontecimento que resultou em sua prisão por alguns dias por desacato, destruiu o acampamento desalojando mais de 100 famílias que viviam na área. Ponte Alta do Gama, uma área de cerrado. aberto, plano perto da rede de alta tensão e do posto da polícia federal no KM 45 da DF251.

Clarkson: Foi o Diabo, não tinha nem ordem para reintegração na área que a gente estava, era outra área. Mesmo assim, a gente estava pronto para resistir e ir para outro espaço, esses cão além de entrar no Zumbi, ainda seguiram a gente que chegou a ocupar outra área e eles sem sentido queriam reintegrar a terra de ninguém e nem ouviram a gente, foi bala de borracha para todo o canto.

Rafael: Ouvi que o povo ainda tentou segurar, o povo do DH ainda disse ter comunicado ao Estado o erro antes de tudo, o povo nem estava nas áreas do ordem judicial, foda. Por que te prenderam?

Clarkson: Quando começou a borrachada (balas de borracha) em todo mundo, criança mulher, a gente foi para cima para o povo correr, aí foi feio, os caras estavam com o cão no corpo. Teve duas companheiras e uns quatro companheiros que foram atingidos, foi o diabo mesmo, não tinha sentido. Depois de prender a gente ainda jogaram muito spray de pimenta, sem dó, ainda ficamos com fome na madrugada na delegacia.

Nilma: Olha aqui (mostra a perna ainda rocha, com a marca da bala) eu tentei mostrar o documento dizendo que o Zumbi não era a área que eles tinham reintegração de posse e ele me mandou correr e ainda tomei uma bala na perna, Satanás.

Clarkson: Só xingamento, falavam que já conhecia o povo, que tudo era drogado, ladrão, vagabundo, que não seria pior por que tinha criança no meio.

Resultado da operação, dois militantes presos, Clarkson e Nego Vêi (Edmilson) Negro, crente e militante da FM<sup>85</sup>, quatro pessoas atingidas por balas de borracha, três companheiras e um companheiro e muitas horas de trabalho comunitário a serem pagos pelos presos. Um erro ou acerto deles, resulta na reintegração de posse de outra área próxima ocupada pelas famílias Acampamento Dandara, também sem ordens contra sua ocupação. O acampamento foi queimado, mas “ Zumbi dos Palmares e Dandara” não morreram, seguimos na luta dizia Clarkson, homem negro, artista plástico e crente. Os acampamentos ficavam na Ponte Alta na RA do Gama, próximo a um posto da polícia rodoviária federal na BR 381, muito acampados na área, eram moradores de rua e usuários, característicos de Crack, estavam na luta, a maioria com as famílias. O fluxo de famílias, resiliente que continuaram na luta, tinham uma direção, mas muitos não sem área, o restante dos materiais foram levados para o acampamento Nova Jerusalém.

O nascimento de Nova Jerusalém acontece como resposta do INCRA ao acontecimento, ainda em 2016. As famílias foram cadastradas na área, a reintegração foi feita por órgãos distritais, depois do ocorrido, quando questionado sobre o fato, o INCRA, resolveu a questão com a indicação da nova área. Há pouco eu fazia parte da Direção Regional, minha segunda reunião na tarefa de direção foi no novo acampamento, ainda sem nome. Pela localização, fui de ônibus, o acampamento mais acessível do DF, dentro do perímetro urbano, como todos os aparelhos públicos próximos e comércio popular também. Desci na passarela do setor “O” na BR 070, altura do terminal, lugar de referência e acesso de coletivos para todo o DF e Entorno, dava acesso através de 15 minutos de caminhada até o acampamento. Como de costume sigo de boné do Movimento, bermuda e camiseta e chinelos, eram por volta das 8h30. Bairro da periferia de Ceilândia, ótimo acesso a toda capital e entorno pela proximidade da rodovia, um dos último bairros criados na expansão da Ceilândia.

No caminho para o acampamento temos que passar por muitas igrejas, uma mata ciliar e o que é conhecido com “cracolândia”, onde vivem muitas pessoas em situação de rua e consumidores de crack. O Movimento muitas vezes esteve nesta área para conversar com as pessoas e cinco das que ali viviam hoje são militantes

---

<sup>85</sup> Frente de Massa

acampadas em outros dois acampamentos da região, Noelton Angélico e Mariele Franco.

Um bairro comum, casas com muros e portões todo fechados, outras rebocados ou chapiscadas<sup>86</sup> de massa, mas todos habitadas, passava uma lotação<sup>87</sup> na rua que dividia a área rural, ainda dentro do perímetro urbano. Dois quarteirões a dentro havia uma rua principal com comercial, padarias, mercado, farmácia, lotérica, lan house, papelaria e muitos salões de beleza, distribuidoras de bebidas e igrejas. Nesse caminho em um dia de domingo, fui abordado por “Testemunhas de Jeová” cristãos da Igreja do Sétimo Dia, “Salão do Reino”, muito conhecidos de quem vive na periferias do DF, visitam as casas principalmente aos domingos. Eram um grande grupo, acredito que estavam saindo para evangelizar, todos a caráter, roupas sociais e pastas na mão. Na rua me abordaram, um senhor negro de uns 50 anos, me disse “filho, tem um minuto para ouvir a palavra de Deus?” respondi como faço há anos, “apenas se tu puder me ouvir o mesmo tempo que te ouvir.” Ele responde, com um tom de desconfiança e todo o grupo fica próximo, “Você acredita em Deus?” respondo em tom sarcástico “você não vai ter tempo para me escutar né, bem, bom trabalho.” Ele por fim pergunta, “pode ficar com nosso material, o salão é na frente do acampamento e tem povo de vocês nos cultos, vamos conversar”. Sorri e me despedi com o material nas mãos, material que é vastamente usado em *memes* na internet, famílias em meio a animais selvagens em um mundo sem dor, maldade e morte. Atravessei a rua e o asfalto acabou, alguns metros depois, vi pessoas trabalhando no que viria a ser a guarita ao lado de um mastro que já tremulava a bandeira colorida do Movimento. No bairro a linha 0.291, lotação circular, passa na rua perto do acampamento e a todas as pessoas mostrava que havia barracos e muitas plantações diversas, onde antes era lixo agora brota alimento.

### 3.1. AMÉM?

Ao chegar no local, logo salta ao olhos uma nascente no meio da área, isso é proibido, mas bem, estamos na áreas por recomendação das autoridades responsáveis. Havia apenas cercas no espaço, feitas por um antigo grileiro, um chão

---

<sup>86</sup> Efeito que dá o cimento quando muito diluído em água com pouco terra, dá um efeito de acabamento, rústico e acessado pela maioria da população carente.

<sup>87</sup> Micro ônibus de transporte circular no bairro até o terminal do setor “O”.

preto, argiloso e ótimo para raízes das batatas e mandiocas. Não havia ainda nenhuma estrutura usual nos acampamentos: nem plenária, nem postinho, mercadinho ou guarita. No espaço também havia muito lixo, resto de construções, móveis velhos, além de madeiras descartadas pela população. Houve muito trabalho para retirar do lixo, antes da construção dos aparelhos necessários para a vida no acampamento, sua proximidade com a cidade era animadora para a base.

Peruana (Lourdes): Não dá para plantar nada né, por que é pequeno, mais é do lado da cidade, tem tudo pertinho. O terminal é lá depois da BR, a gente podia ser assentado aqui nas proximidades né, seria perfeito.

Silvani: Ah isso é verdade, mas tem muito doido, por aqui, os drogado, mala, muito perigoso. A localização é muito boa mas não pode achar que é perfeito né, pelo menos as coisas são perto e nem precisa de ônibus para escola da Fernanda (Neta, criada por ela). A proximidade com a área urbana, periferia da cidade é característica por uma fronteira, construída por esse trânsito entre o dito rural e o urbano da militância dos acampamentos, não uma dicotomia estruturante (FERGUSON, 1999) .

Minha ida ao acampamento, tinha como objetivo central a tarefa de contribuir na reunião sobre a organização do acampamento, a começar pela escolha do nome da área e todas as outras questões inerentes a uma nova área. Os coletivos e o desenho para a construção dos barracos, bem alguns já estavam sendo construídos pela urgência do tema, orientados pela equipe de infraestrutura. No caminho do sentido de pensar o nome da área, o objetivo é criar a identidade, muito importante e preparar um mística de abertura nesse sentido. Toda a estrutura do acampamento é desenhado, a coordenação pensa as necessidades do povo na localização, mas lidarei especificamente como a escolha do nome. O histórico do processo de escolha do nome é um dos eventos especiais, compostos pelas narrativas das participantes, não deve ser pensado como padrão na constituição das áreas, mas componente histórico da configuração da dinâmica social. Todas as áreas são únicas e os fatos que compõem sua construção também, a assembléia de escolha do nome é sempre algo histórico e um componente importante, no histórico para análise.

A primeira assembléia dos acampamentos, um momento histórico que produz impacto nas narrativas de uma área, marca o local. Não era a primeira vez que iria participar deste tipo de evento, até aquele momento havia participado de cinco momentos e todos foram muito emocionantes. Nestes momentos algumas camaradas

pensam em indicações de nomes para que possamos dar potência a luta, ocupando o imaginário da base. No processo todas as famílias devem se manifestar, até as crianças participam, estão na plenária, não há cirandas, o setor de educação ainda está em construção, como todo o espaço. Estive no acampamento desde sua ocupação, composta por militantes inscritos em uma lista discutida em reunião antes da ocupação depois das derrubadas ocorridas nos acampamento Zumbi dos Palmares e Dandara. O acampamento deveria ser de “resistência”, a área era transitória para pessoas que tinham luta, tempo, na maioria das vezes excedentes de outras áreas, onde não foram assentadas e os que sofreram reintegração de posse. Havia por exemplo excedentes do assentamento Canaã, que vamos discutir a seguir e do acampamento Oscar Niemeyer, pois mesmo antes da definição das famílias, já produz excedentes antes da avaliação e também há pessoas do Zumbi dos Palmares, reintegrado sem pedido.

No *Jerusalém*<sup>88</sup> tive com lugar de estadia o barraco de Maranhão, dormia na rede, rede de dormir que compõe o kit<sup>89</sup>. Antes das 7 horas, quando terminava de tomar café, já podia ouvir o barulho do povo limpando suas áreas para fazer o barraco. Os espaços já demarcados pelo equipe de “Infra”<sup>90</sup> no segundo dia e os gritos de comunicação entre as pessoas eram audíveis por todos. Ajudei Maranhão, estávamos limpando o espaço e ele diz, pouco antes do meio dia ele diz: “fi do pai, mata a galinha, ela está ali, na irmã Carla, tá com a sacola no pé”. Ele aponta um cercado com algumas galinhas, foi a instrução “comece a tarefa”. Havia matado apenas uma vez galinha em minha vida, bem, já havia visto o processo e ajudado, não disse nada e prossegui. Maranhão é um militante chave na condução da narrativa sobre “Jerusalém”, negro, há sete anos na luta, solteiro, com um filho Carlos, uma família conhecida. Sempre um morador da área e que a desde que ingressei no Movimento tenho acompanhado trajetória por capitanear ocupações e coordenar tarefas nesses processos escolhidos para análise. Fui pegar a galinha na “Irmã Carla”, ela trabalha

---

<sup>88</sup> Forma comum de referência a área no Movimento, será usada em itálico.

<sup>89</sup> Kit militante, sempre que vamos para alguma ação, temos a orientação de ir munidos, de talheres, prato, caneca. Farda do Movimento e se possível rede ou colchonete, para possíveis pernoites.

<sup>90</sup> Equipe de infra ou Infraestrutura, vai executar o planejamento da Frente de Massa, sobre o desenho do acampamento. Ajudando a construção de barracos, ligação da energia e coordenando os mutirões de construção dos coletivos, são eles, mercado administrado pelo setor de finanças, posto de saúde coordenado pela setor de saúde, ciranda coordenada pela educação, plenária e cozinha coordenada pela produção coletiva que sempre vai funcionar na primeira quinzena por costume do acampamento podendo ser prorrogada.

tirando pregos das tábuas. Seu nome verdadeiro é Maria Madalena, no entanto, pelas referências da bíblia da figura de uma prostituta convertida, ela adota outro nome, Carla, por vergonha. Carla, militante negra e destacada nas lutas, já participei de muitas lutas com ela e tenho em minha memória a imagem de uma pessoa de referência, é uma irmã, “muito certa” com diz Maranhão e Edineide, quando perguntada sobre Carla.

Edineide: Ela é muito certa, não tenham quem tem qualquer coisa para falar sobre ela e luta, nunca depende de homem nenhum.

Maranhão: Coloca os vagabundo tudo no chinelo, deixa ela começar a produzir que o povo vai pirar.

Volto à tarefa, levei algum tempo para pegar a galinha, Carla ria e me disse que às cinco horas haveria um culto. Agradei o convite, logo percebi o campo me chamando para discutir, peguei a galinha e a deixei pendurada de cabeça para baixo, para descer o sangue, enquanto pegava madeira para acender o fogo.

Depois do convite, fiquei inquieto, não poderia ir ao culto, pois antes havia uma reunião para discutir a organicidade e coordenação do acampamento, começaria às 14h e o culto às 16h, não teria oportunidade de ir. Marcada também já estava uma assembleia, às 17h. Continuei na tarefa, galinha com quiabos, tudo produzido no Acampamento Zumbi dos Palmares, destruído a alguns dias atrás, coisa da terra, frutos e sementes da luta, luta resultado de trabalho “ Zumbi não morreu dizia Clarkson, enquanto a gente comia. Logo me organizei e fui para a reunião, pensando no culto, acreditava em um possível campo, por isso registrei. Pouca coisa era do mercado, nosso arroz, foi o agroecológico, da cesta do Movimento, feijão também, temperos eram externos e a galinha, ainda fruto do *Zumbi*. O mercado ainda estava presente, na farinha de mandioca e no refrigerante trazidos por Carlos, homem negro, vendedor ambulante, crente, como sua contribuição para a refeição que nós quatro faríamos. Depois do almoço, paramos para fumar e conversar, tínhamos ainda 1h30 antes da reunião, discutimos as tarefas, principalmente a energia, algo vital desde o primeiro dia.

A reunião começou com um pouco de atraso pela animação e a mística, ela em mim teve sentido de refletir os símbolos da luta, teve como tema central a música “ordem e progresso” dançada e cantada por todos em diferentes cenários provocados, através de placas e teatros mudos, por fim um poema, “Movimento Sem Terra, de

André Rocha. A reunião começa, prossegue em um bom ritmo pela urgência de depois fazer uma assembléia com o povo às 18h.

Por volta das 16h começava o culto e era tranquilamente audível dentro da reunião, em alguns momentos podia causar um descompasso e a coordenadora protestou. A reunião acontecia na estrutura do que veio a ser o barraco de Sandro, coordenador da área, uma grande tensão começa, ninguém se aventurou a pedir para abaixar o tom das pregações. as vozes eram potentes, uma militante, dirigente e irmã Carla, porventura muitas vezes condenava cultos, foi até á celebração, o tom baixou mas as pregações continuaram. Parecia que todas as intenções do culto estavam direcionadas à área, a reunião foi coordenada por uma irmã, não era do Movimento. Não cheguei a conhecer, mais sei que é de uma igreja da proximidade, não havia 2 dias que as pessoas haviam começado a chegar e levantar os barracos os missionários protestantes vieram.

As igrejas circundam o acampamento, característica da região, pude ver mais de uma dezenas de templos em menos de 40 minutos de caminhada, visitaram o povo. Pude junto a outros militantes caminhar no bairro e perceber que o raio de toda a extensão entre o acampamento e o final do bairro leva apenas alguns minutos de uma caminhada tranquila. Pude em outros dias na área presenciar a chegada da igreja, principalmente da turma de jovens, em busca de convidar pessoas para poder voltar a estudar com ajuda da igreja e conhecer o “caminho da salvação.” No tempo em que estive na área, pude presenciar este espaço<sup>91</sup>, todos nós olhávamos quando um carro chegou, um carro comum com cinco pessoas. Jovens, salvo um senhor de nitidamente mais de 50 anos, com um chapéu de boiadeiro e óculos escuros, me parecia ser um pastor. Concordamos, uns 8 camaradas, que estávamos trabalhando na casa de Maranhão, “o povo vem nos converter. O pastor, estava supervisionando o povo na ação de evangelização, pouco teve contato conosco, o contato dos jovens foi muito rápido por sentirem o cheiro da maconha que fumamos e não paramos pela chegada deles, ofereceram panfletos e seguiram para dentro do acampamento. Fiquei muito curioso, logo perguntei aos camaradas, quem eles eram. A resposta de Maranhão foi bem tranquila “As igreja mapearam essa área, fundadores do Privê, vai, eles têm contato direto com a administração”.

---

<sup>91</sup> Sinônimo de evento



Na guarita em construção eles foram bem recebidos pelo povo, não tiveram nenhum questionamento antes de entrar no acampamento, parecia que já conheciam as pessoas, pude acompanhar visualmente e depois falar com o povo na guarita. A presença da igreja protestante no acampamento será comum no decorrer de tempo, por isso não tive dúvidas de que era o campo, antes da pesquisa começar. Não é aqui o momento, mas nos tempos que seguiram o momento que descrevo, pude perceber e conhecer missionários que faziam questão de passar pelo acampamento do MST e da associação Olga Benário<sup>92</sup>, vizinha de cerca. A “associação” teve também autorização do INCRA para ocupar o espaço dividindo uma área de 6 hectares com o Movimento, não tive muito contato com associação, mas fiquei sabendo que eles regularmente tinham cultos na área.

Depois de dar essa volta, volto ao caminho da reunião, estou em uma reunião e entre as discussões, via minha atenção furtada para a pregação que estava próxima. Tivemos que resolver várias problemáticas em relação ao acampamento e povo que ali iria lutar no espaço, seria semiaberto ou fechado apenas para moradores? Este ponto acontece em decorrência da condição do acampamento teve o princípio receber família depois da derrubada do Acampamento Zumbi dos Palmares e outras que tinham muito tempo de luta de outras ocupações. Não seria como outros acampamentos que são abertos, recebem família até um determinado momento e é fechado para organização e estruturação das famílias que residem e lutam. Bem, depois de uma reunião difícil, tínhamos que encaminhar para a assembléia de discutir o nome da área. Saímos chamando o povo em seus barracos em construção, e o povo que deveria preparar a mística, já estava preparando o espaço. Não tínhamos espaço coberto para a assembléia, havia um série de informes ao povo e depois as propostas de nomes para que o coletivo possa escolher e discutir outros. Começa a reunião e depois de uma mística que teve o sonho da terra como principal elemento, fomos aos informes, sobre a estrutura e os planos de ação do povo, aí chegamos ao ponto de discussão do nome.

Havia um grupo externo de saída do culto, outro dos participantes que estavam juntos na organização do povo, como um grupo em destaque no meio do povo, eram em torno de 50 pessoas na assembléia. A reunião começa, Marcela, negra, cristã e

---

<sup>92</sup> Associação Olga Benário, conhecida também como associação ou com AMST, amigo do MST. Associação criada por ex-militante do Movimento que continuam organizando famílias para ocupação de terra no DF, algumas vezes juntas com o MST-DFE.

coordenadora na Frente de Massas, explica a pauta e encaminha os desenhos e a lista desenvolvida pelo coletivo de infraestrutura da ordem da construção dos coletivos.

Marcela: Camaradas, vamos encaminhar agora o nome de nossa área de luta.

Irmã Dolores: Já temos o nome e aqui vamos referenciar.

Marcela: Temos um processo povo e vamos seguir, aqui é o espaço para discutir irmã.

Irmã Dolores: Nova Jerusalém

A irmã grita e acontece um silêncio ensurdecedor, muitos se olhavam, em tom de questionamento, uma pergunta ao coletivo, todos os presentes.

Irmã Dolores: alguém tem outra sugestão ou algum desconforto com o nome escolhido pela base? Amém?

Marcela, a coordenadora da assembléia, apenas olhou o processo e calada expressava sua angústia, poderia ir ela contra o povo ou contra as linhas do Movimento?

Irmã Dolores: Estamos aqui juntos e a base tem toda autonomia.

Algumas pessoas gritavam “aleluia” e “amém” e batiam palmas, de repente o efeito manada da legitimidade faz soar palmas gerais e assim é escolhido o nome do acampamento, sobe muitas palmas.

Não houve qualquer pronunciamento, e para isso pretendo também chamar a atenção. Muitas vezes a religião é “legitimidade” em função de seus interesses, a partir de um grupo de pessoas, confronta outros militantes ao ostracismo dos “não crentes”. A discussão de religião ou posição religiosa, obtém uma posição em que os contrários são considerados os “desarticuladores” não dá organicidade do Movimento algo grave, mas contrários a igreja, não um tempo ou uma corrente, mas ao povo crente. Neste espaço tentei abordar o que acontece no momento em que um processo praticado normalmente foi transformado em todas as características previamente acordadas em função da legitimidade religiosa, algo sintomático deste cotidiano. Mesmo que o modelo de reunião seja o mais democrático formato de construção, algumas figuras têm maior carisma e é conferido assim legitimidade pelo apoio popular no processo.

Segundo Mafra (2001), a forma de organização colocada em prática pelos grupos evangélicos, sobretudo os pentecostais, é marcada pela solidariedade, aliada a forte iniciativa individual. Inicialmente marcada por um perfil de religião de

negação do mundo, no sentido de sobrepor as regras pela prática religiosa. Uma teologia simplificada e assemelhando-se culturalmente ao catolicismo popular, produziu uma capacidade de unir em um só espaço elementos da religiosidade e o social, sem negar o mundo mais significando-o pela religião e no caso do acampamento, sobrepondo a discussão sobre a intencionalidade do nome das áreas de luta. O campo aqui está no perímetro urbano, mas o urbano está do outro lado da rua do rural.

### 3.2. NA BÊRA DA PISTA

“A gente vê os prédios, o som de veículos é tão do lado quanto o das galinhas do vizinho. Às vezes a gente não dá conta, mas é presente, minha casa e o povo que vem junto a gente não escolhe”. Maranhão, Ceilândia, caderno de campo.

A dimensão do acampamento começa logo antes da entrada quando podemos visualizar a bandeira, mastro de três metros aproximadamente e a cerca antes do poste com a mensagem a quem passa na rua.

A cada dia a cerca vai ficando mais viva pelas plantas vão compondo a delimitação do espaço junto a ela. Logo é facilmente identificada a entrada, única, coordenada pela portaria. A portaria ou guarita é uma característica de todos os acampamentos do MST, uma casa de madeira de tábuas aleatórias. Hoje o acampamento Nova Jerusalém tem um ano, muita coisa aconteceu, produção de alimentos e alguns saíram da luta, mudaram de acampamentos. As características geográficas são as mesmas, agora destoam mais pela consolidação da vida no campo.

O periurbano e o rural, esta é a discussão da “ delimitação geográfica” de rótulos. Parte da discussão das lógicas de Estado, essas estabelecem suas fronteiras, definem direitos e deveres para os seus habitantes. Seja pela administração do Estado, seja pela inteligibilidade da academia uma antropologia do DF ou uma antropologia de uma fronteira. Isso não significa uma visão determinista do lugar, como lembra NEVES (2004). Não proponho o estudo descritivo do espaço ou do território, mas todas as interações que são constituidoras de transformação da realidade a partir de processos geográficos. Não nos interessa o espaço em si, mas o

Movimento No espaço e sua transformação em território. Não nos interessa o espaço físico em si, mas o espaço geográfico em sua totalidade, em todas as suas dimensões. Estudamos o espaço em Movimentos e o Movimento no espaço e no território.

Silvani, negra, mãe e avó, uma família de mulheres na área, coordenadora da finanças a responsável pelo mercadinho na área. Moradora do acampamento, relata um pouco das práticas de sobrevivência no espaço por sua família, enquanto conversávamos no mercadinho sobre os produtos que oferecemos.

Silvani: Não dá para concorrer, o povo vem reclamar que o mercadinho está mais caro, ninguém vem falar que o lucro é para gente, óbvio que o mercado na cidade tem mais coisas e logo aí na rua pode ser mais barato. Não entende que é da gente para a gente, todo lucro do mercado é revertido para nossa atividade e para comprar outros produtos para a gente não ter que sair. Não é fácil ficar ouvindo picuinha o tempo todo sobre o mercado. Nosso povo né, sem novidades, mais eu estou ficando doida com essa situação, na próxima assembléia, eu vou falar mesmo e colocar, não somos mercado de cidade. Temos até produtos produzidos por aqui mesmo, como pimenta, mandioca e batata. Já vem gente de fora comprar na frente do acampamento nossa produção, não dá para aguentar o povo comparando. Falta de respeito com o trabalho da gente sabe, muito coisa para isso aqui acontecer e o povo fala umas coisas dessas. O povo às vezes acha que aqui é a cidade e que o mercado tem dono rico de algo, aqui tem o mínimo.

A construção de espaços é uma tarefa básica para organização das áreas, sejam elas acampamentos ou assentamentos. Os espaços são bases materiais de produção da luta a partir do suporte de ações, como atendimentos de saúde no posto, ciranda para o desenvolvimento de atividades do país, pelo setor de educação ou cozinha e campos produtivos pelo setor de produção. Esses espaços têm lugar no fluxo da organicidade das áreas e manutenção das atividades, esses é o papel dos *coletivos*. A estruturas têm intencionalidade política e seus dimensionamentos são essenciais para as ações dos sujeitos que procuram transformar a realidade a partir de todo os espaços. Coletivos como a criação de igrejas e espaços ecomênicos entram nessa discussão, pois são novos aparelhos que emanam da demanda das famílias que estão na luta, porém são disputados politicamente por seu poder social sobre as famílias na área. Visto que mesmo com a presença de família que professam

fé religiosa não cristã, não estão presentes em espaços concretos em nenhuma área do MST.

Nesse sentido, a cidade é funcional, mas difusa, ou limitada e fragmentada tanto social quanto administrativamente e a ocupação de terra pelas famílias do Movimento logo reorganiza a dinâmica e função social do espaço. A difusão urbana, todavia, causa o surgimento novas necessidades e problemas, que tornam necessária a criação de novos tipos de gestão, cujas delimitações podem ser diferentes das já existentes (NEL-LO, 1998, p. 36) Isso pode ser representado por exemplos das medidas práticas, como avaliar o preço do mercado sem refletir a espacialização e territorialização do Movimento, o alimento mesmo comprado no mercadinho é de fora, mas o resultado da compra é para dentro e não para um proprietário, o resultado é do coletivo.

O reflexo principal, nem sempre são configurações geográficas materializadas no acampamento que demarcam sua condição rural, estamos na roça, como visto no caminho até aqui, a produção com ferramenta é determinante na demarcação do campo e cidade, sem as práticas e aparelhos não há territorialização. Em 2018 no final da escrito do trabalho outros acampamentos surgiram, Antônio Nascimento, Zé Pereira, Mariele Franco e Berta Cáceres, todos em Brazlândia.

Pontuo a proximidade do terminal de ônibus do setor “O” e da rodovia BR 070, há um acesso à mobilidade por transporte coletivo maior que todos os outros acampamentos e assentamentos do DF. “Você pode descer no terminal do setor “O” e descer andando, apenas dez minutos.” falava Carla a sua irmã que viria ao acampamento pelo celular. Ela continua ao telefone, “depois de atravessar a BR-070 pela passarela do setor “O”, tu vai seguir, de cima da passarela, da para ver o acampamento”. Referência muito conhecida e usada na região, da passarela podemos avistar todo o bairro e também o acampamento, lamento não ter acompanhado a mudança da por registro fotográficos.

Na análise o periurbano é a posição geográfica do grupo de pessoas que podem ser acionadas a partir de alguns marcadores e práticas, nunca individualizadas. Essas são as configurações sociais orgânicas pouco solidificadas, submetidas a oscilações constantes, estruturantes no acampamento Nova Jerusalém. O periurbano vai dialogar, a partir da reflexão de (COLLEDGE, 1960) com uma identidade da zona urbana, atravessar a rua para o acampamento situado na zona rural. Ajuda a não privilegiar o reducionismo e a homogeneidade do que não abarco

ou ignoro na pesquisa. Através da colaboração das narrativas, expressas em permanente incompletude do pesquisador enquanto ator de histórias e portador de ideologias, ante um cientificismo utópico.

Não houve sinal das cidade onde ficam as casas das família em sua maioria nuclear dos acampados, maioria na Ceilândia, Estrutural e Taguatinga também. Periferia do Distrito Federal, é divisa com o rural, esse que é periurbano, periférico está às margens do urbano. O conceitos territoriais em que são realizadas a luta pela terra na capital, parto da interpretação que implica no início um certo nível de incerteza. Há abordagens teóricas como LEFEBVRE (1968) e ESPOSITO, M. WHITAKER, (2010), que coincidem em definir este espaço como uma franja marginal da transição urbano-rural, que é assimilado apenas em parte pelo processo de dispersão urbana e retém atributos tipicamente rurais. O periurbano emerge como resultado de um processo aleatório de crescimento urbano, que faz avanços irregulares entre diferentes pontos da cidade, gerando um padrão coerente de usos da terra. Por via de regra os acampamentos do Movimento são na zona rural, mesmo na franja, no entanto, há acampamentos por exemplo Mariele Franco e Zé Perreira todos em Brazlândia que estão na área urbana. Isso irá remeter a um processo diferente de organização e luta.

No DF os acampamentos e assentamento estão na franja urbano-rural, isto é consubstancial com a idéia de região urbana, entendida como uma complexa estrutura interurbana formada por bairros pobres. Estas áreas têm características e aspectos sociais, econômicos e funcionalmente é constituído como um espaço em transformação

### 3.3. DEMÔNIO ENGARRAFADO

No acampamento Nova Jerusalém , uma evidência do poder dos “crentes” é a discussão sobre o problema das bebidas alcoólicas vendidas no mercadinho. Não era novidade a discussão do tema em uma reunião de coordenação, já haviam tido duras críticas feitas pelo setor de saúde, como perigo à todas as famílias acampadas e algumas pessoas já com problemas detectados.

Cláudia: Olha, as pessoas têm problemas e temos que lidar com isso, tem gente aqui morrendo na cachaça e encontra dentro do acampamento, isso é uma vergonha. Não podemos virar as costas para as pessoas, temos que proibir isso aqui, aonde vamos chegar?

Irmã Cléia: A gente tem que interceder pelo povo, até quando a gente vai dar mais valor ao recurso do mercado? Vai ser que nem na cidade que o dinheiro vale mais que a vida humana?

Cláudia: O camarada Jajá não aceita tratamento, não anda muito bem, vomita e não come direito, o setor de saúde leva do hospital e ele volta, o médico do HRC disse que a bebida vai matar ele. Já tivemos casos desse no Movimento e pela memória alguém já viu isso acontecer. Não foi falta de conversas com todo mundo sobre os problemas e da mística que não beber na luta, que para isso tem de construir o lugar. Isso é a droga mais mortífera que tem aqui.

No entanto, esse perigo apenas foi levado em consideração pela base, que mesmo considerando o álcool como fonte de problemas de saúde, não o proibiu na área. Há um alto consumo com parcimônia no acampamento, que regula a venda a pessoa e proíbe a venda a algumas outras por problemas relacionados. Apenas a dez minutos de caminhada há uma distribuidora de bebidas, algo incontrolável, problema de saúde pública. Na relação material, o consumo do produto vendido no mercadinho vai abastecer as reservas usadas para tarefas da organização política e estrutural da área e é regulada para algumas pessoas ou até proibida a venda para algumas pessoas e é comunicado da proibição de compartilhar álcool com pessoas com problemas também. Um caso recente, acabou em óbito, pois o militante, Carlos Alberto Flores, conhecido com “Jaja”, tinha problemas com álcool, recusou ajuda da família e indicação para internação em clínica pelo consumo de álcool. A ele não era vendida no acampamento qualquer bebida, mas nada impedia de comprar na cidade, com sua recusa, a coordenação avaliou e decidiu por não encaminhar sua saída, por houve o entendimento que ele iria viver na rua e ter problemas mais sérios. Irmã Lídia, decide acompanhar de perto o caso e chamou a uma pastora para ajudar, não pude acompanhar o tratamento e nem a forma, além de saber que ele recebia a visita de grupo de oração. Houve uma melhora segundo a irmã Lídia que o acompanhava, em uma crise de abstinência ele foi levado ao hospital e foi diagnosticado com câncer na garganta. Por isso deveria parar de usar todas as drogas, álcool e tabaco, o que levou a um aprofundamento de crises e isso acarretou um processo depressivo e logo voltou

ao acampamento, depois de duas fugas do hospital regional da Ceilândia- HRC. Jaja, assim veio falecer no final de maio, enquanto eu revisava a dissertação, frutos da inquietação gerada por seu caso concreto.

A família de irmão Marcos sempre foi moradora do acampamento e por isso teve que conviver com os problemas relacionados ao álcool no acampamento, foi dele a primeira provocação sobre o tema.

Marcos: Os drogados trabalham muito bem e são dispostos a contribuir, não são pessoas ruins, precisam de nossa ajuda.

Irmã Cléia: Importante a gente juntos aqui fazer uma oração para que o Senhor possa abrir caminho de clínicas para que ele possa se recuperar.

O Movimento é de “inclusão, cabe todo mundo aqui”, palavras comuns em discussões nas áreas, isso é salientada em momentos de tratar a companheirada que tem algum problemas com drogas e que veio para o acampamento em tratamento e aqui conseguiu a cura e outras pessoas que não mantiveram os processos e voltaram para rua depois de um certo tempo.

Um dia, na reunião de coordenação foi posto um ponto pelo setor de saúde uma obreira, considerou que a bebida no mercado era o “demônio engarrafado” e o Movimento cultivava o que causaria dor às famílias. Uso esse exemplo para evidenciar a presença e força dos discursos legitimados através de um *ethos* religioso. A discussão sobre o tema teve outra tom de discussão depois das palavras da “irmã”, problema ético.

Irmã Cléia: Meu marido flertava com o demônio toda vez que bebia, chegava nervoso e até já me bateu, mas sóbrio não podia olhar no meus olhos de vergonha e só quando ele pediu ajuda e se converteu foi liberto desse vício.

Maranhão: Então tem é acabar com o consumo aqui no acampamento. Outra coisa é necessária falar aqui também, não tem que ficar discriminando o povo da fumaça não, que eles é os que mais trabalham e não pedem, ou roubam nada para fumar não.

Irmã Cléia: Cada vez mais próximo da cidade o povo vai se perdendo, o acampamento acaba perdendo a mística, o povo passa o dia todo fora, na cidade, o acampamento parece apenas dormitório, olha o mato. Deixar a bebida aqui e outras drogas também é deixar o diabo entrar na área. Não é questão de saúde apenas é espiritual também, entre a palavra de Deus e as drogas quem vai entrar na vida do povo na luta?



A bebida e outras drogas e a religião têm uma relação estreita de oposição, que reforçam os estereótipos produzidos sobre os grupos, “crentes” e “drogados”. O crente não pode usar drogas, álcool e maconha por exemplo, os mais comuns. Estamos longe de ser o acampamento *bico seco*<sup>93</sup>, não somos uma contradição, caminhamos na nossa realidade.

### 3.4. CANAÃ

O assentamento Canaã é localizado na Região Administrativa de Brazlândia – DF, aproximadamente 25 Km do Nova Jerusalém a dentro de Brazlândia. O Canaã fica na beira da rodovia DF 445 e do córrego do Rodeador, que também dá nome à escola da região. Lá dos acampamento Noelton Angélico e Oscar Niemeyer e do assentamento El Shaday podemos ver todo o assentamento Canaã, cinco das oito famílias do assentamento no El Shaday são excedentes do Canaã. Área ocupada pelas família ainda em 2011, com muitas famílias excedentes do Assentamento DorothiStende e Pequeno William, o segundo na RA de Planaltina

A  *festa*, sinônimo de ocupação, ocorreu em um território de plantio de monocultura de eucalipto, o setor de FM, avaliou os mapas da região, identificou a área e descobriu que era devoluta, devia voltar ao poder público, antes ocupada por uma empresa com a falência decretada. A “terra prometida”, foram anos e muitas histórias, a área que já teve 800 famílias nucleadas no acampamento em ‘luta, no processo, várias foram saindo da luta, mudando de acampamento, incêndios e na resistência eram menos de uma centena de nucleados. Outras “lutas” de pessoas que faziam os barracos e não apareciam, nesse momento, a região da Estrutural e Sol Nascente, estavam em franco crescimento. No fim, foram assentados apenas 69 famílias, depois de mais de 5 anos de luta, cada uma das famílias hoje está em 5 hectares “abençoados” contava me Xande em sua casa, sentado na rede, fumando uma erva medicinal colhida em sua parcela.

Após muitos anos de pressão por parte do Movimento, a empresa pública responsável pelo ordenamento dos terrenos do Governo do Distrito Federal, Terracap,

---

<sup>93</sup> Referencial a áreas onde são proibidos os consumo de álcool e outras drogas expressamente, característica dos barracos de lona preta no RS e PR, muito díspar do que acontece no DF.

transferiu para o INCRA a terra para encaminhar para a reforma agrária e o assentamento das famílias. Outra luta começou, o desenho do assentamento e quantidade de parcelas. Aí começou a discussão sobre o modelo do assentamento, entre os modelos já discutidos no capítulo anterior, foi escolhido o clássico quadrado burro. As casas do assentamento têm uma média distância de 300m, após às famílias escolhidas, começou outra luta, “cair para dentro das parcelas é só o começo da maior luta que teremos para sempre”, como diz Flávia<sup>94</sup>, produzir e morar na área. Nesta parte do capítulo, tento apresentar o Canaã a partir do que aprendi com as famílias que circulam entre as áreas não apenas de seus moradores, famílias que tiveram passagem pelo assentamento ou tem memórias de histórias com a “família Canaã” agregam material a análise.

A religiosidade crente, evangélica é muito presente no Canaã, sua base faz jus a “luta dos escolhidos”, falava Xande sobre a dificuldade de todas as famílias. Não diferente das outras áreas de assentamento, antes de todas as reuniões e assembleias, animação, música e orações, o pai nosso e depois uma oração livre, capitaneada com alguém como reconhecimento religioso. Depois da animação e música, entoamos o hino, reza-se o pai-nosso e acontece uma oração. Já houve momentos em que depois da reunião na plenária um culto de cura acontecia, capitaneado pelo grupo de mulheres evangélicas da área.

O nome Canaã, se refere à terra prometida por Deus aos hebreus, de acordo com o Velho Testamento. Visitei a área pela primeira vez para coletar madeira e construirmos os aparelhos coletivos no acampamento Marcos Antonio citada no começo da sessão. O nome do acampamento onde levaríamos a madeira, teve o sentido de homenagear o pastor do Canaã. Responsável pelas orações e construção da igreja, estava contribuindo na nova ocupação. No segundo dia da ocupação, a caminho da nova área, o pastor foi atropelado, veio a falecer indo de bicicleta para a luta. Ele contribui, sempre responsável pela primeira oração das áreas. Não tive oportunidade de assistir seus cultos, conhecido por todas as famílias da área com fervoroso, atiçava o povo para a luta. Pude conhecer sobre sua história, todas as referências eram positivas, aclamado pelas famílias “excedentes do Canaã” e outras famílias assentadas que ajudam a organizar a ocupação.

---

<sup>94</sup> Militante Flávio do Carmo, citado nesta sessão

As famílias “*excedentes*” do Assentamento Canaã eram famílias de militantes facilmente identificadas, seu conhecimento de causa na ocupação as destacavam. O acampamento Marcos Antônio estava localizado no INCRA IV, próximo ao bairro setor

Privê, região do acampamento Nova Jerusalém, na divisa entre Ceilândia e Brazlândia. Outra referência é a subida da DF 435, perto do “Gol de Placa”<sup>95</sup> área grilada, já ocupada, nesse evento, fomos atacados a tiros e não houve qualquer ação do Estado sobre o caso denunciado pelo Movimento, dizia Tânia uma excedente na luta. Essas famílias também tinham um grande senso de solidariedade entre elas, faziam esforço para estarem juntas nos mesmos NB’s.

De volta ao Canaã, nossa tarefa foi retirar madeira para a construção dos coletivos em maior quantidade possível em únicas duas viagens para todas as áreas, trabalhamos até às 20h retirando madeira. Não eram árvores, é madeira, material de construção, usos mais diversos. Por histórico não há como negar a vista do eucalipto, o pinus, é monocultivo intensivo, degrada o solo a curto prazo, é responsável por milhões de hectares e grilagens pelo país. A ciência e por isso a consciência veio ao ver no grupo, uma mensagem de Flávio do Carmo, militante negro, agricultor, coordenador do CSA da área, produção em modelo de agrofloresta. A mensagem dizia: “estamos em 2016, olha aí o eucalipto matando, nosso povo, vamos acordar meu povo, vamos construir um mundo novo, se não vão levar tudo, função social dessa madeira” o eucalipto deixa de ser uma planta. Saímos do Acampamento Marcos Antônio para buscar madeira, o resultado seria a construção dos coletivos do acampamento. Seriam fruto das madeiras e mais poste de iluminação, já haviam 230 famílias nucleadas, mandalas<sup>96</sup> de 15x20, não podem ter cercas, isso é classificado como parcelamento irregular de terra. Não havia reintegração de posse marcada a pouco havia um processo da área, a tropa da PM tinha uma ordem sem registro, reintegrar o acampamento que tinha 25 famílias e não teve velocidade para mobilizar “o povo que estava na cidade” com dizia Miriam, negra, excedente do Canaã e coordenadora da formação da área. Não tivemos tempo suficiente, as máquinas chegaram na portaria com a polícia e renderam armados as pessoas na guarda. Depois de pouca conversa com o povo que estava na guarda, as máquinas entraram e antes das 13h o acampamento, com três meses é destruído. Eles se direcionam

---

<sup>95</sup> Local de aluguel de campos de futebol famosa da região.

<sup>96</sup> Lote ou mandalas, espaço de terra usado exclusivamente pela família acampada.

depois do Rosa Luxemburgo, já o segundo nome da ocupação, reintegrada antes em 2012 e ocupada mais uma vez em 2016, hoje Assentamento El Shaday.

Semanas antes, na reunião de coordenação, dez homens se candidataram para ajudar na tarefa de retirar as madeiras do Canaã, eu estive acampado na área e fui um deles. Fui acampado, havia um barraco novo, decidi acampar, queria viver com minha família, diferente da minha família central, pai e mãe. Fiz o Movimento de sair da cidade para o campo, depois de São Paulo - SP, Goiânia - GO, fui “da cidade”, em acampamentos em áreas rurais a menos de 2 km da faixa urbana. Algo que veio de fora, não podemos negar que o comportamento desviante no sentido de Mauss(2000), através da técnica e experiência no lidar com a tarefa ajuda a identificar nas pessoas as habilidades. Todos os voluntários estavam presentes, seguimos dois no caminhão e mais motorista, e mais um carro com 6 pessoas com motorista. Chegamos no local e já havia organização para transportar a madeira. Dizia Chiquinha, negra, educadora do campo. “ Gente, vamos tirar essas coisas e levar tudo, não podemos usar nas casas aqui, mas podemos ajudar os camaradas, além disso essas coisas mataram a terra”. A relação entre as plantas e os eucaliptos não são uma questão menor na luta política do Canaã. Comaroff e Comaroff (2001) narram como após um fatídico incêndio na Cidade do Cabo, a opinião pública sul-africana voltou-se contra às plantas estrangeiras, ditas mais inflamáveis do que as locais. Para os autores, a comoção da nação em reação às árvores alienígenas – de terras distantes como os eucaliptos da Austrália, por exemplo – e a exaltação da vegetação autóctone – como as *proteas*, símbolos da nação sul-africana – foram uma expressão da xenofobia no país. Comaroff e Comaroff (2001) argumentam que esta reação às plantas estrangeiras é decorrente da fase do capitalismo neoliberal global corrente, na qual a falta de alternativas ideológicas e sistêmicas induz à despolitização da política, “e seu deslocamento do reino do social e do cultural, moral e ideológico” (COMAROFF&COMAROFF, 2001: 98).

### 3.5. “DA TERRA E DO MERCADO”

Ao entrar do assentamento Canaã, há uma cruz próxima à guarita que ainda em pé, estava sendo desmontada, estava sendo desmontada da parcela de Carlos, negro, agricultor e educador ambiental, . A guarita seria transportada para a área coletiva, junto à reserva de conservação da mata nativa.

Antes de viajar para a tarefa do curso de política latino americana, tivemos uma prosa preparatória. O curso de teoria política figura no último módulo de uma linha de formação para a militância da juventude, logo fiquei encantado pelas palavras do dirigente político do estado, uma tarefa importante, fui indicado, eu não tinha noção destes tipos de curso de militância, óbvio já havia ouvido falar da Escola Nacional Florestan Fernandes.

No assentamento começava uma reunião e eu esperaria até a prosa, havia ido dessa vez de carro. Um Fiat Prêmio, que andava com a barra da direção danificada, com falhas no volante, direção perigosa. Isso ocasiona momentos em que o volante vira para um lado e as rodas não correspondem, momentos de muita emoção. Iria ali passar a noite, no outro dia teria que ajudar as pessoas a levarem madeiras agora para a ocupação da Granja, hoje o Noelton Angélico, militante que muito ajudou nesse processo de corte de madeira e que veio a ser assassinado fruto de um latrocínio. Na reunião, foi apresentado com o futuro militante com a tarefa do curso. Depois da conversa posei na casa de um companheiro, sua casa veio a pegar fogo, brincadeira de crianças. Flávio me contava que perdeu toda uma produção de coelhos enquanto cantávamos mudas para levar para parcela.

No assentamento Canaã, gleba 34, a produção é comercializada por CSA's, onde os consumidores pagam um preço justo para uma cesta de alimentos que também são fruto do trabalho direto no produto. No assentamento, um militante, sua profissão de fé é mantida “ sempre caiu dentro na ocupação”, referência às experiências com agrofloresta na região, em conversas sobre a produção, fiquei interessado na produção de plantas medicinais, todos os acampados tem que ter sua produção medicinal. Fui alertado pelo militante, “aproveita que a irmã Lídia está na parcela, pessoa que tem mais acúmulo com erva medicinais, militante do setor de saúde, logo fui a seu encontro, tenho curiosidade sobre o assunto, ervas para chá.

Encontrei a irmã em casa, cozinhando o almoço para os netos que iriam sair para a escola e estavam trabalhando em um projeto de agrofloresta para apresentar na feira de ciências, a horta tinha um bonito formato de relógio com diferentes ervas para diversos tratamentos e horários do dia.

“O trabalho é abençoado” me dizia Lídia atrás de mim, olhando as “crianças” trabalhando, duas meninas de 12 e 14 anos respectivamente, Selma e Judite. Ela falava comigo em frente à sua produção de ervas medicinais, sobre a importância de trabalhar na terra, “benção de Deus”. Logo ela tira da geladeira suco de cenoura, limão

e beterraba. Olha, tudo é da terra, e hoje a galinha é caipira, o arroz é da cesta agroecológica, feijão é daqui. Fartura, não é todo o dia, cada vez mais comum. Lídia, dizia com veemência, “cada vez menos coisa do mercado, tinha que poder ter uma vaca<sup>97</sup>. Rimos, logo fiquei atento às prateleiras, os vidros eram sortidos, orégano, pimentas, corantes. Farinha da cesta, farelo de milho do cuscuz é do mercado, café, leite, manteiga, carne sempre, coisa rara, mas complemento é tudo da terra, sem veneno. Os temperos estão entre os focos da produção de alimentos, mesmo que seja um alimento do mercado, algo externo é algo que pode ser temperado, preparado antes do consumo por algo que é natural.

Comer orgânico o original, natural, sem veneno não é algo discutível, não há dúvidas de sua importância e a quantidade de trabalho investido, do sentido da terra.

Ceará: Aqui ninguém passa fome ou passará por falta de farinha, do feijão, mandioca, batata, pimenta, milho, aqui tem fartura. Sem mercado a gente pode viver por aqui, quando começo a entregar eu vejo que o povo nem sabe o trabalho.

Lídia: A gente tudo acostumado no mercado, está aprendendo, todo mundo acostumado, aqui em casa os temperos fazem a diferença, não tem nenhum que vai comer fora que não vem dizer que sentiu. Mas o trabalho é muito maior, esse negócio de abrir a geladeira que passa na Globo, mata a gente, o povo aliena mesmo.

Ceará: Ainda temos que escutar que o Movimento não produz, que não sabe o que a gente faz, quer viver de Globo, foda. Nossa produção é algo que não tem nem conversa, só olhar, sem discussão.

A importância da produção não está apenas na alimentação, a produção de cada lote é algo, de si, uma amostra do engajamento. Não é o alimento é a doação e o trabalho, o suor do meio dia e o sereno da madrugada na luta. Uma dualidade do que é valioso, tem valor moral. O alimento mesmo que comprado no mercado ainda pode ser temperado e acompanhado com produção da terra, algo que dá maior qualidade moral aos alimentos. Essa dualidade é algo que vai compor as refeições pela referência de sua produção de alimentos, pois garante a carga de conteúdo moral. Não há dúvidas de que o recurso para compra de alimento venha do trabalho em uma função com retorno, sendo essa a venda de alimentos ou o trabalho na cidade. Importante refletir junto as questões apresentadas por Comaroff e Comaroff

---

<sup>97</sup>Á área não permite criação de animais, por estar em uma área de recarga e manancial. Pelo manejo de cada animal ser uma espaço grande

(2001) é a concepção “dessa terra”, que ela apresentou. O alimento do mercado é diferente do da “cesta”, referência à cesta básica de produtos da agricultura familiar entregue pelo INCRA as famílias acampadas, cheia de produtos produzidos pelo MST, em diferentes estados. Esses produtos não fazem parte “dessa terra”, porém são fruto do trabalho do povo na terra. Por outro lado, alimentos comprados no mercado, sem histórico ou trabalho visível direto ao povo, perde sua carga moralizante. A “da terra” de que nos fala Lígia seria uma categoria plástica, aberta, capaz de (se) transformar, incorporar, se fundir. As coisas do “mercado” não são “da terra”, não são do trabalho direto. Acredito que quando Lígia fala em plantas “dessa terra” e do mercado ela se aproxima mais do que Mafeje (1971, 1991) entende por endógeno, em contraposição a exógeno. Menos do que uma aposta entre uma distinção essencialista que separa “dentro” e “fora”, Mafeje chama de exógenas as categorias que, de tão auto-evidentes, não buscam se relacionar e conviver de nenhuma forma com o que já estava naquela terra anteriormente.

Não há um produto principal, há para cada época do ano e a produção coordenada

“Meu filho”, irmã Lídia falava: No mercado está uma exploração com mínimo, o que tu faz além de sobreviver comendo, caso tenha que pagar aluguel aí que não vai. Só Deus na causa, ele abençoa nosso trabalho no nosso chão.

Eu Tomava o suco e atento às palavras de Lídia, ela falava sobre a oração e a chuva que ainda não havia chegado. “Em alguns lugares já teve a chuva dos Cajú ou das mangas<sup>98</sup> e aqui nada”.

Rafael: Acredito que esse ano vai vir muita água pela demora da estação das chuvas, como a gente vai produzir?

Lídia: Além meu filho por que as coisas não estão bem, sem poço e sem chuva, para onde a gente vai?

Rafael: Produzir na seca, oxi.

Lídia: Produzir o quê menino, vem pegar as plantas e leva, quando a chuva bater você não esquece, deixa na água uns dois dias e planta a noite, sem o sol para não matar.

As coisas “da terra” e as “coisas” do mercado são categorias que acionam o resultado do trabalho das famílias que estão na luta, empregados na terra e na cidade

---

<sup>98</sup> Chuvas que acontecem em setembro, vai junto ao florescer dos cajueiros e mangás.

e isso tem ligação direta com a alimentação. A carne “caipira” é sempre especial, seja ela do que for, normalmente, galinha e porco, os mais difíceis de produzir e figuram sempre nas refeições com os ingredientes principais. Os legumes e frutas, são todos referenciados de forma a reafirmar o fruto da terra.

O pretexto eram as ervas medicinais e saí do horto da camarada com todas selecionadas, mais ainda no chão, iria voltar com um saco delas para levar ao centro de formação e minha roça no Oscar Niemeyer. Cheguei perto do meio dia então esperei para o almoço e também o calor baixar para eu poder retirar as plantas para transporte, já estava errado. Lídia me alerta, não é legal chegar e passar correndo na casa dos outros, como vai levar plantas e arrancar no sol dessa altura?

Na pesquisa não há como passar, é necessário conversar, voltar, discutir, mesmo que poucas vezes pernoitar, tomar um café, se não é feio, falta de educação inquirir as pessoas assim. Senti o a chamada para a falta de educação, não estou sempre de passagem, mas por não morar ali estar ali imprime uma diferente relação com as pessoas, mesmo todas conhecidas. Entrei na casa e fui me sentar à mesa da cozinha, um havia muitas coisas, meu olhos correram na mesa e tudo foi apontado.

Na mesa havia várias plantas condimentares presentes nas hortas estavam ali na mesa, utilizadas comumente como temperos no preparo dos alimentos. Salsa e cebolinha verde as mais frequentes junto ao cultivo de manjerição, plantas também presentes nas outras áreas da pesquisa em variadas escalas. Plantas essas de uso cotidiano, sua presença é similares aos condimentos adquiridos, como colorau, pimenta do reino, cominho e ainda alho são coisas do mercado. Destaco o alho, cebola, louro, orégano, pimentão, pimenta do reino e pimentas, bem como colorau, ketchup e temperos prontos em cubos. Como temperos, são também mencionados azeite de oliva, limão, queijo ralado e vinagre, tudo para garantir um bom preparo dos alimentos para a família.

Na maioria dos relatos, a falta de tempo é apontada como a principal causa da redução das atividades de processamento de alimentos em casa. Em geral, identificam haver pouca mão-de-obra disponível para a realização do trabalho na propriedade, situação mais aguda quando mãe, filhos e pai exercem atividades remuneradas ou quando uma pessoa fica em casa apenas para cuidar das menores. Ainda, a idade avançada de grande parte dos entrevistados, as famílias cada vez menos numerosas, a prioridade atribuída aos produtos destinados à comercialização. O recebimento de aposentadoria por parte de vários agricultores e agricultoras, a



facilidade de acesso a mercados, a comodidade na aquisição de alimentos prontos e próximos ou as mudanças de hábitos decorrentes da introdução de tecnologias, estão entre os fatores. Pistas da direção dos fatores responsáveis pela redução do processamento caseiro de alimentos, assim como da diminuição da variedade de itens produzidos para o consumo da família.

Em todas as famílias entrevistadas, além do consumo de alimentos produzidos nas propriedades, há aquisição significativa e frequente de açúcar branco, arroz, batata, café, erva-mate, farinha de milho, farinha de trigo, óleo de soja, sagu e sal. Além desses, alguns produtos são adquiridos de forma eventual, como achocolatados, biscoitos e bolachas, carnes, cervejas e refrigerantes, chocolates, iogurtes e sorvetes, massas e pães, margarina, mortadela, salsicha e salgadinhos. Também são efetuadas compras de frutas e hortaliças de comerciantes ambulantes ou de sobras recolhidas no CEASA<sup>99</sup>, por algum companheiro que recolhe e distribui em troca de ajuda financeira de combustível para a tarefa.

É perceptível algo como um novo tipo de mercantilização de gêneros alimentícios e produtos processados comercializados localmente, talvez em um processo que de algum modo atualiza a tradicional circulação de alimentos entre vizinhos. Ao invés de uma família processar pequenas quantidades de alimentos, muitas vezes prefere comprar do vizinho ou mesmo no armazém local, sabendo que aquele produto foi produzido por outro(a) agricultor(a), em geral conhecido(a) e, portanto, confiável. Biscoitos e bolachas, cucas e massas, queijos e salames são produzidos, especialmente pelas agricultoras, especificamente para venda a vizinhos.

A produção desses alimentos para comercialização dentro da área, logo alimentos da terra, fruto do trabalho de um companheiro conhecido, pessoa, não empresa. Saber o local de produção dos alimentos faz toda a diferença no entender o que significa da terra, por isso vamos caminhar até a fábrica ou o centro da unidade de produção familiar de Flávio, pai solo de Camila, negra, militante, estudante de agroecologia do IFB e Patrícia, secundarista, ambos negros.

Ao entrar na casa, uma casa simples de aspecto muito bem cuidado, um chão limpo e de cera vermelha, dividido entre sala, quartos, cozinha varanda e lavanderia. Ainda estava na sala conhecendo a casa, olhando para todos os lados de um jeito que

---

<sup>99</sup> Centro de abastecimento, localizado ao lado da avenida estrutural. no setor de abastecimento do DF.

não faça a pessoa se sentir constrangida e dizer uma frase comum quando recebemos pessoas em casa, “não repara a bagunça”. Pude perceber na casa como em outras que havia entrado uma bíblia, algo disponível, algo evidente uma bíblia na sala, na estante que fica a TV. As crianças voltam do campo para se preparar para escola, avisam que tem alguém chamando.

Era Jailson, conhecido como Ceará, negro, agricultor, assentado na Canaã, logo ele é recebido pelo cachorro, me vê e me chama e diz para passar em sua casa e grita em tom provocativo para a companheira que estava dentro do barraco :

*“Qual sua benção? minha é a saúde de trabalhar. O que é Deus, como você faz sua fé se não é no trabalho? Rogar a Deus no barraco ou ficar falando dos outros pelas costas na área é seguir o inimigo, o diabo é sujo.*

Ouvimos as palavras, respondi dizendo que depois passaria em sua casa que fica perto, vizinha de cerca, percebo a companheira nervosa, era visível em sua face que aquelas palavras tinham um fundo. Volto a ficar sentado na sala, Lídia volta e diz” só por Deus, esse povo aqui faz é piorar, difícil, mas venceremos.” Depois em conversas com Ceará, dias depois ele me disse que a companheira havia feito *picunha* com seu nome e não foi discutido na plenária o caso. Ele dizia com certo tom de indignação :

Fala que é da igreja e fica fazendo *picunha*, se acha que é verdade, por que não coloca na plenária no espaço e vem para o debate, não fica por aí falando as coisas, o povo vem fala para mim. Fui perguntar para ela, por que ela disse que eu era traficante? eu planto e fumo maconha mesmo, não preciso esconder de ninguém. Cão de saia, fica rezando, mas só quer ver os outros na merda. Crente de verdade tem respeito, não concorda, quer discutir, vamos na plenária, agora ficar fazendo fofoca para prejudicar é coisa do inimigo.

Aqui a religião está na materialidade da vida, não apenas na superficialidade da discrepância do real, a irmã tem uma imagem, prática condizente com a expressão esperada de si, uma ética. Duas tensões nesse caso são importante, primeiro, uma pessoa crente, acaba recebendo com essa descrição tarefas de um *ethos*, uma ética de sinceridade, resiliência de exemplo ao povo. A *picunha* mais uma vez é a ferramenta para confrontar visões política em espaços coletivos, algo articulado fora dos espaços de discussão.

Em todas as relações sociais a ética está presente e seu concreto na produção através do trabalho apresenta uma característica muito importante, depois do trabalho, vem a “benção”, o fruto. Semelhante às duas outras áreas refletidas o fruto do trabalho e a benção, recompensa divina pelos serviços prestados pela família, alimento saudável e saúde, “você o que você come”, a irmã dizia com orgulho e relatava isso na hora do almoço que pude compartilhar junto às crianças. Enquanto me servia ela pergunta a mim, esperando uma resposta para sua filhas, olha gente, que come orgânico aqui com certeza da procedência, isso aqui não é benção?” Olha o povo não dá valor à terra e não estar produzindo mesmo com toda a dificuldade é uma pecado capital, meu pai do céu.”

O advento do orgulho da família pela produção vai evidenciar na pesquisa, que o advento da concepção religiosa do mundo é possível graças ao desenvolvimento do trabalho, esta é a sua *base material*. *Condição sem a qual* ela não seria possível em relação com qualquer coisa, não apenas pela natureza ser inapreensíveis para a sociabilidade. A projeção religiosa de um organizador, de um criador das coisas, é resultado de uma analogia com o processo de trabalho ele mesmo: “isto [um criador] se pode entender partindo de uma generalização patética do papel do sujeito no processo de trabalho” (Lukács, 1982, p.126). Não é à toa que o deus cristão descansa após seis dias de trabalho, ele também precisa recuperar-se como qualquer trabalhador. O trabalho na terra, esse que vai conferir dignidade e legitimar o descanso depois de produzir.

O fruto do trabalho é diferente do que é adquirido pelo trabalho mas que tem origem no externa a área, o trabalho usado para comprar produtos no mercado. Vamos olhar um prato de comida e a partir dele uma narrativa para estruturar um processo como já discutido no primeiro capítulo. Por fim a ética cristã, crente, imprime certos atributos, não é bom ver crente batendo boca algo errôneo, algo frequente nas reuniões, em espaços de discussão.

Ao observares tudo dos modos de vida dos agricultores familiares pode-se usar como referência a obra - O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa de Woortmann e Woortmann (1997), um estudo de caso realizado no estado de Sergipe. Neste estudo, os autores buscam entender a lógica do campesinato em uma dinâmica geracional, onde o saber-fazer é transmitido entre as gerações no trabalho diário das famílias camponesas. O significado simbólico do trabalho e o modelo de saber não são dimensões separadas, [...] em conjunto,

constituem uma forma de ver o mundo (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997, p. 10). Importante para analisar o discurso nativo sobre o trabalho, sobre a ação que vai gerar os alimentos ou a luta para chegar na terra que será passada de entre as próximas gerações.

Conforme Woortmann e Woortmann (1997), nas comunidades rurais, a partir do valor simbólico da comida, as famílias organizam estratégias de trabalho e de reciprocidade, as quais sustentam a continuidade do modo de vida camponês em trocas simbólicas. Para os camponeses, a terra possibilita a produção de alimentos que garante a reprodução social das famílias e o valor simbólico (WOORTMANN, 1990). No campesinato, a transmissão do saber para o trabalho acontece no próprio trabalho, pois o saber é um saber fazer. Para Woortmann e Woortmann (1997), a transmissão do saber é mais do que a transmissão de técnicas porque envolve a transmissão de valores construídos socialmente.

É a produção e a reprodução de bens simbólicos que constituem o corpo do saber dos camponeses, esses que estão em constituição. As ações dos camponeses se encaminham a partir de um saber-fazer e na possibilidade de sua continuidade. No trabalho da terra e na produção de alimentos, o camponês trabalha com campos técnicos e campos simbólicos, na essência da sua alimentação. Neste sentido, além de produzir cultivo, o agricultor está produzindo cultura. Para os camponeses, trabalho, terra e família são indissociáveis e falar de um é falar dos outros (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997, p. 17).

Quando passamos na frente de qualquer parcela de terra, avistando ou não uma placa de identificação, a pergunta que surge, qual é a família que vive aqui? Logo pensamos o nome de uma pessoa de referência e depois o restante da família, cônjuge e filhos. Em caso como o assentamento El Shaday, apenas são referenciadas as parcelas a companheiras e em um segundo momento os cônjuges ou filhos. O maior motivo para isso é que essas companheiras estavam em tarefa de direção de área ou algum setor em âmbito regional, no caso todo o DF. Logo sua maior participação na luta, cunha sua imagem como referência da família ou exemplo é a sua condição de irmã. Crente ou evangélica a pessoas que além de assumir essa imagem recebem essa denominação, recebe os atributos já discutidos e uma carga de posturas esperadas de uma pessoa religiosa. Essa denominação vem através das vestimentas, posicionamentos alinhados com as pessoas do grupo, mesma denominação.

Não sei o nome do companheiro de Lídia, irmã assentada no Canaã, ela conheço a anos, uma referência, Maria, Regina e Aracací do El Shaday a mesma coisa, posso até saber o nome de seus companheiros por minha proximidade, mas como já dito, quando vão fazer referências às famílias assentadas, os nomes são todos femininos.

No universo característico do trabalho camponês, Woortmann e Woortmann (1997), destacam as relações de poder na hierarquia das unidades familiares. Neste sentido, a figura do pai no comando da família se justifica porque detém o saber o que difere da obra, as famílias camponesas da regional tem em sua maioria, mulheres na chefia da família. O fundamental na reprodução da estrutura social, vai acontecer na produção e reprodução pelo trabalho que se constrói a família, é pelo saber. Nesse caminho a relação com o meio de produção central a terra, resultado da luta é ligado diretamente a mulher, logo a chefe da família, referência. Em todos os casos elas participam diretamente da produção e seu planejamento, na maioria dos casos continuam nas tarefas e em casa no trabalho doméstico estão seus companheiros e filhos.

Neste caminhar a pesquisa mostra a disputa do controle sobre esse saber que faz a hierarquia do grupo doméstico e na reprodução. Exerce-se o poder porque se detém o saber na hierarquia da unidade produtiva, antes o pai e agora a mãe [...] governa o processo de trabalho porque domina o saber disputado. O saber técnico é, portanto, fundamental para a reprodução da estrutura social (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997, p. 12). Assim, esse domínio do saber-fazer nas técnicas de produção de alimentos que liga o agricultor a terra é definido por Woortmann e Woortmann (1997) como saber é poder. Os autores complementam que: Para se reproduzirem, os camponeses produzem mercadorias, mas a produção de mercadorias é antecedida logicamente pela produção de bens, e esta, por sua vez, é antecedida pela produção-reprodução de bens simbólicos que constituem o corpo do saber (WOORTMANN; WOORTMAN, 1997, p. 13). A compra de alimentos externos foge a essa lógica e subverte a criação do ser através da produção do alimento pelo trabalho.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois dessa caminhada para compor a pesquisa, espero ter contribuído para a discussão sobre três grandes questões para a antropologia com o trajeto até suas configurações, a saber: a família, campesinato e luta pela terra na capital federal. Gostaria de inicialmente destacar que essa dissertação, como qualquer pesquisa, não deve ser entendida como fechada e acabada, pois as questões aqui trabalhadas devem servir como meio e/ou ponto de partida para aprofundamento do nosso conhecimento sobre fatos e fenômenos sociais específicos. Quem escreve é uma pessoa com trajetória pessoal de muitas dores e vida orgânica no Movimento no fluxo entre o campo e a cidade, militante da base com tarefas orgânicas.

O desafio foi a partir de esquemas cognitivos, estéticos e éticos que aqueles que habitam o cosmos e executam nas suas ações cotidianas da luta nos diferentes sentidos inerentes a o termo tenham sido evidenciadas. Posto o esforço de tradução, o desnaturalizar as discussões e Movimentos para analisar a dinâmica naturalizada em anos com um sujeito reprodutor dos espaços. O fio condutor, busca da unidade na diversidade, foi um caminho de pequenos eventos importantes para um nativo discutir a dinâmica de contraste de outros trabalhos e a vida cotidiana da luta pela terra na regional DF. Pontuarei alguns elementos desse trabalho que nos ajudam a pensar sobre a vida das pessoas nesse caminho com as quais convivi durante o campo e, por isso, para concluir essa etapa da pesquisa, retomo algumas questões.

Bem, desde os anos de seu planejamento e construção até aos dias atuais, a cidade de Brasília é palco de fortes fluxos migratórios em larga e pequena escala de preto e pardos, localizados nas margens<sup>100</sup>. Diariamente é envolvida por circuitos

---

<sup>100</sup>Fote:[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/04/26/interna\\_cidades\\_df,676318/populacao-do-df-tem-maior-crescimento-do-pais-entre-2012-e-2017.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/04/26/interna_cidades_df,676318/populacao-do-df-tem-maior-crescimento-do-pais-entre-2012-e-2017.shtml)

entre as cidades que compõem o entorno do Distrito Federal e o RIDE em meio a todo o fluxo nacional. Constituída por famílias que vieram do campo para a cidade em um momento ou filhos dessa caminhada nascidos na capital em trânsito constante entre a cidade (periferia) e o campo (rural periurbano) constroem a luta pela terra.

A constituição da família nesse contexto foi importante para pensar a luta pela terra, família unidade base para a constituição dos sujeitos que lutam pela terra, embaixo da bandeira vermelha do MST-DFE. Seus desenhos, o que é família nesses contextos? A pesquisa pretendeu passar pelo emaranhado de trocas econômicas, culturais e políticas que marcam a vida nas áreas de assentamentos e acampamentos. Lutas das famílias travadas pelo povo excluído que tem cor, classe social e uma família, essa última que destoa da constituição automática do modelo cristão nuclear, objetivada na preponderantemente em nosso país. Elas têm religião, ideologia que norteia direta e indiretamente ações e associações e conferem atributos às pessoas, em meio a questões de classes e a luta política em um Movimentos social.

Apesar destas dificuldades, acredito que apontei alguns elos , a partir das conclusões específicas de cada capítulo. No primeiro capítulo tentei elucidar um pouco do chão que piso para caminhar na luta pela terra. Como comecei essa caminhada, fruto de uma história de luta familiar que está entre *mundos*, fragmentada e recompostas nos trânsitos. Exemplos da constituição da família na dinâmica do Movimento, construída por sujeitos da luta, a partir de um olhar cotidiano que explora o trivial para discutir o pano de fundo dos grupos familiares. A produção alimentos e o trabalho dentro e fora da terra são momentos importantes na construção do campesinato na capital federal, uma construção em disputa que deve demarcar seu território ao pensar no campesinato na atualidade.

No capítulo seguinte entrei no DF, caminhei olhando a história do país que constitui a luta pela terra na sua capital e lidei com os ecos da organização fundiária e um pedaço da história do Movimento. Pisei no *quadrado* e olhei o território e a importância da discussão desse conceito para a região da pesquisa e estratégia de atuação do Movimento. Depois de aludir a organização do Movimento entre acampamentos e assentamentos até a direção nacional, cheguei a uma reunião. Reuniões que lidam com as forças política emanadas das pessoas na direção de interesses coletivos ,pessoais e ideológicos não exclusivos do coletivo do o

Movimento, assim chegamos ao El Shaday, pelas famílias que vivem e constroem o espaço. Nesse trecho do caminho pude perceber as dimensões atribuídas a símbolos como a casa e o barraco, alguns ligados à religião, *crente evangélica*, pilar da organização política deste assentamento. Outro tema importante que segue essa mesma direção foi a escolha do nome da área que teve sua estruturação direcionada por uma coesão política religiosa.

No capítulo final, a questão periurbana foi o fio para entender a organização da área e algumas questões políticas, como a bebida alcoólica e a aquisição de alimentos, tanto quanto a penetração de igrejas. Na relação de alimentos de dentro e de fora, houve também o apontamento de questões morais muito fortes na produção, ajudando a entender todas as dimensões dos frutos da terras como *bênçãos*. Por fim a pesquisa foi desenvolvida em meio a um contexto de variáveis não relatadas como o desenvolvimento da família, limitações de saúde e o contexto de lutas, como grandes três grandes ocupações, uma marcha, encontro nacional sem terrinha e acampamento da juventude, questões presentes nos bastidores da pesquisa.

No campo teórico, deixei lacunar a problemática dos desafios de se historiar a constituição do ser campesino na capital nacional, por sua natureza, parece viver uma metamorfose e as transformações, rupturas, e por conseguinte, os diálogos e perspectivas de fazer antropologia, de apreender suas ferramentas.

Por fim, estas questões podem servir de referência para estudos acadêmicos sobre a luta pela terra na região e sobre a constituição do campesinato no maior país agricultável do mundo, de maior concentração de terra e violência no campo<sup>101</sup>. A pesquisa foi apenas um passo em um momento de golpe na nação onde resistimos e áreas de luta são quilombos onde o povo resiste organizado aos retrocessos cotidianos.

Pátria ou Morte, Venceremos!

---

<sup>101</sup>[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150419\\_relatorio\\_mortes\\_ativistas\\_rm](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150419_relatorio_mortes_ativistas_rm)



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade:Lugares, Situações, Movimentos.** Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011.

BRESSAN, Gino. **O Profetismo Bíblico:Uma introdução ao profetismo e profetas em geral.**Petrópolis: 1978.

CARSTEN, Janet. **Culture of relatedness: new approaches to the study of kinship.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000

CARVALHO, H. M. **A expansão do capitalismo no campo e a desnacionalização do agrário no Brasil.** Reforma Agrária: Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária, Campinas, ed. esp., p. 31-43, jul. 2013.

CHAYANOV, Alexander. **La organización de la unidad económica campesina.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

COELHO, Fabiano. **A Prática da Mística e a Luta pela Terra no MST Dourados, MS** : UFGD, 2010

COLLEDGE, R.G. **Sydney's metropolitan fringe: a study in urban-rural relations.** Australian Geographer, 1960. Vol. 7, nº 6, p. 243-255

COUTO, Gustavo. **Brincando na terra: Tempo, política e faz de conta no acampamento Canaã (MST-DF),** Dissertação, DAN-UNB. 2016

CUNHA, José Marcos Pinto da. **A migração no Centro-Oeste brasileiro no período 1970- 96: o esgotamento de um processo de ocupação.** Campinas: NEPO/UNICAMP, 2002.

DELGADO, Guilherme Costa. **Do Capital Financeiro na Agricultura à Economia do Agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965- 2012).** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

DU BOIS, W. E. **The Philadelphia Negro,** Millwood: Kraus-Thomson Organization Limited. 1975.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra.** Minas Gerais: Editora UFJF, 2010

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil.** Petrópolis, RJ: VOZES, 2000.

FICO, Carlos. **O Grande Irmão: da operação Brother Sam aos anos de chumbo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FREI SÉRGIO. **A luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Scritta, 1993.

GRAMSCI, **A. Cadernos do Cárcere, volume 2/** edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-editor, Luiz Sérgio Henrique e Marco Aurélio Nogueira. – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HOUSTON, James. **Cidadania insurgente : disjunções da democracia e da modernidade no Brasil**. Companhia das Letras, 2013.

IANNI, Octavio. **A classe operária vai ao campo**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991. [1968]

MACHADO, Vitor. **Agentes religiosos e motivação política: A influência da igreja católica na organização do assentamento II Sumaré**, em Sumaré – SP – tese USP. 2002

MAFEJE, Archie. **The theory and ethnography of african social formations**. The case of the interlacustrine kingdoms. London: Codesria book Series. 1991.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Reforma agrária: o impossível diálogo**. São Paulo: Edusp, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os camponeses e a política no Brasil**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Território na geografia de Milton Santos**. São Paulo: Annablume, 2013.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

NEVES, Achiles Lemos. **Dos Movimento Movimentos socioespaciais aos Movimento Movimentos socioterritoriais: uma tentativa de compreensão dos Movimento Movimentos pela perspectiva geográfica.** Goiânia: VI Congresso Brasileiro de Geógrafos (Anais), 2004.

\_\_\_\_\_, **O Papel dos Estados Unidos da América no Golpe de Estado de 31 de Março**, Phyllis Parker (Editora Civilização Brasileira, 1977).

PARK, R. **Um roteiro de investigação sobre a cidade.** In: VELHO, G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

RAMOS, A. G. **Mito e verdade da revolução brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963

SANCHIS, Pierre. **“O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões?”.** In: HOORNAERT (org.). História da Igreja na América Latina e do Caribe: o debate metodológico. Petrópolis: Vozes, 1995, p.81-131

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005

SEVERO, Denise de Sousa. **Planejamento urbano no Distrito Federal: o caso de Ceilândia.** Distrito Federal, Brasília 27 de agosto de 2014.

SILVEIRA, Ubaldo. **Reforma agrária: a esperança dos “sem-terra”.** Franca: FHDSS-UNESP, 2003.

SPOSITO, M.; WHITACKER, Arthur. **Cidade e campo – relações e contradições entre urbano e rural.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

STEDILE, João Pedro. **Entrevista. Caros Amigos**, São Paulo, n. 18, p. 5, set. 2003. Especial Reforma Agrária. Disponível em: <<http://www.midiasemmascara.com.br/artigo.php?sid=1323>>. Acesso em: 5 mar. 2007.

TONETTO, Sandra. **Clamores da luta pela terra, trabalhadores e igreja na busca de transformações sociais.** 2007

VEBLEN, T. **A Teoria da Classe Ociosa – Um estudo econômico das instituições.** Trad. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Atica, 1974. (Os pensadores).

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** Ed. Pioneira, São Paulo, 1973

\_\_\_\_\_. **“Sociologia da Religião” cap. V.** In Economia e Sociedade. EdUnb. Brasília. 2000.

WOORTMANN, k. **Com parente não se negocia.** In: Anuário Antropológico, Brasília: UnB, 1990, pp.11-73.